

No Bom Jesus do Monte de Camilo Castelo branco

A Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento
DE GUIMARÃES

MEU AMIGO

Se você, hoje, por volta de duas horas da tarde, subisse à espinha das serras que sobranceiam o seu majestoso palácio de verdura, e apontasse de lá o seu óculo para estas eminências do Sul, via-me num cabeço de outeiro, que chamam aqui o castelo de Vermoim. No penhasco mais a pico me sentei, olhando por essas pradarias fora, até onde a corda dos serros me abalizava o horizonte, para além do qual se transmuntava o meu espírito a visitar Francisco Martins entre os seus milhares de amigos – milhares de livros, quero dizer.

Eu bem sabia que você, dobrando a página da brochura, acendendo o quinquagésimo cigarro, acolheria o hóspede desenfastiadamente, perguntando-lhe:

– Que faz no castelo de Vermoim a matéria que te cá mandou, espírito?

– A matéria que me cá mandou – responderia o eu com ambições de graça – desde que o amar das cristãs lhe desmiolou a cavidade craniana, anda em cata de moiras encantadas, no ímpio propósito de moirizar-se, se alguma o envolver nas madeixas negras, destrançadas com pente de ouro e pérolas. Neste ruim fadário, aquela pobre matéria, onde me acho transmigrado por eleito de não sei que malfetorias da minha vida anterior, vagamundeia por castelos velhos, pardieiros ensilveirados, e toda a espécie de rumarias. Eu vou naquele corpo onde me ele leva; porém assim que sinto latejar-lhe no coração alguma saudade de amigo, aperto com ele, estampo-lhe painéis de bem tristes memórias em tudo que possa lisonjear-lhe os sentidos grosseiros, e consigo assim desatar-me da matéria, e voe lar ao amigo, que lhe deu no coração o rebate da saudade. Por isso aqui estou.

Isto dito, entrava o meu Francisco Martins, com alçada de amigo e irmão, a sindicá-lo do meu delegado coisas meramente do foro dele, e havia de sorrir às respostas, que o fariam enternecer há dez anos. O meu espírito, porém, contente do seu ridendo agasalho, viria dizer-me: «Ouvii-me; sofreu enquanto pôde os impulsos do riso; mas afinal desafogou na mais sensata das casquinadas, e falou assim em conclusão:

– Vai-te ao castelo de Vermoim, e diz à infausta matéria, cuja és, que se não desça de lá sem que a fome e a sede a atormentem.

– Há ideia filosófica em semelhante aviso? – perguntaria a minha matéria ao meu espírito.

– Ah, bruta! – responderia ele. – Quer dizer que, no estado a que te reduziste, uma só sensação – fome e sede – te podem ligar agradavelmente à realidade plástica. Vem a dizer que te desças desses mundos fumarentos, que te azedam as lágrimas nos olhos e te empeçonham o ar dos pulmões. Quer dizer que, de espiritualizares em demasia a tua animalidade, tocaste o extremo da brutificação. Quer dizer que cuides mais de ti do que de mim, e aqui do coração, meu néscio vizinho, que tem abusado do meu nome em vilíssimas negociações com a matéria alheia, fazendo-me perder noventa

e nove por cento dos meus créditos, granjeados em tanto labor de livros, nos quais eu quis mostrar que o conhecia a ele e aos outros. Quer dizer...

– Basta! – interromperia eu. – Caro há-de pagar a audácia com que me vens comentar as palavras de Francisco Martins. Eu te farei abafar nas intumescências da baixa víscera...

– Do estômago? – havia de ele atalhar. – Relambória bravata, minha pobre sandia! Tomara-te eu mais atochada de fibra sã, e regada de meandros de bom sangue, que eu me remontaria sobre estas feminidades parvoinhas em que me trazes anãzado há vinte e dois anos! Não sabes tu que Newton e Descartes comiam mirificamente? Quando ouviste dizer que Luís de Camões jejuava? Almeida Garrett pompeava nas esquisitices da mesa. Alexandre Herculano dá jantares de Lúculo aos literatos que te fazem umas cantilenas métricas tão cepilhadas pelo gume do ideal, que parecem suspiros de silfos. O Castilho, o subtilíssimo poeta, come legumes, é isso verdade; mas já o viste misturar camarões e salada de lagosta, e outras iguarias nervosas aos feijões carrapatos? Que sumidade inteligente careceu de me sacrificar as regalias da minha irmã? Cita-ma lá!

Ponderadas estas e outras cláusulas irrespondíveis do meu espírito, desci do castelo de Vermoim, e, sentado à mesa farta da hospitaleira casa que me agasalha, experimentei o elastério das mucosas, desde a abertura do esófago – pórtico magnífico de templo por onde fazem triunfal entrada muitos homens de polpa—até ao cárdia, outra porta por onde sai o mais acrisolado amor da pátria deles, para entrar na comum elaboração da matéria universal.

Afogado o espírito nos vapores de uma digestão difícil, vim sentar-me a escrever-lhe esta carta, Francisco Martins, por debaixo do seu nome, que eu tinha posto na primeira página de um livro, oferecido à sua amizade.

Não foi bem por amor das moitas que eu fui ao castelo de Vermoim. Foi parte nisto o Arnaldo Gama, que está publicando num jornal o Segredo do Abade, romance que é exordiado por um bosquejo das antigalhas deste lanço do Minho. onde estou. Diz o romancista que de um alto de São Miguel das Aves se avistava o castelo de Vermoim, a torre de Numães, etc. – Que castelo é este que eu tenho aqui tanto à mão? – perguntei eu ao corógrafo Carvalho, o qual me respondeu assim a páginas 320 do tomo I:

«O quinto e último julgado de que se compõe o termo de Barcelos, é o de Vermoim, nome que tomou de um castelo que nele está, e este de um fidalgo que o senhoreou, chamado D. Vermui Forjaz, derivado de Varamundo, progenitor dos Pereiras, que por ali teve seu assento, etc.»

Desisti de saber onde teve por ali seu assento o progenitor dos Pereiras; mas quis ver o castelo de D. Vermui Forjaz. Estava eu lá, e perguntava ao proprietário do rocim, esbofado da subida: «Onde é o castelo?» – E aqui – dizia ele. «Estás enganado, ou o teu castelo é dos que se fazem em Espanha – repliquei. – Dá-me conta do castelo do meu amigo Arnaldo Gama, castelo que ele viu e mais o seu amigo Delfim Maia. Pode ser que eles, como rapazes, imaginassem castelos; mas o padre Carvalho era um homem grave e ancião, quando escreveu aquilo de páginas 320, tomo primeiro. Que é do castelo de Vermoim, rapaz?» – É aqui – redarguiu ele, já desconfiado que eu fosse algum dos celerados moiros que por ali andam à tuna a horas mortas.

O castelo, meu amigo, é um acervo de penedos onde nunca entrou broca, nem estanceou gente que não tivesse cabras a pascer pelas lombas da montanha. D. Vermui, se ali morou, vivia alapardado em lura que não lobriguei. Aqueles fidalgos godos trouxeram das Astúrias a costumeira de viverem subterrâneos: é possível que o progenitor dos Pereiras Forjazes por lá deixasse os seus valentes ossos empedernidos nuns como fragmentos de rocha que por lá topei, com rijo agravo dos meus pés. Lou-

vores ao honrado varão que fez D. Fuas Pereira, o qual fez Dona Maior Pereira, a qual fez D. Rui Forjaz, o qual fez... todos fizeram o que puderam, menos castelo.

Outrossim, diz Arnaldo Gama que avistara do alto de São Miguel das Aves a torre de Numães. Aí me vou eu, serra fora, em cata da torre de Numães.

Aqui está uma casa a desabar com três janelas de cantaria grossa. Deve de ser aqui o paço da antiga Honra de Numays. E a torre, que é dela? A torre, que o romancista Viu, esboroou-se há mais de cem anos. O pai de um lavrador sexagenário, que ia comigo, ajudou a demolir a capela, quando já não existiam vestígios exteriores da torre. Fui esquadrihá-los internamente. Lá está, a um lado do primeiro e único pavimento, uma porta pontiaguda, empenada sobre um desvão destelhado: ali seria a entrada para a torre. Vivem nas relíquias do famigerado paço os caseiros dos condes de Vila Pouca, descendentes transversais dos senhores de Numães. Pois aqui viveram destas paredes adentro façanhosos e namorados cavaleiros, e formosíssimas donas e donzelas. Deviam de sê-lo as duas Elviras, uma que veio de Palmeira casar ali com Rui Nunes, e outra que dali foi casar com D. Pedro Mendes Gandarai. Dos mancebos que por aqui se enrijaram nesta valente natureza, um Pedro Rodrigues, se morreu de amores por uma tia; outro, desconsolado também por coisas do coração, foi-se à Itália morrer bravamente na hoste de D. Henrique, infante de Castela, em 1266. Naqueles paços actualmente presumo que um amante infeliz, em vez de se ir morrer lá fora, pôde deixar-se comer dos ratos que, enquanto a mim, engoliram a torre.

A distância de um tiro está o palácio, em magníficas ruínas, dos senhores de Farelães, Correios de Lacerda, em que sucederam os condes de Terena. Fui visitá-lo a convite de Frei Luís de Sousa, autor da Vida do Arcebispo. Fiei-me na seriedade deste dominicano, e lá encontrei o filho do roble, que ele encarecera nestes termos: «...Cerremos este capítulo com uma monstruosidade que mostraram ao arcebispo os moradores do lugar de Ruivães.. Era uma árvore de tão desmesurada grandeza, que dentro no tronco, que da muita antiguidade tinha aberto e oco, se armou uma mesa, e o arcebispo se sentou a ela numa cadeira, e por memória no mesmo sítio e assento visitou a freguesia e tinha também lugar dentro a testemunha que vinha dizer o seu dito. A ramada, que de si lançava esta árvore, era tão grossa e estendida, que afirmavam chegava a dar todos os anos sessenta alqueires de bolota. Bem podemos cuidar que seria tal planta tão antiga como a terra que a criou...».¹

Cento e vinte anos, ou mais, depois que o arcebispo a vira, lá estava ainda a árvore, que o padre Carvalho, na Corografia, recomenda nestes termos:

«Na aldeia de Rebordelo, que antigamente se chamou Roboredo, está a (casa) do mestre-de-campo Manuel Correia de Lacerda, senhor de Farelães, e dentro do pátio tem um grande carvalho que o cobre todo, a mais formosa árvore para o intento de quantas tenho visto».²

Enorme é o carvalho que se nos depara no pátio da majestosa anciã: cercam-no uns bancos de pedra bruta, amarrados uns nos outros pelas raízes corpulentas da árvore. Não é, porém, aquele certamente o coevo de Fr. Bartolomeu dos Mártires.

Desculpe, Francisco Martins, estas delongas à conta de uma árvore. Você sabe que amor eu tenho às árvores. Andam-me gotas de sangue celta nas artérias; antes me queria a viver entre os bárbaros adoradores do Têutales, que entre os calaceiros pastorinhos da Arcádia.

Este livro, que eu lhe dedico, tem muito com arvoredos. Fez-se a pedaços, ou a pedaços o coração o foi encadernando nas florestas do Bom Jesus do Monte. A minha ambição é possuir uma árvore que me cubra com um pavilhão de folhas a casa de sete

¹ L. I, Cap. XIV.

² T. I, pág. 329.

palmas, que hei-de comprar num cemitério, onde os meus vizinhos não tenham epitáfios que façam rir os visitantes. Não sei quando entrarei em negociações com o município acerca desta propriedade: será quando o preço de um livro me der para a sepultura e para a árvore. Um escritor assim ambicioso em Portugal tem que esperar.

Meu amigo, adeus. Aqui tem os efeitos espasmódicos do enchimento do estômago. O estilo não é o homem, é o alimento. Creio que volto ao castelo de Vermoim para rarefazer, à corrente do ar, as vaporizações que me obumbram o espírito. Um sujeito que se nutre do perfume das flores será infeliz; eu, porém, mais quero o espírito em penas, que em letargia. Agora sinto-me infeliz e bruto.

Aceite você assim, meu caro amigo, a amizade agradecida, e o livro menos vivedouro que ela,

6 de Março de 1864.

do seu

CAMILO CASTELO BRANCO.

NO BOM JESUS DO MONTE

Quem sabe até o que irá de mistérios nas flores e nas árvores! Que idílios, que elegias, que divinos poemas não correrão nas florestas com o murmurinho dos ventos em estrofes de aromas inteligíveis às árvores congêneres, e às flores da mesma espécie?...

CASTILHO – *Amor e Melancolia.*

Estas árvores são minhas amigas há vinte e sete anos. Vim hoje aqui despedir-me delas: creio que para sempre me despeço.

Tenho que abraçar as mais dilectas e confidentes: umas que já eram velhas quando, em minha infância, as vi; outras, que eram tenras então, e agora bracejam frondes de luxuriante mocidade. Eu já encaneci; e elas verdejam exuberantes de seiva. Faço trinta e oito anos, inclinado à sepultura; e elas têm três séculos que viver, trezentas primaveras para se vestirem de galas novas. Meus netos virão saborear-se em vossas sombras. Ó carvalheiras, ó verdes pavilhões que me cobristes nas máximas tristezas e alegrias de minha vida!

Seria engodo ao riso andar-me eu aqui abraçando árvores, se alguém me visse. Que o não saibam os tolos, nem os felizes!

Eu escondo-me de toda a gente, quando me sinto *poeta*, que o mesmo é dizer *sensível*. Em coisas materiais é que me exponho francamente, para que toda a gente me tenha em conta do comum barro. Furto-me quanto posso a distinções odiosas, e às ridículas ainda mais. Ser tolo é má coisa; ser mau é coisa pior; mas quem puder livrar-se de ser ao mesmo tempo mau e tolo, seja antes mau. Os tiros do ódio podem ferir; mas assanham os brios, e dão azo à vitória; porém os tiros do escárnio matam sempre.

Mal soantes são estas divagações aqui!

As minhas árvores desconhecem-me nesta linguagem. Estão afeitas a verem-me contemplativo. sereno, e enlevado no azul do céu ou no lago verde que lá em baixo se complana como bacia de águas precipitadas das catadupas do Gerês. Verei se consigo afinar a minha alma por umas toadas que rumorejam de entre as selvas. Dá Deus estas harpas místicas aos arvoredos em benefício dos ânimos conturbados, que se acolhem fugitivos a ermos onde eles cuidam que o Céu os há-de ouvir. Acalentava a música o exasperado Saul. Bons tempos! A música de agora é irritante. Há pouco entrei no templo: o sacerdote consagrava a hóstia, e o órgão entoava a *Traviata*. Santo Deus! Quem quiser música de adormecer dores, e levantar a alma à sua origem, há-de pedi-la à viração e à folhagem das florestas. Para infelizes este sóido parece um treno funeral; para os contentes soará isto como um cântico de festa.

Não sei porquê: as mais alegres índoles, quando aqui se defrontam com esta santa melancolia dos bosques, suavemente se recolhem numa tristeza pensadora. As mulheres, que de tudo motejam e com todas as frivolidades se alvoroçam, tenho-as visto aqui meditativas, sérias, e, por isso, muito mais avantajadas no quilate do seu merecimento. Não que estas grutas naturais sejam um como antro de Trofónio, onde os imprevidentes visitantes perdiam a preciosa faculdade de se rirem. Atroz coisa seria essa, mormente para senhoras dotadas de bonitos dentes. Não é assim: a tristeza deste remanso é generosa, é espertadora de salutareos pensamentos, é joeira por onde os nocivos se estremam, é, enfim, tristeza que nos vem esmolada do Céu.

Pode ser que o meditar da mulher, ainda não felicitada com a posse de um marido, sejam saudades do marido que há-de ter. Os ascéticos dirão que a montanha do Senhor deve espiritar as almas a concepções mais remontadas. Os louváveis desejos das pessoas devotas se edificariam mais vendo aqueles ranchos de meninas a rezarem a Via-sacra, entoada no diapasão lastimoso que move a prantos. Eu também propendo à opinião dos místicos; mas, às vezes, se as contemplo alheadas pelo firmamento além, cuido que Deus as ama assim, e não há razão ponderosa para que nós as queiramos de outro feitio e modo de pensar e orar.

São as árvores uns grandes livros abertos, onde todos deletreamos coisas que não constam da Via-sacra, nem ainda do precioso livro do senhor Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.³ Creio até que ninguém as estampou, ou apenas muito em sombra as bosquejaram o poeta das *Legendas*, o poeta do *Amor*, e o poeta das *Meditações*. O que eles não disseram está no poema intraduzível de todas as almas, tirando a partido que essas almas se chamem Lamartine, Castilho, Vítor Hugo ou um nome assim, que dê à humanidade orgulho de o proferir.

O autor das *Contemplações* diz:

*Crois-tu que Dieu, pour qui la forme sort du nombre,
Aurait fait à jamais sonner la forêt sombre,*

.....

*Et qu'il n'aurait rien mis dans l'éternel murmure?
Crois-tu que l'eau du fleuve et les arbres des bois,
S'ils navrent rien à dire, élèveraient la voix?*

.....

*Non, l'abîme est un prêtre et l'ombre est un poète;
Non, tout est une voix et tout est un parfum;
Tout dit dans l'infini quelque chose à quelqu'un.*

.....

*Dieu n'a pas fait un bruit sans y mêler le Verbe.
Tout, comme toi, gémit ou chante comme moi;
Tout parle. Et maintenant, homme, sais-tu pourquoi
Tout parte? Ecoute bien. C'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers. tout vit!
Tout est plein d'âmes.⁴*

Isto, que diz Vítor Hugo, é bom que não seja muito notório. Se o zeloso clero das cercanias do Bom Jesus vertesse à letra o *tout est plein d'âmes*, e o livro, que tal afirma, não escapasse ao *index* do sacro colégio, veríamos as florestas mansíssimas da montanha invadidas pelos exorcistas e pelo machado, modos sabidos de afugentar almas das árvores. O grande poeta queria dizer que as árvores têm vozes misteriosas, e os corações audição interior que as escuta, e o entendimento lucidez que as compreende. Não me parece que ele quisesse denunciar à liturgia demonográfica legiões de almas-

³ *Memórias do Bom Jesus do Monte, em Braga.*

⁴ *Ce que dit la bouche d'ombre. Contempl. XXVI, T. II.*

penadas, daninhas à silvicultura. Deixemos dizer o poeta o que nós ignoramos, e deixemos também que as formosas romeiras do Bom Jesus se entendam com os espíritos da soledade, vestidos dos matizes da iriada borboleta, ou coruscantes na folha orvalhada com que brincam os primeiros raios do Sol. Elas é que bem entendem o que dizem as ramagens; e pode ser que deste seu diálogo com o invisível resulte não as entendermos nós a elas. De força hão-de ser algum tanto aéreas as iluminadas criaturas! Nós, maus e parvos, é que as queremos arrasar e restringir às nossas proporções. Chamamos devaneamento, desvario, ou coisa pior ainda, ao que, bem pensado, não é senão comércio e trato, pacto e aliança com famílias aeriformes, incoercíveis às nossas mãos calejadas de martelar na vida material. Aos maridos cumpria saberem isto, e aos galãs seria de muito no seu ofício um curso de espiritismo, não estudado na Alemanha, mas entre as meninas que conversam os arvoredos do Bom Jesus.

De mim, sem embargo de vaidade ou pejo, confesso que por lá andei matriculado nestes cursos, e não aprendi nada; ou o que aprendi, se o quero aplicar agora, é trabalho serôdio, que não tem que ver com a ciência do mais aconchegado barrete de dormir, e flanelas correspondentes à quadra de vida de decomposição em que me acho e palpo.

Porém, sem ninguém me pedir contas, quero eu dá-las das minhas horas propícias e esquerdas nestas amenidades, de onde me hão-de sempre vir, em rebates de saudade, as acordes toadas das harpas eólias, que as filhas queridas da minha imaginação lá impenderam daquelas ramas, e a mão ignóbil da prosa me tirou a terra e despedaçou.

Quando eu lá ia, voltava sempre melhor. Nunca me aconteceu outro tanto ao dobrar a última página de livro de moral. Enquanto eu soube ler nas folhinhas das árvores, ia lá: agora que o gear da desgraça e do trigésimo oitavo inverno – consintam a impropriedade – me vai oxidando a alma, que iria fazer eu lá? Já não sei ler aqueles poemas, aqueles sublimes evangelhos, que o Senhor mandou escrever ao seu máximo apóstolo: a Natureza.

Se eu tivesse filhos, havia de ir ali passar com eles três meses cada ano. De madrugada, e aos primeiros assomos da noite, iríamos ao bosque da *Mãe-d'água*, e ouviríamos a glória do Senhor narrada pelos Céus. E mais nada.

E os meus filhos seriam bons.

1835

I

Tinha eu nove anos, e era órfão. Dois meses depois deste desamparo, com o tenro coração fistulado de saudade, a desbordar de lágrimas, e os ouvidos ainda ressoando-me à alma o estertor da agonia de meu pai, é que eu, pela primeira vez, entrei no Santuário do Bom Jesus. As lembranças, gravadas pelas fugitivas impressões daquela idade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as épocas ulteriores que ali fui, o tão remoto passado, com as suas quase delidas memórias, vinha entreluzir-me nas comoções melancólicas do presente. Os grupos piedosos das capelas que prendem a curiosidade da criança, já enternecendo-a com o aspecto doce e aflito de Jesus, já apavorando-a com o gesto sanhudo e esgares ferozes dos soldados de Pôncio, pouco me lembram, salvo um rapaz do meu tamanho de então, que chegava os pregos aos crucificadores do mártir. O que ainda indelevelmente diviso na tela do meu espírito dos nove anos, é as grandes árvores, as sombras escuras. os penhascos musgosos, e, lá em baixo, um oceano de verduras ondulando entre outeiros, e à volta dos presbitérios, casalejos, e edifícios de grande porte, que alvejavam de entre a espessura dos arvoredos.

Que devanear seria o meu naquele dia? Quando eu punha os olhos, carregados de lágrimas, no azul do céu, que tão outro se me figura hoje, que asa de anjo da angústia levaria para lá a minha prece! Nela se me iria a alma, em anseios de saudade, procurar meu pai que, ao sair do mundo, nem sequer me deixara mãe, que me ensinasse a orar por ele.

Devo ajuizar da minha precoce sensibilidade, recordando que, dois meses antes, entrei, por noite alta, na sala onde meu pai estava amortalhado sem mais companhia que quatro círios de chama azulada. Ajoelhei, sem orar. Afastei da frente do cadáver o capuz do hábito, e beijei-lha. Pus também a boca nas mãos glaciais; senti um frio de que ainda o coração me guarda a memória: o frio do ambiente dos mortos. Ao meu lado, ninguém. A irmã, que eu tinha, alguns anos mais velha, encerrara-se com a sua dor e com o seu terror de cadáveres. E eu estava ali, destemeroso das sombras que desciam dos ângulos do tecto à penumbra do clarão oscilatório das tochas. Largo espaço contemplei a face de meu pai, aformoseada pelo resplendor da aurora do dia eterno; e assim ponderei as últimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frívolo espírito dos meus nove anos: «Que será de ti, meu filho, sem ninguém que te ame!...»

Poucas horas depois que mas disse, fez-se noite naquela alma: dez dias volvidos as trevas desataram-se ante o alvorecer da eternidade. E eu assistira, dia e noite, a esta agonia.

II

Deram-nos um tutor, que nos mandou para Trás-os-Montes acolher ao abrigo da irmã de meu pai.

Embarcámos no barco a vapor, chamado *Jorge IV*. Uma criada, que tinha ares de mestra de minha irmã, veio connosco, estipendiada por conta do nosso património. A senhora Carlota Joaquina não me esquece. Era uma mulher gorda, façuda e frescalhona, que bolsava os fígados do beliche abaixo, e gritava *à-d'el-rei* de aflita com o enjoo.

Era imundo, sujo a mais não poder, o *Jorge IV*. A câmara era comum dos dois sexos, com menos resguardo que os mosteiros dúplices da Idade Média; mas os ânimos dos passageiros pareceram-me a negação de toda a ideia monástica. Os homens do

beliche do segundo andar conversavam com as mulheres do primeiro diálogos entrecortados de vômitos. A senhora Carlota, que ficou à minha esquerda, praguejava contra o seu destino; e o meu vizinho da direita, sujeito de grandes barbas, saía do beliche em menores para lhe ter mão na testa. Esta caridade absolve a inconveniência da mistura.

Dos passageiros nenhum falava inglês, e o criado da câmara, que também era fogueiro, atenta a negrura encarvoadá da camisa e cara, quando lhe pediam chá, café, ou um caldo de galinha, dava sempre água por um canudo de lata.

Carlota exclamava:

– Eu morro!

– Tenha paciência, menina! – acudia o homem das barbas. – Não há-de morrer, querendo os deuses.

Devia de ser pagão, o monstro.

– Eu morro! – rebramía ela. – Quero confessar-me!...

– Não peça a confissão a estes brutos – observava-lhe o meu vizinho – que além de não terem Deus nenhum. se a menina lhes pede um padre, trazem-lhe água na lata surrada.

Havia muito mar quando se avistou a barra do Porto; e por isso arribámos à Galiza.

A nossa Carlota, assim que pôs os quatro pés e os dois estômagos na hospedaria de Vigo, engordou outra vez. O pagão não saía da beira dela. No dia seguinte abalou a caravana para Tui, por uns caminhos que Deus e a civilização já fizeram desaparecer da face do globo. Ao outro dia passámos a Valença; depois a Ponte de Lima, e de lá a Braga, em romagem ao Bom Jesus. Seria súcia de vinte romeiros, que deviam, cumprido o voto, separarem-se para suas terras e destinos.

Aí está dada a razão da minha ida ao Bom Jesus em 1835.

Agora contarei umas miudezas que me caem a propósito.

Na comitiva ia um brasileiro, natural de Barrosas, pessoa de sisuda compostura. Vinha ver a família, de quem se havia separado trinta anos antes. Tratava-me com ar compadecido, e a minha irmã com respeitoso affecto. Via-nos de luto carregado, e isto entristecia-o. Disse ele a Carlota que fôssemos por Barrosas, que pouco torcíamos da estrada de Vila Real, e pernoitássemos em casa dele. O homem das barbas, tenente-coronel enviado a comandar um regimento em Trás-os-Montes, foi também convidado, ou convidou-se ele, não sei bem como foi. A minha criada é que sabia.

A curta distância de Barrosas disse o brasileiro:

– Eu quero entrar desconhecido em minha casa, e descobrir-me passadas horas. Peço-lhes que não digam palavra que me denuncie.

Assim se fez. O brasileiro apeou à porta de uma casa bem assombrada, cujo dono, se bem me lembro, tinha loja de capela. Anunciou-se como particular amigo de seu irmão, e aceitou prontamente para si e para nós a hospedagem oferecida.

Desde a chegada até horas de ceia conversaram acerca do brasileiro ausente. A família era um irmão, cinco irmãs, e mãe, que veio à sala numa cadeira de rodas, onde estava entrevada. A velhinha chorava, e dizia que Deus a levaria sem ela ver o seu filho.

Fomos para a ceia; e a velha, acostumada a cear no seu quarto, despediu-se do hóspede.

Segundo o uso, o primeiro prato que se fez foi o da entrevada, O dono da casa, para não alterar este filial respeito, impetrou vénia dos hóspedes. O nosso companheiro pediu licença para ser ele o portador da ceia à mãe do seu amigo. As mulheres riram da ideia, e foram arranjar o quarto, e ajeitar a mãe para receber a visita, O sujeito das barbas requereu, ou mandou militarmente que fôssemos todos testemunhas daquela

acção. Ergueu-se a gente toda, e foi após o brasileiro. Chegou ele a entrada do quarto e disse:

– Minha mãe dá licença que o seu filho António lhe sirva a ceia?

A estupefacção foi sacudida por um brado do tenente-coronel.

– Viva a ventura! – exclamou ele. – Aqui está seu filho, boa velha! Abrace-o, e morra aqui tudo de prazer!

Aquele quarto era um chafariz com boa dúzia de bicas! Chorava toda a gente!

Não me lembro de mais nada, senão que adormeci à mesa, porque todo aquele gentio ficou a comer até à madrugada.

Ao outro dia saímos ao nosso destino. Meses depois o brasileiro foi a Vila Real consultar o coração de minha irmã, e pedi-la em casamento a minha tia. Não sei quem contrariou este enlace. Tenho a lastimar-me de não possuir um cunhado brasileiro, se mal que o bom António de Barrosas, segundo me informaram depois, morreu ainda anos antes da velhinha entreveçada.

Agora direi duas palavras a respeito da senhora Carlota Joaquina da Silva.

Não se deu com os ares de Vila Real, posto que o seu envoltório adiposo devesse de ser impenetrável ao vento glacial do Marão. Tornou para Lisboa.

Dois anos passados fui eu dar a Lisboa com um par de peúgas e duas camisas atadas num lenço. A minha vida curiosa data de longe!

Pedi ao conselho de família que me vestisse, e o conselho de família, em reunião de 10 de Julho de 1837, deliberou que me vestissem num algibebe, e me reenviassem para qualquer parte... Mas a história é da senhora Carlota Joaquina, e não minha.

Vestido jeitosamente, lembrou-me procurar Carlota, a minha criada seis anos, que tantas saudades me fizera para além das montanhas. Como havia de eu achá-la em Lisboa?

Fui ter com uma família, na companhia da qual estivéramos depois da morte de meu pai, e tirei inculcas com tanta felicidade, que fui dali à Rua da Conceição, onde ela morava.

A primeira pessoa que vi na sala para onde me conduziu uma criada, foi o homem das barbas, que sustinha a testa de Carlota a bordo do *Jorge IV*. Festejou-me, e levou-me lá dentro, onde me saiu muito mais redonda e escarlata a criatura. Deram-me bolos, e recados para a família.

Dez anos depois voltei a Lisboa. Esquadrinhei novamente a morada de Carlota: disseram-me que morava desde 1844 no cemitério dos Prazeres, para onde fora já viúva do general ***, que era ainda o homem das barbas.

Acabou dignamente a jovial Carlota, que meu pai mandara buscar ao cardenho de uns pescadores de Sesimbra! Não morreu viscondessa, porque o general rejeitara a graça para não pagar os emolumentos.

Eu não sei bem quantos criados meu pai teve, que estão hoje titulares.

1850

I

Ai! a Braga de 1850!... Que transversão de viver, de costumes, de jeitos e feitos, em catorze anos!... Quando ali me vejo agora cuido que dormi o sono de Epiménides, um sono de três quartos de século; e de tudo que deixei, ao adormecer, nada encontrei ao acordar, excepto os sinos e os capotes!

Faz tristeza isto!

As salas de algumas famílias davam às noites de Inverno uma ligeireza tal, que o repontar da madrugada vinha sempre aborrecido. As famílias Brandões, Costas Vilhenas, e Gomes recebiam todas as noites, sem se alternarem, a sociedade selecta. As damas tinham graça palaciana, espírito, donaire, *toilettes* a primor das modas, um ar de Lisboa, da Lisboa mais polida e de mais fina raça. Os cavalheiros pode ser que, menos arraiados e «damnos» – como diria D. Francisco Manuel – estivessem melhor; mas, perdoadada a demasia da galanice, eram moços para se estremarem na mais policiada sociedade: laivos de provincianismo absoluta e redondamente nenhuns!

E, mais que tudo, a lhaneza do tacto, o familiar e confiado acolhimento, o nenhum refolho nem cautela com que a porta da sala se franqueava por igual ao amigo de anos, e ao apresentado de ontem! O forasteiro edulcorava as saudades de família, se a tinha, na cortesia despreziosa e acareadora com que senhoras e homens, à porfia, lhe amenizavam as estranhezas de uma terra, à primeira vista, desconfortável para quem se não despende todo em santimónias, rezas de porta da rua, e clamores de igrejas.

Em Braga, naquele tempo, entre os sujeitos de nascimento ilustre e dotes de alta inteligência primava D. João de Azevedo, poeta e prosador, jornalista e romancista e dramaturgo. Eu tinha-o visto no Porto, hospedado em casa de Rodrigo Nogueira Soares, embrulhado na coberta da cama, de cócoras entre os cobertores, às duas horas da tarde, falando das delícias bucólicas de uma madrugada. D. João adivinhava admiravelmente a formosura de uma

aurora de Julho, que ele nunca tinha visto. As suas alvoradas não lhas anunciava o regorjeio dos passarinhos: era o tilintar dos talheres na mesa de jantar.

Desmentia ele triunfantemente os que dizem que as cabeças dos dorminhocos, cerradas de vapores, carecem da lucidez da ideia e fluência da palavra. D. João de Azevedo, com as pálpebras ainda quebradas de langor do sono, e a preguiça a estirar-lhe a inércia dos músculos, encadeava frases com suma elegância, elegância de ironia, de sátira, descaridosa com as fragilidades humanas; mas, de fora parte a maledicência, perdoável a ouvidos de rapazes, que lhes desculpávamos seus bons quarenta anos, era sedutor!

Quando ouvi o autor do *Céptico*, o discursador do admirável prólogo deste livro, cuidei que encontrara o romancista no homem de romance. Toda a gente, autora de novelas, que eu conhecia, era o invés do que devia esperar-se do inventor ou analisador de tal paixão ou tal personagem. Citarei dois exemplos: o autor do *Eurico*, rosto severo e de bronze, onde nunca flamejou áscua de paixão amorável, que eu saiba, ou que o saiba o mundo. O autor da *Mocidade de D. João V*, deste poema de amores, série de anacreônticas insartadas umas nas outras; quem o dirá? Não me consta que a inspiração o tenha visitado três minutos ao lado dessas mulheres, que, se lhes dá para aí, de um lance de olhos fazem um poeta. Aí estão dois pujantes talentos, dois preciosos tesouros de vocabulários, que só se abrem com a chave de ouro da ficção, e, ante a realidade da vida, se fecham e retraem como as conchas com as pérolas.

Ora D. João vivia ou queria viver como os personagens dos seus romances, se eles fossem cépticos, inimigos da humanidade que lhe desluziu as ilusões, depredadores de algum resto de virtude que ainda por aí houvesse neste globo.

O mundo estava mal arranjado para homens assim. O autor do *Misanthropo* devia irremediavelmente achar-se atravancado de impeços, e asfixiar no ambiente empestado da sua fantasia. Assim foi. Porém era forçoso estimar o talento de D. João, e acreditar nas suas utopias. O paradoxo engraçado ou cloquente, se o coração o acolhe simpaticamente, vai-lhe mais ao âmago que a mais sisuda máxima de Larochefoucauld ou Basto. Destes paradoxos, embriagadores de espíritos verdes, era o autor do *Conde João* um iluminado. Eu, naquele tempo, antes me queria com os doidos iluminados, se me dessem a optar entre eles e os sensatos tenebrosos.

Achei-me com D. João de Azevedo logo que fui a Braga, depois do nosso primeiro encontro em casa de Nogueira Soares, o alegre e estudioso mancebo daquele tempo, que se inscreveu no padrão dos contemporâneos ilustres, e fechou ontem os olhos ao facho da glória, quando ela mais lhe alumia a breve carreira para esplêndidos futuros.

Foi no «Senhor do Monte» que eu ouvi o primeiro discurso de D. João de Azevedo acerca do espiritualismo, das tendências literárias do mundo, do mesquinho alcance das letras pátrias, da gangrena do coração humano, e, em remate, das senhoras de Braga. Depois escrevemos cada um sua poesia na parede da capela da Ascensão de Cristo, no Terreiro dos Evangelistas. A poesia de D. João era um *Adeus à esperança*. A minha era a *Harpa do Céptico*. Como eu pude, naquele local, circunvagando os olhos por aquela terra e céu além, escrever esta coisa entre outras muitas piores:

.....
*A morte vejo-a de perto,
 O sepulcro aberto está.
 Além da campa o que é certo
 Ninguém o diz, nem o dirá,
 É cruel esta incerteza;
 Mas eu morro na firmeza,
 De que tudo acaba ali.
 Já pus na campa o ouvido,
 E ao cadáver corrompido
 Nem um gemido lhe ouvi.*

Quando subscrevi o aranzel de injúrias à minha consciência, e agravos ao Criador, que misericordiosamente mos desprezou, D. João disse-me:

– A mesa da confraria, em lhe constando que está isso aí escrito, manda lavar a parede.

E mandou com suma razão. Dias depois, tanto a minha ímpia e incorrecta poesia, como outras mais ortodoxas e engenhosas foram tragadas pela mesma esponja. Uma, que merecia ser poupada na lavagem, era aquela tão repetida e parodiada então, que começava:

*Se eu fora das noites o astro brilhante,
 Em teus lindos olhos quisera luzir;
 Teus negros cabelos no ar desprendera,
 Se eu fora*

Se eu fora não sei quê.

Desconfio que era de João de Lemos a poesia anónima. Os jornais multiplicaram-na de cabo a cabo de Portugal. Consta-me que as damas, lidas e amantes de versos, se empenharam em desvelar o segredo do anónimo. Saíram tantos progenitores à loira e amável poesia, que afinal toda a gente a tinha feito, salvo a mesa da confraria, a menos que o irmão autor, em castigo de sua vaidade, não imitasse do poeta de Mântua o desprezo aniquilador de suas obras. Não vingou a traça: toda a gente de há quinze anos sabe os versos, excepto eu.

Subindo da poesia a mais remontado assunto, falarei dos lautos jantares que então se comiam na *casa da mesa*, jantares por contribuição de setecentos e vinte réis por cabeça, ou estômago, mais propriamente falando. Algumas dúzias de cavalheiros bracarenses usavam daquele fortalecente prefácio à noitada do jogo de monte, em que o oiro girava profusamente. Vi ali perder avultadas quantias um rico proprietário, que morreu pobre: o barão de S. Martinho. Estas quantias, em abono dos meus créditos, declaro que não lhas ganhei eu. As minhas operações na mesa verde saíam-me tão limpas de consciência como de algibeira. O que eu fazia depois era ir à alameda da *Mãe-d'água* cavar o melhor oiro de saudades e poesia, ou esfriar os calores do sangue na *Fonte das Lágrimas*. Desafogo inocente e exemplar, desforra sublime de quem perde uma pouca de lama cunhada de reais efígies, e legendas sacrílegas, principalmente as dos cruzados daquele tempo.

O. João de Azevedo emparelhava comigo na sorte; mas preferia desafogar-se a dormir. Dizia ele que a própria natureza de árvores e fontes se esquivava a dar enlevos ao homem sem dinheiro. isto agora parece-me que é verdade. Há catorze anos qualquer regatinho murmuroso era para mim uma onda aurífera do Pactolo. Bem me dizia ele, o previsto D. João:

– Tu cá virás. Em te apodrecendo a casquinha do vistoso fruto, verás as cinzas que estão dentro.

E vinha logo uma tese rabeliana, lardeada de chascos ao mundo, e dogmas que encerravam em si a corrupção de três Babilónias.

Saltavam, não obstante, as incongruências do carácter deste homem. O descrido mofador do idealismo na melhor paixão – na paixão por excelência do espírito humano – amava sôfrego, amava em frenesis, comia-se de ódio e ciúme, ia de rosto fito afrontar-se com as conveniências mais invioláveis do pacto social. Coração ou cabeça? Não sei decidir. Inclino-me, porém, ao coração, derrancado pela funesta cabeça que Deus lhe enchera de bom talento, e os desvios da mocidade empeçonharam. Vejam este exemplo:

D. João amava uma mulher rebelde. Imprimiu um livro de cinquenta páginas desairosas para a senhora impassível. Tirou um exemplar único, e mandou desfazer as formas. Mandou-lho a ela; e dessedentou assim a sua sede de amor! Ganhou, com o feito, o rancor da mulher, que lhe custou lágrimas das que se choram aos vinte anos! Era, pois, o coração que chorava: não podia ser a cabeça.

Todos os cálculos lhe saíam envesados; tropeçava no caminho chão para toda a gente; de princípios comuns e infalíveis na lógica trivial inferia disparates; passadiços que os outros venciam com passo firme eram para ele abismos em que se lhe quebravam as pernas. Isto era um mal da cabeça:

não podia ser do coração.

Era belo ouvi-lo recopilar as suas irrisórias desventuras e derrotas. Ele mesmo se punha em alvo dos tiros que lhe revertiam ao peito, chanceando-se e dando-se como exemplo de doidos sublimes, para quem unicamente o Dante designou paragem num recanto do Paraíso, na região tristíssima dos suicidas.

D. João de Azevedo deixou Braga em 1851, e foi para Lisboa no séquito do marechal regenera. dor. Alistou-se nos defensores da reforma... de homens, como quem tinha escrito *Costa Cabral em relevo*, objurgatória fulminante digna de mais corpulento Verres. Escreveu com vária fortuna em dialéctica jornalística; mas sempre desafortunado em proventos dela. Enfuriou-se contra as barreiras férreas do seu destino, e partiu nelas o crânio.

D. João morreu de uma sobre-excitação moral. Foi uma onda de sangue que lhe afogou, afinal, o herpe devorador daquele magnífico cérebro.

Não havia lençol em que amortalhar D. João de Azevedo, cuja família estava em Braga.

Tenho aqui autógrafa uma carta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, escrita, no dia do trespassse de D. João, a José Carlos de Freitas Jácome, autorizando-o a despender, por conta dele, o necessário no decente enterro do seu acérrimo acusador. Rodrigo *lastima o destino de um espírito distinto entre os bem-fadados do talento*. Nas biografias de Rodrigo da Fonseca Magalhães este acto, como tantos de igual quilate, esconde-os ainda a mão caridosa e liberalíssima do grande homem. Deixou ele de modo veladas as suas virtudes, que ainda agora o resguardo delas, preceituado no Evangelho, lhe está revelando mais o brasão na lápide. Morreu mal conhecido.

Lá estão ambas barreiras adentro da eternidade.

O Senhor os terá aproximado para se amarem aqueles dois sublimados espíritos, que se deveram ter abraçado neste mar encapelado da vida.

II

Nos jantares do Bom Jesus era também contributário Jacinto Navarro de Andrade, do Porto. Ainda não topei quem metesse a riso, com mais pico, a poesia de todo o mundo, e nomeadamente a poesia dos que a vão espaiar, e luxuriar pieguices, às copas dos arvoredos do Senhor do Monte. Andava ele comigo por aquelas carvalheiras; eu a cismar e a compor em verso e prosa as minhas saudades; ele a comer uns bolos, chamados forminhas, que se fabricam em Braga. Tinha razão

o Jacinto Navarro: também eu hoje me deleito a comer os bolos muito mais do que a ler o *Jocelyn* de Lamartine. Os meus êxtases eram comunicativos. Eu lia-lhe uma estrofe de idílio começado, ou a página quinta da *Meditação XXIX*; e ele, encarando em mim por cima dos óculos, dizia:

– Isso é bonito; mas dói-me o peito só de o ouvir. Prende a musa aí a um tronco de olmo, e, quando te fores embora, leva-a para as noites de Inverno. Trata de engarrafar saúde e tonizar o estômago. Esta água tem partículas drásticas. Bebe para comeres, e come para beberes. *Ars longa, vita brevis*.

Creio que Navarro ouvira o aforismo hipocrático a seu tio e sogro barão de Sande, médico do senhor O. Miguel de Bragança.

Navarro fora criado nos paços de Queluz. Militar no exército de D. Carlos de Espanha, extinta a guerra civil de Portugal. Recolhera ao Porto, exuberante de seiva da juventude. Dera muito em que entender à moral rabugenta, e constituíra-se o herói do *Roberto Valença*, romance do senhor António Augusto Teixeira de Vasconcelos, ficção, a meu ver, desprendida de toda a verdade e verosimilhança.

Jacinto Navarro tinha cómicas e admiráveis ousadias. Concorremos uma noite a uma sala de província. A senhora da casa, menina e moça, porém mal-casada, morria de amores por um barbado de má cara e piores acções, estupidamente fátuo da conquista, que mostrava à gente, saboreando-se no escândalo. Navarro, pouco espantadiço de imoralidades, fez-lhe mossa aquela.

- O marido desta mulher será cego?! – perguntou-me ele.
- Pergunta-lho – respondi eu.
- É o que eu vou fazer. Mostra-mo – replicou, e foi em demanda do dono da casa. Segui-o, curioso do deslante.

Estava o marido da menina, sujeito de anos maduros, na saleta do fumo, conversando. Navarro cinge-se com ele a fitá-lo muito no rosto, O indivíduo pasma do reparo, e pergunta:

- Que quer o meu amigo?
- Dá-me licença? – respondeu Navarro, tomando um castiçal, e chegando-lho ao rosto. – Desculpe a pergunta: vossa excelência não vê bem?
- Não vejo, não senhor. Do olho esquerdo, tapando este direito, não vejo nada.
- E do direito, tapando o esquerdo? – tornou o indiscreto.
- Vejo optimamente.
- Vê?! Pois ninguém o dirá! – retorquiu Navarro.
- Porquê?
- É que vossa excelência, examinado ao perto, parece que tem ambos os olhos cataratados.

– Pois não tenho, graças a Deus.

– Ainda bem, ainda bem – terminou, com a mais teatral seriedade, Jacinto Navarro.

E, voltado para mim, continuou:

– Diz que vê optimamente do olho direito; mas costuma fitar somente o esquerdo na mulher. Estou satisfeito.

Andávamos um dia, em Braga, a visitar as travessas e quelhas desconhecidas.

Disse-me ele:

– Não observaste ainda que em Braga há muito homem chamado Gaspar?
 – Já dei tento disso – respondi. – Naturalmente foi nome que ficou em moda desde que esteve aqui um D. Gaspar, arcebispo.

– Será isso. Queres tu apostar comigo que neste beco há um Gaspar?

– Em oito casas duvido.

– Apostas? um charuto havana.

Pactuada a aposta, dirigiu-se ele a um sapateiro e perguntou:

– Faz favor de me dizer onde mora aqui o Gaspar dos Anjos?

– Gaspar dos Anjos! – disse o interrogado. – Aqui não há nenhum Gaspar dos Anjos?

– Pois – replicou Navarro – não mora aqui neste beco nenhum Gaspar?!

– Moram dois – respondeu o sapateiro. – Um sou eu, que me chamo Gaspar Francisco; o outro mora aí ao fundo da rua; mas esse é Gaspar António... Ora agora, dos Anjos não me consta que haja Gaspar nenhum, só se for aí na travessa da sua esquerda, que há lá dois Gaspares.

Jacinto volveu-se para mim, e disse vitorioso:

– Dá cá dois charutos!

Catorze anos depois estava eu no Hotel da Boavista, no Bom Jesus. Os senhores João de Mendança e António de Carvalho, de Braga, passavam comigo um pedaço da noite. Contei-lhes este caso dos Gaspares, e vi que os moços se riam extraordinariamente. Justificava o riso, não a graça do narrador, mas a esquisita coincidência de ser Gaspar um dos meus amigos: o senhor António Gaspar de Carvalho. Desde então protestei abster-me de contar o sucesso a cavalheiro de Braga, sem ele me dar o seu nome por inteiro.

Jacinto Navarro de Andrade desbaratou o seu património.

Resolveu um dia ser empregado público, e foi para Lisboa, com esposa e dois filhos, solicitar protecção da senhora infanta O. Isabel Maria, madrinha de sua mulher. Era em 1856. Surpreendeu-os em Lisboa a febre amarela. A menina foi a primeira ferida do contágio. Já sem sintomas de vida, renasceu, e vive formosíssima no Porto. Em seguida caiu a mãe, e morreu. Navarro, o homem que parecia pai e esposo frívolo e impenetrável a grandes dores, quando viu a esposa cadáver, vai ao estabelecimento do Nilo, toma um banho frio, e entra em casa moribundo para expirar horas depois.

Tenho uma verdadeira saudade deste homem. Creio que estas são as primeiras linhas que o recordam e lastimam.

D. João de Azevedo e Jacinto Navarro de Andrade, ambos agarrochados pela sociedade, lá estão bem desfeitos na leiva de um valado perdido no cemitério do Alto de São João.

Estou a vê-los, na sala de jantar dos «Dois Amigos», em Braga, dando-se conta das variedades de mulheres que tinham estudado. Navarro era o panegirista das actrizes em geral, e de todas as criaturas, rainhas da criação, em particular. O. João de Azevedo dizia que a mulher inocente só no estado de feto se podia considerar tal. E eu escutava-os, pedindo ao Senhor que me preservasse de esfolhar, como eles, as grinaldas dos meus ídolos.

Pobre Jacinto Navarro! quem me dera ver-te! Agora é que tu te rias!

1852

I

É esta uma data que eu cuidava então assinalar, como se a visse esculpida no frontal de um encantado palácio de fada, que me dissesse:

«Aqui mora a felicidade infinita. Podes entrar e mandar, que a casa é tua». – Palácio do moiro amador

da Real Branca, de Lorvão senhora,

como canta o mavioso Garrett; palácio de rubis, topázios. esmeraldas e granadas, como o fantasiam todos os tolos inofensivos, quando apanham caso na sua vida que possam datar gloriosamente.

1852! Ponho isto como Alexandre poria *Arbeles!* – como César, *Farsália!* – Pedro I, *Pultava!* – e Napoleão, *Austerlitz!*

Então é que eu me senti maior que a minha estatura! Debaixo de meus pés parecia-me sentir terramotos: o globo não podia com a minha glória, e dava de si! Os astros saíram naquele dia a verem-me; e o Sol era uma lanterna de furta-fogo em comparação dos sistemas solares que eu tinha cá dentro!

Quando se sente isto, a gente não cabe na pele, e estoira; e, se não estoira, tem destinos maiores da marca!

História de amores, meus amigos! não pode ser senão de história de amores este exórdio, acentuado pela solfa do coração, que me está pulando.

A alvorada era de Julho.

A passarinhada felicitava-me na montanha das árvores queridas.

A mulher amada era Aldonsa Lourenço.

O cavaleiro da triste figura, perdoa-me tu! Sublime doido, releva esta camaradagem no homónimo das mulheres amadas! Tu e eu quebramos as caras próprias e as alheias a paladinar por Aldonsas. Uma mesma tenaz ardente de poesia da alma nos mordeu as quatro orelhas. Tu com espada e lança, e eu com uma pena de pato e uns folhetins a tantos réis por coluna, cavamos a um tempo os cimentos das estátuas imorredoiras delas, e as sepulturas do nosso juízo e nome sério. Oh vencedor de odres, e leões, e moinhos, eu bem te vejo a embeber as lágrimas na tua gorra de histrião! sacode os guizos para que te não oiçam os gemidos! Põe-te de barco no chão áspero de Beltenebrós, escouceia, e diz à porção estúpida da tua alma, diz ao teu Sancho, que vá referir a Aldonsa as finezas que fazes em honra dela. Escouceia, burrifica-te, meu mestre! Tira a pedaços o coração, alastra-os por esses pântanos, deixa que os cordas tos afocinhem. Entendeste que era ímpio enternecer a lágrimas quem te escutasse o trágico desastre das tuas párvoas credices na honra e no amor, na justiça do homem e no coração da mulher. Entendeste bem, ó bravo de Lepanto! – que o chorar é bálsamo; e para chagas abertas a golpes de indignância honrosa e de patíbulo imerecidos, deu o Senhor as santas lágrimas a quem o arejo do Inferno as não secou. Assim que viste desatarem-se em fumo as formosas e intangíveis visões do teu espírito, ó poeta; assim que te abriste o crânio contra as ferrolhadas portas do Empírio, onde te alaras nas asas, que o anjo da inocência te emprestara, deixaste-te cair, ó Cervantes, e escolheste para a queda, não já alfombras de verduras e boninas, mas atascadeiro onde te irmanasses com os epicuristas no espojadouro. Assim o fizeste, e por isso o mundo te quer, ó fino amador de Aldonsa! Se houvesse discreteado sisudamente acerca dos banhos de jorro

que te arrefentavam os heróicos incêndios da cabeça, o mundo não saberia o teu nome – que as tuas lástimas de contrito, ainda mesmo que as ungisses da mística do Chagas, abafá-las-ia o incomportável fastio da vulgaridade.

Escrevias, não para o teu século, mas para o meu, e especialmente para mim, que ainda agora dei bem no fio do teu intento. Eu andava a parafrasear-te, ó fidalgo manchego, naquele dia de 1852; e, se olhava em mim, observava-me com um certo acatamento legendário, semelhando-me, quanto em mim cabia, ao provedor dos defuntos de Macau, ao Bernardim da serra de Sintra, e ao soneteiro de Arezzo. De ti não me lembrei, nem, a lembrar-me, quisera comparar-me a ti, ó recuperador do elmo de Mambrino! E, afinal, o que eras tu senão eu? e o que era eu senão um ilustre arremedo da tua sombra?!

Eu te abençoo, infeliz que me dás alma e paciência que me edifica!

II

Aquela madrugada de 24 de Julho! O arrebol no oriente, as aves a salmear em o astro que se desperta de sob as franjas encarnadas do seu leito de oiro e safiras! E eu, no quarto lanço do «escadório dos sentidos» com as costas voltadas irreverentemente para Salomão, e os olhos embelezados, além, no ponto de apoio em que a mão invisível do supremo arquitecto assentava a alavanca rodadora da terra!

E, por sobre todo este enlevo de Alma, *Ela* – o meigo, o dulcíssimo *Ela* dos folhetins antigos! – o amor, esta embriaguez de essência de rosas, o amor, que seria capaz de inventar aquela manhã, se ela não estivesse feita expressamente para mim!

Assim que o Sol nascesse, Aldonsa Lourenço devia estar no pórtico do santuário (coisa pactuada); e eu, do cerrado da mata, silvano de bota de verniz e fraque exageradamente inglês, devia de espreitá-la, divisá-la, ser entrevisto, e segui-la recatadamente para contemplá-la outras vezes, se não morresse à primeira vista!

Ouvi o estridor da caleche. Alvorotei-me, como soldado bisonho ao ouvir o ribombo das músicas inimigas, e o estampido da artilharia, e a grita selvagem dos piquetes de avançada!

Era ela! Interrompi o hemistíquio da ode começada ao sol, convidando-o a depor como testemunha dos meus arrobos naquela hora. Os passarinhos adivinharam-na, e expediram os seus trilos mais dilectos. O sussurro das fontes melodiou-se mais cadencioso o suave. O cicio da ramagem, como em respiradouro de órgão abafado, abemolou-se em quase surda bafagem, que parecia um hálito de criança adormecida.

A natureza inteira a festejar Aldonsa! E eu, o rei da criação e dela, a lisonjear-me do servilismo dos pássaros, das aves e das fontes!

Emaranhei-me na mata que entesta com a fonte de Saturno. E esperei.

Daí a dez minutos, calou-se de todo em todo a natureza: é que Aldonsa ia passando e dialogando com o tio, homem chão, que lhe dizia: «Já se me abriu a vontade de comer». E ela respondia: «Estes ares fazem isso». A natureza e eu estávamos admirados.

Passaram; e eu, ao transpor urna clareira da selva, consegui ser visto. Aldonsa pôs a mão no seio com tão feiticeiro requebro. e um relance esconso de olhos tão derramados, que eu. Segundo a linguagem pitoresca de Sancho Pança, senti que a amava até aos fígados.

Vi-a subir «o escadório dos cinco sentidos». Nomenclatura fatídica naquele momento! Em mim eram seis os sentidos, todos absorvidos no donaire com que ela subia os degraus! Di-la-íeis um serafim, subindo ao Céu pelo braço de um apóstolo de quinzena. O tio ia de quinzena, e tinha suíças apostólicas.

Vi-os entrar no Hotel da Boavista. Sondei, mediante as informações do criado de mesa, os latejos do coração de Aldonsa. Pude saber que pediram bifes de cebolada. Oh! como eu invejei o boi que ia ser engolido por ela, e assimilado ao sadio sangue que lhe puniciava as maçãs do rosto! Soube, depois, que se estavam servindo de fiambre e ovos! Ditosa perna suma, e bem-fadadas galinhas que alimentais a noiva de um silfo! Finalmente, vi passar urna travessa de bacalhau assado. Terra e mar a desentranharem suas delícias para ela!... para o querubim, que fortalece o vigor de suas asas com ovos, e fiambre, e bifes, e o porrexil provocador da Noruega!

Eu tinha escrito, aos alvares matinais, esta, entre outras quadrinhas:

*Nutrem-se os anjos das auras!
Embalsamadas de flores,
As Beatrizes e Lauras
Vivem de filtros d'amores.*

E Aldonsa também!

Com tamanho estômago, onde podia ter ela o coração, a menos que, à imitação do peixe Oras, não tivesse o coração no estômago?⁵

E eu bebi dois sorvos de linfa da *Fonte das Lágrimas*, e subi, caminho da *Mãe-d'água*, para que o tio me não lobrigasse.

Cingi-me com um tronco de olmo, e vi-a sentar-se além, no banco de pedra, a folhear um livro:

era o Almanaque de Castilho para o ano de 1850. Leitura retardada três anos! O tio estirou-se, sobre a mesa, a escutá-la, e destampava umas risadas de muita consolação. Ergueram-se, abrindo ambos a boca, repleta de sono, e foram para a estalagem.

E eu fiquei a entalhar *Aldonsas* no córtex dos robles, e a escrever anagramas nas paredes das capelas.

Depois fui almoçar uma laranja e uma chávena de café de feijões. Perguntei por Aldonsa às brisas e ao criado dos quartos. O criado, menos discreto que as brisas silenciosas, disse-me que a menina estava dormindo. Pé ante pé, colei a orelha à fechadura, e ouvi um rressonar cavernoso de digestão pesada.

Era a rola do vale, que dormia o sono inocente do menino acalentado nos braços de sua mãe. Estavam-na embalando os arcanjos.

Dorme, dorme, alvéola dos prados! Sonha comigo, ó alma que me encerras todo em ti, como o favo do Hibla o mel das mais abrasas flores. Quando espertares, a minha imagem te desgrudará as pálpebras com ósculos.

Disse, e retirei-me contente da mental apóstrofe, salvo o *desgrudar das pálpebras*, que ainda me não toa bem.

Caíam os passarinhos encalmados do ardor do meio-dia, quando Aldonsa saiu ao terreiro do hotel. Completa púrpura de lagosta na face; mas lagosta cozida, declaro, para não incorrer na leviandade do lexicógrafo francês, que dá como escarlate aquele marisco antes de cozido.

O pudor! – exclamei eu – o incêndio do pudor... Quem me dera vê-la pálida, pálida de amor, e dizer-lhe como Garrett:

*Que pálida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des'que te fiz desbotar!*

⁵ Sobre o peixe Oras veja *Aristóteles*, pedag. CI.

Achegou-se ela à concha da fonte para lavar as mãos, e eu debrucei-me no muro para lhe dizer qualquer coisa inspirada. Assoma o tio na porta grande, e tosse. Estremeceu ela, e eu agachei-me. O tio atravessou o terreiro, acercou-se da sobrinha, e disse, examinando a divindade do paganismo, que solta o jorro de água:

– Porque terá aquele mono duas caras, não me dirás?!

– Eu sei cá, tio! – respondeu Aldonsa.

– Aquilo, a meu ver – tornou ele – quer dizer que já no tempo de Bófelhas havia homens com duas caras: havia de ser periodiqueiro aquele figuracho que ali está.

Esta má vontade aos periodiqueiros era seta disparada contra mim.

Aldonsa engoliu a sua raiva, e disse:

– O tio tem lembranças que parecem esquecimentos!

Vingou-me o espírito dela!

E eu estava de cócoras, quando dei tento que ele subia os degraus que comunicam o terreiro com a avenida. Quis fugir: era tarde! Viu-me naquela postura meio árabe, meio ridícula. Voltou de golpe o rosto mal assombrado à sobrinha, e resmoneou: «Hum!...» Este *hum* não era termo numérico: era um grunhido minacíssimo.

Desceu as escaleiras precipitosamente, e disse à sobrinha com desabrimento:

– Já embora!... Vamos jantar, e partir!

O meu coração empederniu-se como a cabeça do Jano da fonte!

Embrenhei-me no primeiro matagal, e extravasei a minha amargura em bulhões de lágrimas.

Duas horas depois Aldonsa descia o escadório ao lado do tio, que palitava os dentes, e regougava gosmando:

– Nem aqui me deixa o diabo!.. É a minha sombra 1... quebradas tenhas tu as pernas!

– Que é isso? – exclamou o tio, pegando-lhe da cabeça. – Que tens?

– Estou aflita!... – murmurou ela ansiada.

– São as varas do colete?

– Não... é uma ânsia!.. não posso passar daqui.

– Pois voltemos para a estalagem, menina –olveu o tio, tirando-lhe pelo braço.

A menina ia lívida de morte, como a Ifigénia para o sacrifício, O meu sangue vulcanizou-se. Custou-me a soffrear o ímpeto de ir ter com ela, rompendo o matagal como javali acossado pela matilha.

Tiveram mão de mim as conveniências.

Deixei-os ir, espiando-os de socalco em socalco. Entraram no hotel. Corri a devassar das aflições daquela alma amorosíssima, traspassada por um tio déspota, e demais bárbaro tutor.

Os criados andavam em pancas. Ia chamar-se um facultativo a Braga. Aldonsa sofria os horrores... de uma indigestão de frigideiras!

Pus os olhos no Céu, e disse entre mim:

– Pobre anjo! Estas compleições não digerem, quando o amor as desconserta!

Depois das frigideiras, eu sou a causa directa da dispepsia daquele estômago 1

Curou-a o tártaro emético, e um sono reparador.

À tardinha partiram; e eu, a distância de um quilómetro, seguia o rodar da caleche.

Perdi-os de vista em Braga; mas, de uma penumbra de candeeiro do Campo de Santana, pude adivinhar-lhe um sorriso, que ela me coava pelos vidros da sua janela, no Hotel dos Dois Amigos.

No dia seguinte fui-lhe no encalço para o Porto.

As cartas que lhe escrevi, no espaço dos dois seguintes meses, se eu as desse à

estampa, eram um directório de amantes incorpóreos, espíritos estremes, oiro de alma sem liga de fibra carnal. Eu declarei guerra ao amor sensitivo, e ela à gramática.

Findo o qual prazo Aldonsa evolou-se como um incenso!

Não a vi mais na *Degolação dos inocentes*, nem no Circo, nem na missa dos Congregados. A casa estava fechada desde a porta da rua até à trapeira. A angústia eterizou-me a essência psicológica até aos remontamentos de iluminado. Cuidei que ela teria sido guindada viva aos elísios como Henoch! Escrevi a este respeito um livro de visões, o qual me levaram os rios de lágrimas, antes de entrar no prelo.

Esta escandecência de espiritismo durou quinze dias. Aldonsa transluziu nas minhas trevas. Apareceu! Vi-lhe as cores quebradas, e o seio regurgitado de suspiros. Escrevi-lhe. Começava assim a carta:

«Ó santa do amor! que novo purgatório te infligiu o tirano! Teu tio é três monstros a um tempo!... etc.»

Foi-me devolvida fechada a carta, com este recado de boca: «A menina Aldonsa casou com o tio, e pede que a não comprometa».

Atordado pela pancada e pelo galicismo, não sabia se devia consolar-me lendo o *Manual do Epicteto*, se as *Prisões de Sílvio Pélico*. Fechei os olhos: tirei à ventura um livro da estante, e saiu-me o *Dom Quixote*.

Li, chorei, e consolei-me. E que eu tinha entrado no âmagô do atormentado coração que se desafogara nas risadas loucas, aspérrimas e moralíssimas daquele livro.

1853

I

Neste ano encontrei, no Bom Jesus do Monte, um cavalheiro que dois anos antes conhecera em Braga. Tinham-mo apresentado como fidalgo de antiquíssima linhagem, e valente oficial do exército realista. Lustravam nele outras qualidades distintas: uma conversação agradável, ilustrada razão em coisas de política, e cortesia palaciana em alto ponto, de fora parte a majestade da figura.

Relacionados novamente no Bom Jesus, convivemos uma noite, e três horas do dia seguinte.

Este homem tem um romance: biografia não direi. Há sujeitos que dariam dez volumes a um engenho meão e seriam deficientes para seis páginas biográficas na *Revista Contemporânea*.

Escrevo o romancinho, e dedico-lho à sua memória.

II

Representava entre cinquenta e cinquenta e cinco anos, sem embargo da presença airosa, agilidade juvenil, e vigorosos meneios. A intermitências, aviva-se-lhe a luz dos olhos de seu natural quebrados debaixo das longas e sedosas pálpebras. No cerrado das magníficas barbas, custoso seria entrever-lhe o sorriso; porém se, nalguma hora, proferia expressões afectuosas e indicativas de algum breve contentamento, adivinhava-se-lhe o riso brando, o gesto meigo, e a doçura com que o espirito mortificado deste homem acariciava os curtos instantes em que a sua dor o deixava distrair-se ou esquecer-se.

Trajava de negro, não muito apontado no asseio; mas muito longe de desleixado. Os seus casacos conservavam o talhe do fardamento militar, em virtude da invariável abotoadura desde a gola até à cinta. Raras vezes o vi sem luvas de camurça, botas altas com aquele antigo recorte no joelho, segundo a moda, sempre gentil, dos picadores da escola de Marialva, calção de droga escura apertado com botões acima do joelho; esporas de prata afiveladas, e chapéu alto de seda preta com fumo que o cintava todo.

Chamava-se ele, ou quero eu que ele se chamasse, Paulo de Barros.

Em 1834 retirara de Évora Monte, onde, com trinta anos de idade, vira instantaneamente apagar-se a brilhante estrela do seu futuro.

Paulo de Barros era tenente de cavalaria de Chaves. O pai, poucas semanas antes, perecera à frente da sua brigada nas linhas de Lisboa. Seus dois irmãos, também militares, tinham acabado debaixo das trincheiras do Porto. Paulo, se não tivesse mãe, pediria ao suicídio o repouso que as balas não quiseram dar-lhe nas pelepas em que ele as provocara. Tinha mãe, àquela hora ignorante do destino dos filhos e do marido. Salvou-o ela de uma loucura, de uma cobardia, e de um crime.

Era a casa de Paulo no mais ridente e ajardinado da província do Minho.

Em breves termos descrevamos a melancólica residência de uma senhora sexagenária, que, por noites de Dezembro, a cada latido dos cães, fita o ouvido, cuidando que alguém chega movido pela divina providência de mãe e esposa, a trazer-lhe novas de marido e filhos.

É um vasto quadrado de cantaria, aberto em pequenas janelas, uma só das quais, que dizem ser a do quarto da velha fidalga, regularmente se abre à luz do dia, ou ao clarão da Lua. As outras janelas hão-de abrir-se quando naquela casa entrarem os

senhores dela, e com eles voltar o contentamento que dali fugiu para sempre. Ao lado da casa está a modesta capela, que dizem ser a residência, quase constante, da senhora. Está do outro lado a torre dentada de ameias, a cuja sombra, pela calada da noite, nenhum camponês ousará passar, temeroso dos fantasmas que lá gemem, quando o nordeste, a sibilar no travamento das vigas, remeda a voz plangente das almas-penadas.

A família de D. Ana de Barros é a geração dos velhos criados, que já o foram de seus avós. Nesta roda de domésticos amados e amantíssimos, avulta o sacerdote, ordenado a expensas dela, e constituído capelão da casa onde nasceu.

A numerosa parentela de fidalgos derramada por esses solares das margens do Ave e do Vizela, desde que da casa de Simões se ausentaram pai e filhos para seguirem o inevitável destino das suas posições militares, se alguma vez visitou o melancólico retiro da esposa e mãe, sequestrada de todos os prazeres da convivência, retirou-se desconsolada, protestando não mais encrudescer as tristezas de quem parecia mais feliz com elas no seu ermar e chorar.

Casada aos vinte anos por paixão, no decurso de quarenta raras vezes se gozara da felicidade de esposa aquela senhora. Desde a guerra da independência até àquele lance final da vida de seu marido, nem ao menos pôde guardar um filho para si. As tradições de avós lhos roubaram todos para as armas; tradições gloriosas, que valiam bem a pena do sacrifício quando no peito de todas as mães pulsava o coração das Filipas de Vilhena; tradições gloriosas, quando Ana de Barros apontando para o tecto apainelado da sua sala do brasão, mostrava a seus filhos os feitos sublimes dos homens que lhes tinham legado poucos haveres, e muita riqueza esquecida nos tesouros da história da sua Pátria; tradições gloriosas, que vestiam de luto as mães e as esposas quando o ferro inimigo lhes ceifava a vida preciosa dos seus, e a passo igual lhes enchiam de santo orgulho o coração, devotado à felicidade da família; mas muito mais devotado à felicidade da Pátria.

Destas magníficas mulheres, empenhadas com varonil espírito em darem braços de ferro ao serviço de Deus e do rei, havemos de supor que procederam muitas proezas, cuja escura origem a história raras vezes desvelou, porque a mulher dos tempos heróicos, e mormente a senhora recolhida ao seu solar, ao mesmo tempo que educava o filho na religião de seus avós, lhe ia insinuando briosamente ao coração o entusiasmo das pugnas, o ardimento das façanhas, que faziam simultaneamente do soldado do rei, o soldado do Cristo.

E D. Ana de Barros, bem que nascida e criada em tempos alumizados de outros clarões precursores deste facho que a um tempo incendeia o edifício do passado e tenta aclarar as rebeldes trevas do futuro, assim mesmo, no obscuro remanso da sua casa de Simões, desconhecia a fermentação que revolteava no grande mundo, e cuidava na melhor fé, que a sociedade, as monarquias, os heroísmos, e em suma o viver de cada mãe e esposa, devia de ser o que tinha sido nas cinco gerações ascendentes, cuja memória, de avós a netos, lhe estava revivendo em coração grande e entendimento curto.

Não podia ela compreender como dois irmãos, nascidos do mesmo seio de mãe, reis ambos, ambos católicos, e ambos filhos de Portugal, tinham podido acampar os seus arraiais no chão da Pátria, hastear duas bandeiras inimigas, cruzarem o ferro entre peitos portugueses, e arcarem-se, com rancor desnaturado, até que um dos dois caísse em terra empapada do sangue de milhares de portugueses!

Quando o capelão, algum tanto mais instruído da política do tempo, explicava à fidalga os direitos de D. Miguel questionados por seu irmão, a impaciente senhora, não podendo compreender que o rei quisesse provar com armas a sua legitimidade, imolando vidas de vassallos, cortava a questão, erguendo as mãos a Deus, e pedindo-lhe

que influísse no coração dos dois contendores sentimentos benignos de paz e reconciliação.

O brigadeiro Gervásio de Barros, logo que o primeiro filho pereceu em frente do Porto, preveniu o capelão que obstasse a chegada da notícia ao conhecimento da mãe. Na morte do segundo filho vingou o mesmo cuidado. D. Ana esperava ainda os filhos uni ano depois que eles tinham morrido. Cessaram-lhe as cartas do marido; ela, porém, acreditou que as comunicações eram interceptadas.

Acabou-se a guerra, voltavam aos lares os soldados licenciados. Nem pai, nem filhos acudiam ao anseio da alvoroçada senhora; mas, ainda assim, esperava em Deus.

Vinte dias depois da convenção de Évora Monte,

D. Ana de Barros, encostada ao braço da velha ama de seu filho mais novo, saiu de casa pela álea de seculares castanheiros, que não vira nos últimos três anos, e foi sentar-se no pedestal da cruz de pedra que defrontava com o caminho, raro transitado, desde que os portões daquela casa se haviam fechado à jubilosa hospedagem dos fidalgos comarcãos. Sentada no supedâneo da cruz, viu vir para ela um homem encanecido, rosto amarelado de fome, trajando urna farda rota, e ara boné numerado. O homem estendia-lhe a mão esquerda, e movia o fragmento que lhe restava do braço direito mutilado.

D. Ana fitou-o, e disse-lhe:

– Se me não engano, a farda do regimento de meu marido, quando ele estava em Braga há cinco anos, era parecida com a vossa!

– Não que eu – respondeu o velho soldado – fui do regimento do senhor brigadeiro Barros, e andei na brigada dele até ao fim.

Levantou-se tremente a fidalga, e acercou-se do pedinte como quem receia não ouvir logo a resposta do ansioso interrogatório que vai fazer-lhe,

– Pois vós sois da brigada de meu marido, tendes ainda um braço, e andais pedindo esmola?! – perguntou ela naquele heróico tom que denunciava a galhardia extemporânea dos seus espíritos de portuguesa antiga.

E o mutilado, abaixando os olhos, respondeu amargamente:

– A guerra acabou, fidalga.

– Acabou?! – exclamou ela – e meu marido não veio?

O soldado, compreendendo na pergunta a ignorância de quem lha fazia, sentiu-se transido de angústia, e, balbuciando palavras despercebidas, dava ares de querer retirar-se.

– Não me respondeis? – redarguiu ela, lívida e convulsa. – Meu marido não vem?! Os meus três filhos não voltam?!

Neste comenos chegou o padre, encarou nela e no soldado, compreendeu tudo, julgou mesmo que a revelação da morte do brigadeiro estava feita, correu a tomar nos braços a senhora, que esperava, ainda ofegante, a resposta do convencido, e exclamou:

– Conforme-se com a vontade de Deus, fidalga! Tarde ou cedo havia de sabê-lo!... Todas as minhas diligências, afinal, deviam ser malogradas por este encontro casual

D. Ana parecia não entender, e não desfitava os olhos do soldado, cujas lágrimas deslizavam a quatro sobre o bigode tisonado da polvorada das batalhas.

No entanto o padre esforçava-se em tirar a lastimável senhora daquele sítio, e gesticulava ao soldado para retirar-se. O mendigo entendeu, e ia cumprir, quando a vertiginosa senhora, num ímpeto de forças extraordinárias que lhe dera a dor, desatou-se dos braços do capelão, aferroa das lapelas da farda do soldado, e clamou:

– Não me respondeis? Onde ficou meu marido?

– Onde ficam os valentes, senhora fidalga. Morreu à frente da brigada, e por cima

dele não passou nenhum dos seus, que onde ele chegasse, não ia mais ninguém para diante.

Ouviu-se um gemido rouco e abafado, como se o coração que o expedira se rompesse por todas as fibras.

O padre sentou-se no degrau do cruzeiro. Encostou ao braço esquerdo o rosto cadavérico da senhora. Com a mão direita apalpou-lhe a testa e o pulso. Depois ergueu os olhos para os braços da cruz, e desceu-os logo sobre a face húmida da agonizante. Murmurou as palavras confortadoras, e já não ouvidas, que a religião manda dizer aos que vão deste mundo. Comprimiu com estremecimento o cadáver da santa. Tomou-a nos braços convulsivos com sofreguidão de amor filial. Correu com ela ao longo da avenida de castanheiros, e foi depô-la sobre o seu leito.

Instantes depois, quando todos os servos oravam ajoelhados em redor do catre, o convencionado de Évora Monte, Paulo de Barros, entrou.

III

Paulo de Barros, a referir-me este lance de sua L vida, tinha os olhos enxutos, o aspecto sereno, a voz sonora, e o gesto impassível como só havemos de acreditá-lo no homem que apenas conserva a fria memória dos desastres que lhe matavam o sentimento.

– Admiro-lhe a tranquilidade, senhor Barros – disse-lhe eu.

E ele, sorrindo levemente, respondeu:

– Se me admira a tranquilidade, mais deve admirar-me neste sorriso. Eu sou agora o que fui então. Devo dizer-lhe que, depois da capitulação, perguntei a Deus e ao Diabo: – «Que desgraça me falta agora?» – Deus teria piedade de mim, e não me respondeu; porém, nas primeiras tábuas sobre que repousei o corpo fatigado de uma jornada de dez léguas, dormitei, e sonhei que via morta minha mãe, e que me via a mim, no decurso de anos interpostos à minha mocidade de então e à minha velhice de hoje, de braços cruzados ao pé do jazigo de meus avós, esperando que eles me abrissem os seus braços de pedra, e me escondessem ao demónio fatal da existência de toda a minha família.

Quis-me parecer que estas palavras, algum tanto enfáticas e desconexas, denunciavam ara tal qual turvamento na razão daquele gentil velho.

Não obstante, senhoreava-me ainda o abalo do espectáculo a que os olhos da minha alma assistiram, quando Paulo, concisa e secamente, me contou a sua entrada na alcova de D. Ana, morta no mesmo momento em que ele avistava o portão de sua casa.

E eu redargui:

– E crê vossa excelência sinceramente nos demónios fatais que perseguem as famílias?

– Creio – respondeu ele.

E apontando-me uma mulher que passava entre o cerrado arvoredo da *Mãe-d'água*, acrescentou:

– É o demónio fatal que vai passando!...

– Quem? – atalhei eu.

E Paulo de Barros reconcentrou-se, baixou as longas pálpebras, sorriu, levou as mãos aos enormes bigodes, retorceu-os com o ademane de um peralvilho que se julga contemplado com interessante admiração, e murmurou:

– O poder que Deus concede ao demónio deve ser uma sublime parte do condão que tinha Lúcifer antes de ser despenhado do Céu. Sabe o senhor por experiência, ou por intuição do seu espírito, o que é e o que pode uma mulher?

Chegados a este ponto do diálogo, confesso sinceramente que duvidei do bom

concerto do juízo deste simpático homem; mas também manda a verdade que eu confesse que, bem longe de estranhar naqueles anos a linguagem juvenil do moço com seus laivos de romantismo desgrenhado, por mim juro que me causaria estranheza saber eu que alguma senhora, moça e formosa, opulenta e requestada, antepunha, bem perto do seu coração, aquele velho, aquele galhardo e marcial tipo do fidalgo antigo, a quantos efeminados, repuxados e palacianos galãs lhe balanceassem o turíbulo da lisonja.

Estava eu esperando que ele prosseguisse, a fim de me esquivar a alguma pergunta indiscreta, quando a senhora, que ia passando, mudou de rumo, e caminhou na direcção da parede da mata em que nos sentáramos.

A dez passos de distância assestei a luneta, e conheci que efectivamente a senhora indigitada por Paulo de Barros era um belo demónio.

Vinha ela acompanhada de um sujeito de idade madura, o qual de pronto se fazia reconhecer e respeitar como marido da gentil dama. Têm de seu os maridos o privilégio de se fazerem conhecer sem dependência de apresentação. Aquele denunciava-se pela jovialidade um tanto soberba e outro tanto Suspeitosa com que relanceava os olhos da esposa para nós, e de nós para ela, e dela para outras pessoas que ao perpassarem a iam contemplando com justificada e sincera admiração.

Era realmente formosa a esposa de Joaquim José da Silva, homem de grossa fortuna, de grosso espírito, e, pelos modos, dotado de suma bondade, e mais que tudo dos extremos carinhosos de Adriana.

Paulo de Barros despira a luva logo que viu que se dirigiam a ele; foi cortejar Adriana; disse as expressões comuns e lisonjeiras da apresentação que de mim fez ao senhor Silva, e colocou-se de modo a oferecer a sua companhia aos recém-chegados. Não me recordo nem vem ao caso o que se disse no curto passeio; tão sómente me lembra que Adriana conversava em termos admiravelmente correctos; e o marido, no pouquinho que disse, revelou que não entendia sua mulher. Paulo de Barros também me quis parecer escassamente espirituoso ao lado dela, se bem que affectasse um ar grave e compostura própria dos seus anos; bem que na verdade muito avessa de sua índole remoçada pela paixão.

Não sei nem tento descrever Adriana. É possível que o leitor a tenha visto algumas vezes bosquejada e muito em sombra nos meus romances. Num sei eu que ela está, não retratada, mas um pouco em esboço; e esse foi o supremo esforço que eu fiz de memória, de inteligência, e não sei mesmo se de coração, para descrevê-la. No romance chama-se *Raquel*, no meu espírito chama-se *quimera*, nas minhas idolatrias alguma hora se chamou *providência*. Se o leitor tem à mão os *Anos de Prosa* vá por desfatio combinar aqueles traços confusos, e recomponha a fisionomia de Raquel, ou de Adriana, ou da mulher que a sua ambiciosa imaginação formou no mundo da ideia com o complexo de feições, dispersas na multiplicidade de muitas mulheres formosas, cada uma de sua especial formosura.

Quando nos separámos, Adriana e o marido recolheram ao seu aposento do Hotel da Boavista, e nós voltámos à floresta da *Mãe-d'água*.

Paulo encostou os cotovelos àquela mesa de pedra que lá está, e deteve-se largo espaço sem responder à pergunta que eu timidamente lhe fizera. Perguntara-lhe eu se ele amava aquela mulher; e, quando já não esperava resposta nem ousava repetir a pergunta, disse ele:

– Amo.

E, volvido espaço de alguns segundos, continuou com semblante já diverso, já sereno daquela austera senil majestade, a que eu não duvido chamar beleza:

– Amo. Aqui me confesso, não com o rubor do pejo, que o não tenho: vergonha

seria ter amado muito, ter gasto a mocidade nas paixões absorventes de todo o sentir ideal e ingénuo, para vir agora com cabelos brancos, e o coração minado das herpes do vício, solicitar a candidez de uma mulher que para mim tem o valor de santa, se o martírio da vida conjugal, dissimulado num sorriso violento, deve ser para a mulher de vinte anos um sintoma de predestinação. Enquanto a mim Adriana simboliza o suplício de Mezêncio: o vivo cingido ao morto, o coração exuberante de vida em contacto com a pedra de um túmulo; o anjo a desprender as asas para o espaço, e a serpe do dever social a enroscar-lhe os membros, e dilacerar-lhe as asas. Quer o senhor que eu lhe diga quando vi e como amei esta mulher!... No trajecto de vinte e cinco anos nunca os meus olhos viram senão a sombra de uma afeição de criança, que me fez criança até ao encanecer dos cabelos. Cuidava eu que esta visão em alguma hora da vida devia erguer-se real e palpável diante dos meus olhos. Era a Galateia de ara alucinado que perdera na solidão a memória do mundo positivo, e criara para si uma região de quimeras, que seriam estúpidas se não fossem deploráveis. Envelheci a amar... e porque não hei-de eu dizer-lhe tudo? Olhe que chorei de saudades do meu belo fantasma... Nestas dolorosas condições da minha alma adoentada e como perdida para discernir qualquer situação ridícula em que eu viesse a expor a minha velhice, foi que eu vi Adriana.

«Vieram dizer-me um dia que uma senhora, residente numa quinta visível das minhas janelas, entrara na capela da minha casa, que em todos os dias santificados se abria ao concurso das pessoas que vinham assistir à missa. Como o padre se estivesse apurando, desci à capela, cortejei Adriana, ofereci-lhe o meu braço, e reconduzi-a ao lugar reservado de onde minha mãe costumava ouvir missa, e onde nenhuma outra pessoa havia ajoelhado. Se o senhor promete não rir da lhanza com que me confesso, puerilmente lhe direi que durante a missa entre mim e Deus esteve sempre a imagem daquela mulher. Ajoelhei; mas este culto era usurpado à Divindade. Não orei. O que em minha alma ia eram os delírios não experimentados na juventude, era um misto de querer e desesperar, alguma coisa horrenda que parecia o escarnecer de mim próprio, alguma coisa celestial que me enflorava de novas primaveras, e aquecia o sangue de um fogo juvenil que talvez me incendiasse em rubor as faces. E todavia eu era ara velho; e aquela mulher que ali estava, pedindo a Deus por todos os infelizes, tinha vinte anos.

«Acabada a missa fui reconduzir Adriana através da minha sala de visitas, onde timidamente lhe pedi que se sentasse. Acedeu, obrigando-me com afectuosas expressões de reconhecimento à urbanidade cota que eu a recebera. Disse-me quem era, de onde viera, o nome de seu marido, e ofereceu-me a sua casa. Momentos depois tinha ela saído acompanhada de um criado de libré, e eu da minha janela a fiquei contemplando nos momentos em que dobrava uma colina, e reaparecia noutra ao longe, até que de todo se sumiu nos arvoredos circumpostos ao seu magnífico palacete.

«Aqui tem como eu vi e amei esta mulher.

«São passados três anos.»

IV

Na tarde desse mesmo dia Adriana recolheu à sua quinta, e o senhor Silva foi para o Porto, onde tinha o melhor da sua fortuna empregado não sei em que ramo de comércio, Nessa mesma tarde saiu Paulo de Barros para Simões, e eu fiquei no Senhor do Monte.

Ao outro dia estava eu recordando as expressões de Paulo de Barros, e perguntando a mim próprio se porventura haveria aí coração moço, poeta em plena primavera dos vinte anos, capaz de sentir tão nobre e levantado amor por aquela mulher, que talvez se envergonharia de sonhar que era amada pelo homem de cinquenta anos.

Nestas e outras cogitações, que redundavam em lástima de Paulo, estava eu preocupado, quando avistei caminhando para mim um sujeito do Porto, um dos mais celebrados galãs da Praça Nova, óptimo jogador de bilhar, freguês muito prezado dos primeiros alfaiates, possuidor da mais fina luva e do mais brilhante polimento, que ainda distinguiu alfenim da Praça Nova.

- Que fazes tu aqui? – disse-me ele.
- E tu que vens cá fazer? – respondi eu.
- Conheces Adriana da Silva?
- Fui-lhe ontem apresentado.
- Sabes se ela ainda aqui está? – acudiu ele.
- Não; foi ontem para a quinta.
- Que desapontamento! que embaçadela!

Antes que eu perguntasse o que havia de comum entre ele e Adriana, Frederico, afectando desdém pela mulher que lhe prometera um encontro naquele local, principiou a contar-me, pedindo segredo à minha palavra de cavalheiro, uma história que ele tinha contado a toda a gente. Pelos modos Adriana era uma mártir que ele quisera salvar, sacrificando-lhe para isso umas quatro mártires que ele andava salvando.

Observou-me ele, e até me pediu encarecidamente que o não julgasse apaixonado, nem mesmo disposto a voltar segunda vez a Braga por causa dela.

E como eu o interrompesse, pondo em dúvida o martírio de Adriana, e bem assim a precisão que ela tinha de ser salva pelo amor dele, Frederico, mordido no seu orgulho, desafogou aviltando a esposa do senhor Silva em termos injuriosos à sua honra, e protestando vingar-se, açulando-lhe os mastins da difamação, dos quais, naquela época, os botequins do Porto eram jaulas horrendíssimas. E de saber que estes mastins, no decurso de dez anos, caíram em si, conciliaram-se com a desmoralização necessária da humanidade, e fizeram-se bons homens em todo o sentido.

Frederico relatou-me difusamente o seu antiquíssimo amor de três semanas à consorte de Joaquim José da Silva, justificando o repreensível galanteio com o facto de a ter cortejado em solteira, posto que ela, negaceada e negociada pela colossal fortuna de um homem caloso, ventrudo e vesgo, lhe voltara as costas com ignóbil desplante, a ele!

Quis eu induzir desta narrativa que o meu nobre amigo seria mais nobre ainda desprezando a mulher que se vendera chancelando com um sacramento a legalização da sua desonestidade.

– E a minha vingança! – exclamou Frederico Artur, nome agoureiro de muitas vitórias em corações de meninas.

Daí a poucas horas a divina providência afastou de mim o tolo.

No Outono deste ano de 1853 fui a Simões desempenhar a minha palavra comprometida numa visita a Paulo de Barros. Esquivei-me a falar de Adriana sem que ele me abrisse a ocasião. Chegámos a uma janela que dominava risonhos relvados, e lombadas de outeiros verdejantes de bosques, Na ourela de um pinhal estremava-se de todas as casas circumpostas um edifício moderno, aparedado de azulejos, adornado de estátuas e jarrões de pedra ao longo da cimalha.

– É acolá a casa de Adriana – disse ele.

– Tem-na visto? – perguntei.

– Nunca mais, desde o Bom Jesus; mas sei que está ali. Vê-la!... para quê? O pudor da velhice faz estes milagres de renúnciação. A desgraça é comum de todos os homens; o ridículo é que não. Afinal vi-me no espelho do mundo, que me retrata mais seriamente que o aço brunido aderente ao vidro. Compreendi que aos cinquenta anos há um só amor respeitável: é o amor aos filhos. Não os tenho.. que hei-de eu amar?... Os

prazeres da cozinha? o meu amigo já viu que eu nem sei distinguir entre os feijões dos meus criadas e as viandas esquisitas com que me enoja o paladar o cozinheiro que você elogiou. Que hei-de eu, pois, amar? Deus; amarei Deus.

– Porque não sai daqui? – atalhei eu. – Venha para o Porto. Achará amigos da sua mocidade.

– Morreram todos – acudiu ele. – Estão as ossadas deles ali por aqueles fossos, que foram trincheiras.

– Achará amigos novos – repliquei.

– Nalgum recanto de botica a jogarem o gamão? – volveu ele.

– Não senhor; nas salas, nos teatros, na assembleia, em toda a parte que vossa excelência quizer amigos.

– De que serve isso? Em toda a parte estarei pior que nesta janela; melhor do que estou, só no caixão de pedra que ali me espera na capelinha. Espero que ele se abra, que eu de mim estou pronto.

Baldaram-se os instantes rogos que lhe fiz no sentido de se ausentar de Simões por alguns meses.

Ambos tínhamos uma cruz a levar ao alto: deixei-o para ir sobpor os ombros à minha.

Carteámo-nos alguns meses.

Na última carta dele vinha esta pergunta em pós-escrito:

«Que escândalo foi esse com A.?»

Tive de responder-lhe assim:

«Adriana foi encontrada pelo marido em diálogo suspeito e nocturno com um tal Frederico Artur. E natural que o pobre Joaquim José da Silva se calasse; porém, como o indecente fez praça da sua conquista, o escândalo estalou. Adriana está com a família.»

Decorridos alguns poucos meses, li no jornal da cidade próxima a noticia da morte de... Paulo de Barros. Morra com o nome que eu lhe dei na vida curta deste... romance. Passe como romance, já que eu tive o insensato escrúpulo de ir perturbar a quarta época de felicidade conjugal do senhor Silva e da senhora Adriana.

É a quarta época depois do quarto encontro com Fredericos, Alfredos e Ernestos: todos nomes bonitos, que a desculpam. A meu ver, o marido é atraído, porque se chama simples e sinceramente Joaquim.

Quando li a nova do trespasse do meu amigo, fui em espírito ao Bom Jesus do Monte, e vi e ouvi daqueles dois homens no mesmo dia: Paulo de Barros, o coração cheio de honrado e inofensivo amor; e Frederico Artur, que detraía a mulher, porque a tinha amado, e a perseguia para desonrá-la por vingança.

Que fará Deus destes dois homens, ambos criaturas suas?

1854

I

Num outro livro, escrevendo de José Augusto Pinto de Magalhães,⁶ falava eu das cartas que possuía dele, e a propósito me acudiram estas magoadas e afectuosas palavras de *Maistre*: *Ah! comme mon coeur est plein! comme ii jouit tristement lorsque mes yeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voilà ces caractères, c'est coeur qui conduisant sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et cette lettre est tout ce qui me reste de lui!*⁷

Tenho aqui as cartas de José Augusto. Através de tantas borrascas, nem vaga nem refega de vento mas levou. Memórias preciosas da minha mocidade, cartas que me seriam estímulo hoje a prantos consoladores, tudo rasguei, tudo deixei ir no caudal da torrente suja onde me imergi, tudo, menos as cartas do meu amigo, do mais infeliz homem que ainda conheci! Agora, olho para este papel amarelado, para estes caracteres desmaiados, para a orla da folha em que penso ver o sinal dos dedos que a voltaram... Que tristeza! pregão do outro mundo me estremece e confrange!

Aqui está a que ele me escreveu do Bom Jesus em 4 de Abril de 1854:

«Meu C.

«Não posso desprender-me destas florestas sem dizer-te a verdade que tu já sentiste: isto é admirável! esta natureza é santa! estas árvores, sem o auxílio das capelas, infundem piedade, e ensinam a orar. Se não fosse a mão clerical, e a arquitectura beata, Sintra seria um arremedo desta região de aves e poetas. Lá está o burguês edificando casebres caiados sobre o torrão em que demoliram a machado os palácios de folhagem. Maldito dinheiro, que põe a natureza à mercê da ignorância despótica!

«E a terceira vez que venho aqui. Só agora podia avaliar estas belezas. Aqui requer-se coração tranquilo, e espírito olvidado das salas e das praças. Porque não vens?

«No fim desta semana hei-de chegar à quinta do Lodeiro. Se não vens, até lá.

«Teu amigo

«José Augusto.»

Fui ao Bom Jesus. Eram dias de Abril, não tépidos, mas serenos. Vinham de acordar as aves da sua letargia hiberna, e sacudiam as asas degeladas nas frondes mais soalheiras da mata. As veigas, ribeiras, e campinas, vistas de alto, desde as abas da serra da Abadia até à ribeira de Este, umas alvejavam colmadas de fruteiras em flor, outras reverdeciam e tremulavam baloiçadas pela viração.

Achei José Augusto, e sua esposa Fanny Owen no passeio da *Mãe-d'água*. Fanny estava sentada no socalco da cerca do santuário, lendo Byron. José Augusto, encostado à mesa de pedra, contígua ao reservatório da água, tinha aberta ante si uma carteira de grande formato, chamada *Remember*, em que usava traçar a passagem das suas comoções melancólicas, raro entremeadas de pensamentos alegres.

Um leitor pergunta-me quem eram Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães.

Outro, lendo estes nomes, recorda um caso infausto, mas negro, negro todo ele da

⁶ *Duas Horas de Leitura. Impressão indelével.*

⁷ *Voyage autour de ma chambre.*

negridão do mistério, selado por duas sepulturas, uma no cemitério da Lapa, no Porto, outra no Alto de São João, em Lisboa.

À pergunta do primeiro responderei nas páginas que aí vêm, escritas com a verdade de uma consciência aberta diante dos homens e diante de Deus.

Às dúvidas dos bons, e às calúnias dos maus que decifraram horrores no silêncio das duas sepulturas, a esses esclarece agora o homem que mais viveu na intimidade das duas almas.

É tempo: são passados nove anos.

Se pesasse uma infâmia, ou ainda um grande desatino, na lápide dessas cinzas, calar-me-ia à semelhança do mundo que a esqueceu, depois que a inventou.

O meu nome serviu à calúnia, quando se requeria um terceiro personagem para o romance architectado com sangue e lodo.

Eu deixei passar a detracção senhoril, e o vozear da gentalha ajoujada à carroça, esmagadora de mais generosos peitos, e mais sagrado jus que o meu à estima dos detraidores.

Agora é tempo.

Poderia diferir para mais tarde, se eu contasse com a vida. Obedeço ao presságio que ma está abalizando por pouco e para pouco. 'Da região escura vem bater-me na frente uma aragem fria. Temo que se faça inverno e noite álgida em minha alma. Estes derradeiros calores de espírito devo-os à dívida de coração e de honra.

II

José Augusto era um moço de temperamento funesto para si, e funesto para as pessoas que, mais ou menos, se aliassem com sua alma, por liames de amor, ou ainda de simples estima. Há índoles assim fadadas: o segredo disto pertence à ciência dos anjos, e pode ser também que à ciência dos demónios. Eu vejo, no Fausto, desnudados mistérios do coração e da vida, que Santo Agostinho, nas suas «Confissões», não esclarece. Por onde se me oferece cuidar que o Senhor Onnipotente, expatriando Lúcifer para perpétuo desterro, tirou-lhe a glória dos serafins; mas deixou-lhe a ciência, alavanca formidável para abalar o Céu!

Não tinha pai nem mãe, José Augusto, aos vinte e dois anos. Principiava o curso universitário, quando ficou senhor de bens de fortuna superabundantes às regalias ociosas de um rapaz. Conheci-o, em Coimbra, estudando preparatórios; no Porto conheci-o esquecido da ciência, e atarefado na faina dos bailes do Inverno de 1849. Fomos juntos para Lisboa, e lá o perdi da vista entre as nuvens da brilhante poeira dos salões. O provinciano de Santa Cruz do Douro saíra do Porto amando uma formosa dama que eu ontem encontrei velha, e voltou de Lisboa amando outra dama formosa, que eu, há seis anos, vi entrar no cemitério dos Prazeres, num esplêndido coche funeral. Creio que ele amou outras muitas que envelheceram e morreram, sem sombra de responsabilidade para a sua alma.

Em 1850, a meia légua do Porto, caminho de Ovar, vimos duas senhoras de impressiva beleza na janela de uma graciosa casa campestre. O local chama-se o *Paraíso*: bastariam os dois anjos a dar-lhe o nome balsâmico de poesia, de Céu, e amor. Eram as senhoras Owens, filhas de um coronel inglês ao serviço de Portugal desde a guerra da independência. A mãe destas meninas, esposa do coronel, pertencia a uma distinta família do Porto.

José Augusto embelezou-se na discreta contemplação das duas senhoras: quando já as não via, restava-lhe o interior altar da saudade para a adoração. Afogaram-no logo ânsias de voltar ali. Os intervalos comuns na gradação do sentimento, desde a simpatia

até à paixão, eram incompatíveis com o fervor insofrido do moço. Amava sem saber quem nem qual. Amava a fragrância daquelas criaturas, lindas e obscuras em sua soledade, reclinadas sob caramanchéis e festões, dialogando com as aves ao ralar da manhã, com as flores ao entardecer, e com as estrelas por noite alta.

O meu amigo encontrou, surpreendido, as senhoras Owens num baile.

– Estão aqui! – disse-me ele em alegre alvoroço.

– Vi-as! São admiráveis!

Dias depois, José Augusto residia em Vilar do Paraíso, num *cottage* alfaiado com riqueza e gosto, casinha encantadora, cuja porta, enramada de trepadeiras, se abria sobre alfombras de verdura, que, mais tarde, se matizaram de flores.

Era no coração do Inverno. O meu amigo passava as noites a contiçar com a tenaz o brasido do fogão, e dizia-me:

– Só os Ingleses conhecem bem as delícias de conversar com o fogo. Eu estou-me britanizando em coração e usos. Tenho ouvido as três horas da noite velha aqui sentado, sem me poder despegar de umas visualidades que formo com quatro destas faúlas, espirradas do carvão.

– E de dia que fazes? – perguntei. – Formas visões de faúlas?

– Não: de dia, assim que vejo uma réstia de sol, vou ao cabeço do monte de além, e contemplo o jardim delas. Creio que lá dentro a Primavera é eterna, porque as vejo curvadas sobre os alegretes, onde presumo que há flores.

– Qual amas? – atalhei.

– Ambas, enquanto não puder distinguir duas almas.

Foi José Augusto apresentado em casa das senhoras Owens. Acolhimento de anjos, como era de prever, contando com o influxo daquele céu sobre os costumes ingleses. A dona de casa, senhora de esmerada educação e feita na polidez da corte portuguesa no Brasil, solenizava o grupo com a majestade dos anos. As duas meninas, ao lado de sua mãe, ouvindo-a com amorosa reverência, eram santamente belas: enquanto a velha senhora entretinha as visitas com as suas difusas mas agradáveis narrativas da sociedade do seu tempo, Fanny e a irmã não ousavam interpor sequer um monossílabo à pergunta de algum hóspede menos atento no dizer de D. Maria Rita. José Augusto não tinha visto um quadro assim de felicidade, ou, quando menos, de poesia de família.

Perguntei-lhe, volvidos dias, qual amava. Respondeu:

– Pude discriminar as duas almas. Fanny é triste como o anjo saudoso do Céu. Maria é o anjo embevecido nas alegrias da Terra. Amaria Fanny, se ela baixasse os olhos da pátria porque suspira, e me visse. Amo Maria, porque os nossos olhos se encontraram na mesma estrela.

Pouco destoava deste dizer a linguagem usual de José Augusto, se versava em coisas da alçada do coração.

Vivi uns meses distanciado do meu amigo. A minha ideia permanente era Deus então: estudava teologia para compreendê-lo, como se a teologia não fosse o método mais fácil de o desconhecer. Na Primavera de 1851 fechei os livros e fui ler as páginas do livro autêntico da mão do Senhor. Fui para o campo. Mobilei uma casinha voltada ao mar na vizinhança de José Augusto.

Fui apresentado às senhoras Owens. A religiosidade, inocência e doçura daquele viver, tomei-as como graça divina e alumiadora da vereda por onde eu traçara o ir-me encontrar com as ingênuas provas de uma providência inteligível ao homem. Escrevi e publiquei uma poesia dedicada a Fanny Owen. Transcrevo-a: verdade, coração e consciência, tudo me está ditando esta narrativa. Transcrevo-a não que a poesia o valha: mas por ser ela a metrificação, embora insulsa, dos meus diálogos com Fanny:

*Bem veio a geração nova, que passa,
Num vágado fremir.
A louca ri de si, ri da desgraça,
E morre, ébria, a sorrir.*

*É-lhe a vida uma orgia: folga hoje,
'Manhã mais folgará.
Ao gozo de hoje o dia não lhe foge;
Que importa o que virá?!*

*E a terra, e a noite, e o mar dizem-me à alma
O segredo dos Céus.
A flor d'urze rasteira, e altiva palma S
São a história de Deus.*

*

*Tremendo de respeito, em pé, na fraga
Que a onda espadanou,
Eu vi rugir, rolar, quebrar-se a vaga
Onde Deus lhe marcou.*

*Mais dentro, no alto mar, rangem os braços
Do convulso baixeí.
Contorce-se... lá vai dar-se em pedaços
Às fauces do parcel!*

*Meu Deus! quem diz ao mar enfurecido
Que venha aqui espraíar?
Quem é que deu ao pego enraivecido
Abismos de matar!*

.....
.....

*

*Vejo em volta de mim o gozo
Dos filhos do prazer.
E eu, forçado e triste, e sem repouso,
Vivo ali, sem viver.*

*Sempre o anjo da dor! sempre comigo
O meu anjo fiel!
Intransitivo cálix! dá-mo, amigo,
O meu cálix de fel!*

.....
.....

*Se eu sorrira, tão moço, como tantos
Que vos fogem, Senhor,
Gozara-me dos mil doces encantos
Dourados pelo amor.*

*Não sei; que essa alegria, que fulgura
Tanto em volta de mim,
Tenho-a visto raiar, sorrir impura,
Em lábios de Caim.*

*Ao ímpio ouvi dizer que é venturoso:
Será? não sei se é!
Não sei até se tem n'alma o repouso
Do justo em sua fé!*

*Não sei se é de remorsos o seu leito,
Nem os sonhos que tem;
Se larva hedionda lhe recalca o peito,
Repulsa-a com desdém.*

.....
*Não falam dentro em mim dois sentimentos
Com bem distinto som?
O mal, com seu cortejo de tormentos,
Fará que eu sela bom?*

*E o bem, que eu lã sentir uma vez pude,
Acaso é meu algoz?
Oh Cristo! o prazer santo da virtude
Não me fala de vós?*

*

*Oh saudosa dos anjos, arraiada
De luz celestial,
Esconde a doce alma imaculada
No seio virginal!*

.....
*Não desças: paira d'alto em plaga infinda,
Não poises no covil
Ai! foge à terra, e busca, ó pomba linda,
O teu perpétuo abril!*

A dedicatória desta poesia abriu à observação do meu espírito um orifício no ânimo de José Augusto. Espreitei, e vi lá dois amores. A inocente oferta de *uns* versos inocentíssimos anuviou-lhe o semblante. Acaso, na mesma hora desta suspeita, vi as *Viagens na minha terra* sobre a jardineira do meu amigo; folheei o segundo volume

distraidamente, e notei uns traços sobpostos às seguintes linhas:

«...E já as confundia ambas por tal modo no meu coração, que me surpreendia não saber a qual queria mais.

«...amava perdidamente uma delas... mas amar, amar deveras, de alma cuidava eu, de coração ia jurá-lo, era a segunda... a mais gentil, mais nobre. mais elegante e radiosa figura de mulher que..

Isto era significativo: qualquer interrogação, a tal respeito, seria indelicada. A amizade não absolve perguntas que embaraçam o espírito do amigo que interrogamos. Nem ainda com referência ao coração, porque também lá se elaboram, com os elementos de uma refinada poesia, venenos que roem, combinações de um azedume engulhoso, que na expressão denunciam sentimentos derrancados, ou, mais propriamente, indecorosos.

Observei, prevenido.

Descobri que José Augusto era... um desgraçado.

Que tormento! Espiava os olhares de Fanny: pedia-lhe explicações das palavras ambíguas. Ouvia-lhe breves histórias, contadas a sorrir, de amores infantis. Instava pela repetição de miudezas, tais como o nome da flor que dera, a flor que recebera, o sentimento consecutivo a tal palavra, a duração da saudade, passado o incidente. Fanny respondia a tudo com a graça e confiança de irmã.

Maria, porém, é quem aceitava o braço de José Augusto nos passeios sob as parreiras do quintal. Dialogavam no tom de voz que lhes aprazia. Escutavam-se em suas recíprocas leituras. Maria gostava do romance mavioso, familiar, e comedido em transportes. José Augusto lia o *Eurico*, e as *Peregrinações de Childe-Harold*.

Fanny lia nas pétalas das suas flores, ajoelhava ao pé do canteiro a estear a tige da tulipa ou da anémoma descaída pelo vento da madrugada. Cingia-se com o muro a entrançar os jasmims com as madressilvas, as baunilhas com os maracujás. Carpia o desbotar e fenecer do jacinto; mas alegrava-se com o fastoso desabrochar da peónia. Se a mãe ou irmã lhe cortavam uma flor, Fanny escondia-se para chorar: confessava-o; mas não queria que lhe vissem as lágrimas. Eu passava à beira dos seus tabuleiros floridos com respeito igual ao dos Israelitas ao lado da Arca da Lei. Pedia-lhe vénia para aspirar o aroma de um cravo, cruzando os braços sobre o peito, em prova da minha limpeza de mãos. Fanny sorria; mas Deus sabe que ela aceitava contente semelhante reverência à inviolabilidade das suas açucenas. Dizia ela: – «Quem sabe tocar dignamente as flores são as borboletas».

– O meditativo Hervey foi menos sensível às galas da natureza. Ela falava de flores como naturalista religioso: Fanny era, neste seu amor, uma criança cheia de poesia.

III

Alonguei os prazos das minhas visitas às senhoras Owens. Fanny, em nome de sua mãe, escreveu-me, convidando-me a ir justificar o meu esquecimento de uma família que me recebia o melhor que podiam pessoas amigas.

José Augusto viu esta carta sobre a minha cómoda, releu-a, encaracolou o bigode, trincou-o, anediou-o, e disse:

– Sabes tu?...

– O quê, meu José?

– Se alguém amasse Fanny... – E reteve-se.

Eu contentava-me com as reticências; ele, porém, agravado pelo meu silêncio, passados dois minutos concluiu a frase:

– Se alguém amasse Fanny... matava-o!

Encarei no meu amigo, e murmurei:

– Ora essa!

– Tu não me entendeste bem! – emendou José Augusto, corrido da sua imprudência. – Eu queria dizer que matava o homem que a não amasse na intenção de honrá-la e felicitá-la.

– Isso mesmo é que eu entendi; todavia, o meu pasmo é justo. Parece-me extravagante o zelo homicida. A pura amizade costuma ser menos sanguinária! – repliquei num tom irónico desacostumado em mim.

– Que queres dizer?! – atalhou ele, vincando a fronte.

– Que faças justiça à senhora D. Fany. Para mim não te peço nada.

Ao abrir a manhã do próximo dia, como passasse Manuel Negrão à minha porta, caminho de Coimbra, fui com ele por esse mundo fora. De volta de Coimbra, mudei a minha residência para o Porto.

Raras vezes vi José Augusto no decurso de seis meses. Ouvia contar a estranhos que estava pactuado o enlace do meu amigo com uma das meninas Owens. A indicada não era Fanny.

Uma tarde, 24 de Setembro de 1852... – Tenho esta data escrita no meu álbum: José Augusto escreveu lá então estas linhas:

*Sofres muito; diz-te o rosto
Pungimentos d'agra dor.
Lá gravou mão do desgosto
Tristezas, filhas do amor.*

–Naquela tarde disse-me ele:

– Fui expulso do Paraíso!

– O novo e melhor Adão! – exclamei. – E Eva ficou?

– Foi Eva quem me despediu. Diálogo sério!

– Pois sim, diálogo sério.

José Augusto contou-me um sucesso vulgar de amuos e despeitos. Não fiz cabedal da história, até ao ponto em que ele me disse, com o supremo e desdenhoso ar da verdade, nestes casos:

– Acabou tudo! ou... principia agora o meu inferno.

– Que inferno se te anuncia? – repliquei. – Vamos por partes... A mim disseram-me que tu ias casar com D. Maria.

– E daí?

– É isto verdade? o teu casamento tratou-se?

– Não: a mãe perguntou-me com que intenção eu ia a sua casa; respondi-lhe que era incapaz de entrar ali mal intencionado. Mostrou-me a senhora uma carta de seu marido, vinda de Lisboa. O coronel, avisado das minhas frequentes visitas, quer uma explicação. D. Maria Owen respondeu as minhas palavras textuais.

– E sobre a cláusula do casamento?

– Nunca se falou, nem a filha propriamente me chamou a tal campo. As nossas ligações teriam quebrado há muito, se ela estipulasse cláusulas. Bem sabes que

José Augusto relembrou-me um episódio de sua vida galanteadora, o qual merece crónica. Era a sua primeira paixão no Porto. A requestada era bela e rica. O meu amigo, se algum capricho da menina lhe enublava o azul esplêndido do seu empíreo interior, a nuvem disparava em chuva de prantos. Mostrou-me ele, uma manhã, a travesseirinha de sua cama assinalada de lágrimas, e disse-me: – «Chorei toda a noite! Esta mulher há-

de matar-me!»

Uma vez escreve-lhe a já amantíssima menina, dizendo-lhe qual era o seu dote materno, e o dote presumível por morte do pai. Após as cifras vinha um honesto convite a casamento próximo. «Vem pedir-me – dizia ela – que meu pai já está bem prevenido a teu respeito».

José Augusto respondeu: «Quando perguntei eu a vossa excelência o dote que tem?! Vejo que é rica: é rica de mais para as minhas ambições... Já não podemos ser felizes. Meteu-se o demónio do dinheiro entre nós, estendeu os rijos braços de oiro, e separou-nos para sempre!»

Esta descentralização da natureza humana eu não sei como hei-de classificá-la entre a sublimidade e a doidice!

Relembrado o episódio, José Augusto prosseguiu:

– Se eu tivesse pedido alguma das senhoras Owens, embora me arrependesse, havia de salvar a minha dignidade, ainda com a condição de me abolar o crânio no dia das núpcias. Retirei-me honestamente.

– O mundo não o dirá – reflecti.

– A minha consciência é superior aos juízos do mundo: da sentença do mundo recorrerei para a consciência das senhoras Owens.

– Bem! – conclui.

IV

Logo ao outro dia, José Augusto entrou a cavalo no meu quarto, apeou, entalou a rédea livre entre um calepino e uma crónica monástica da minha livraria, e disse:

– Aí vai o profundo, o recalcado, o reaccionário segredo da minha vida!

– Que temos?

– Amo a Fanny, amo-a desde a primeira hora em que Deus a lançou no meu caminho de glória ou de perdição,

– Ouço-te sem espanto – acudi eu. – Agora estás desculpado do zelo homicida de há quinze meses.

– Não te espanta o meu infortúnio?! – tornou ele. – Esta paixão que desabafo pode ter?

– O honesto. Ama-te ela?

– Forçosamente. Ninguém se apaixona assim sem a intuição de que é amado.

– Exceptuam-se dessa regra cento e vinte casos do meu conhecimento. Vá, porém, de barato. Se te ama, se te convém, casa-te.

– Como imaginas tu que eu possa entrar na casa do Paraíso a pedi-la? – perguntou José Augusto.

– Se saíste pela porta da honra, entra por essa mesma porta.

– A honra do coração não se afere pelo padrão comum – replicou ele. – Nenhum homem, nas minhas circunstâncias, ousaria pedir uma na presença da outra que se julga abandonada, e depois se julgará traída por sua própria irmã.

– Aceito a observação – volvi eu, perplexo. – Não te sei aconselhar... Se lá vais, atiras com um facho infernal ao seio daquela família!

– Inevitavelmente.

– E então?...

– Vou escrever a Fanny. A minha carta vai surpreendê-la.

José Augusto escreveu ali. A carta era longa, admirável, sincera, veemente, doida de paixão.

Poucos dias depois levou-me a resposta, também admirável de pundonor e simplicidade. Fanny dava-lhe o título de irmão. Prometia-lhe o seu amor no Céu, e pedia-lhe eterno silêncio.

José Augusto chorava. Três dias volvidos tinha a magreza e lividez cadavérica.

Sai então para Viana do Castelo.

Quando volvi, passados quinze dias, José Augusto respirava os aromas de um coração feliz. Jubilava-lhe a mocidade no rosto. A enchente de luz íntima lampejava-lhe nos olhos.

Mostrou-me cartas de Fanny.

Ela amava-o, dava-se-lhe como esposa, aceitava a malquerença do mundo, e o ódio de sua irmã, esperando que algum dia todos lhe perdoassem.

Pobre menina!

Ela amava-o! Amava o homem da estrela funesta! Media do céu abaixo a profundidade do abismo, e despenhava-se, fitando o negro da voragem como as cristãs do circo de Nero embelezadas na garganta espumante das feras.

Perguntei-lhe:

– Vais pedi-la agora?

– Não: não posso. Ela confia na minha honra.

– A que vem a tua honra neste caso?

– Fanny fugirá comigo, e será minha esposa na capela de minha casa, na quinta do Lodeiro.

– Um escândalo desnecessário! – atalhei eu. – Feio remate de um romance mal começado! Não a tires de casa, que a deslustras aos teus próprios olhos.

– Isso é tolice! – redarguiu José Augusto. – Em que é deslustrada Fanny aos meus olhos?

– Uma hora depois da fuga o saberás. João Jacques, nas suas «Confissões», diz que vira os homens e os costumes do seu tempo. Eu vi mais que ele, porque me estou vendo a mim. José Augusto, crê por fé no apóstolo da experiência. O anjo, que foge do seio de sua família, deixa lá dentro as asas, e fora da porta é mulher.

– Nada de máximas! – retorquiu o meu amigo.

– Então não tenho que te dizer – volvi eu.

A serpente saltara de golpe no Éden de Vilar. As três senhoras choravam cingidas nas roscas da maldita! A mãe, pelas desventuras das filhas: as filhas de amor e ódio.

A catástrofe era já irremediável a parecer de José Augusto. Fanny sofria a obsessão de mãe, de irmãs e parentes. Se ele a fosse pedir, negar-lha-iam. Se ele a desamparasse, infamar-se-ia: o mesmo seria oferecer à ira da família o barço de estrangulação para a indefesa senhora. Estas eram as razões alegadas por José Augusto.

Estava eu a meio caminho do Paraíso, no lugarejo da Rasa, de visita a uma família do Porto, que ali passara o Estio.

Eram dez horas da noite. Chegou José Augusto, e disse-me na presença da dona da casa:

– É hoje.

– O quê? – perguntei.

– A fuga.

Latejou-me o coração como em saltos de terror de um abismo sonhado. Levantei-me oprimido, abracei José Augusto, e disse-lhe comovido a lágrimas:

– Não te despenhes! Não seja hoje: passados dias... Espera... Reflexionemos.

– É impossível! – tornou ele sobressaltado da minha agitação. – Ela espera-me.

A dona da casa ergueu as mãos, e disse:

– Não vá! Escute o coração do seu amigo.

José Augusto fitou-me como quem interroga e pede um remédio, um pretexto sem desonra.

Compreendi-o, e disse-lhe:

– Sou eu que vou escrever-lhe a ela. Daqui parte um criado com a minha carta.

Não sei o que ia escrever, nem o que escrevi nas primeiras duas linhas. José Augusto ergueu-se de súbito, bateu-me no ombro, e disse:

– Não escrevas, que é tarde. *Alea jacta est.*

Ergui-me, abracei-o, e balbuciei:

– É o último abraço que te dou na tua época de felicidade. Vai, que a tua juventude acabou neste momento. Daqui a uma hora és um dos mais desgraçados homens!

Foi. Abri uma janela, e disse-lhe:

– Salva-te, que ainda é tempo!

Cravou as esporas nos ilhais do possante cavalo, e desapareceu no escuro da noite, a galope desapoderado.

Davam onze horas os relógios do Porto.

À meia-noite em ponto, José Augusto cingiu-se ao muro do jardim do Paraíso. Estava convencionado o local do salto. A tímida menina, que estremecia ao menor rumor de insecto entre a folhagem das suas flores, atravessou o quintal, marinhou o muro, dobrou-o ficando os dedos nas juntas da pedra argamassada, e resvalou aos braços de José Augusto, que a recebeu de cima do cavalo irrequieto.

O itinerário traçado era irem dali a Oliveira, descerem à margem esquerda do Douro, e entrarem num barco em que José Augusto mandara construir duas alcovas de madeira, e mobilá-las de leitos, tapetes, e miudezas de toucador de senhora. Além do primeiro pinhal o jóquei de José Augusto sustinha à rédea um cavalo que devia conduzir Fanny ao embarcadouro.

Assim que transpuseram um córrego vizinho da casa, o cavalo rebelão, assustado pelo frémito dos vestidos de Fanny, arremessou-se em trancos e galões por um declive pedregoso e intransitável. O cavaleiro largou Fanny para salvá-la da maior queda, e foi logo cuspidor do selim. O cavalo, resfolegando braveza, atirou-se às cegas por entre os pinhais: – seria desvario segui-lo.

Neste momento escondeu-se entre nuvens a Lua, que havia nascido meia hora antes. José Augusto orientou-se na direcção que devia seguir, com tamanho desacerto que, às quatro horas da manhã, ia caminhando para Ovar, direcção oposta. Guiado pelas peixeiras que encontrou, retrocedeu, e achou-se ao apontar o Sol no lugar da Sueima, no terreiro da quinta de José Correia de Meio, nosso comum amigo.

Aldravou ao portão da quinta, e mandou pedir ao amigo que lhe mandasse um criado a ensinar-lhe o caminho de Oliveira. José Correia de Melo, adivinhando o sucesso a que não era de todo estranho, correu ao pátio, e encontrou José Augusto a estorvar-lhe o passo, receando que ele se dirigisse a cumprimentar Fanny, que o estava esperando afastada. O meu amigo quis evitar que a pobre menina fosse vista com os vestidos espedaçados, e quase descalça, das asperezas do trilho por entre pinhais. Ainda assim, José Correia pôde vê-la encostada ao peitoril de um tanque, fitos os olhos na queda da água, com uma carteira na mão: eram as cartas de José Augusto.

Que tristeza tem isto! Que situações tem o infortúnio a implorarem o perdão da culpa! A quantas infelizes assim perdoaria Jesus!

As cartas de José Augusto! o tesouro, as jóias únicas, a riqueza de sua alma, que

lhe não esqueceu em casa!

José Correia não conseguiu que José Augusto aceitasse cavalos para a curta jornada. Viu-os partir, Fanny amparada ao braço dele, e ele mal firme de cansaço, de amargura, de... arrependimento, meu Deus?

V

O escândalo estrondeou no Porto assim que o Sol nasceu. Na casa do Paraíso juntaram-se os vizinhos da aldeia, atraídos pelos clamores da consternada mãe. Quem delatou, por alta noite, a fuga, foi o cavalo fugitivo, indo escarvar ao portão da casa de Fanny. Ainda me não pude entender com este despropósito do irracional! Seria porventura o hábito de se alojar ali, quando o dono, da volta dos seus passeios, apeava? Pensemo-lo assim para não embicarmos em credices de juízos vesgos.

O criado, que esperara até ao dia com o cavalo à rédea, desamparou o local, e recolheu-se ao Porto, conjecturando que o amo revogara a tenção. Avisado, porém, do desastre por um criado de José Correia, e da captura do cavalo, em Vilar do Paraíso, meteu-se em brios de ir à valentona apossar-se da propriedade de seu amo. Para segurar o bom êxito, acamaradou-se com outro bravo, armaram-se de clavinas, e foram afrontar o perigo. Mal assomaram à entrada da aldeia, alarmou-se o povo da freguesia, com o regedor a caudilhar a hoste, e foram presos, sem desperdício de pólvora, os dois intrépidos, amansados pelas circunstâncias especiais.

Estava eu na Rasa quando ouvi o alarido da multidão que trazia os dois galegos entre vinte clavinas, de fora parte as foices e enxadas temerosas.

Saí a parlamentar com o chefe da coorte, e despendi-me em razões, que me iam custando o retorno de algumas estadulhadas imerecidas.

Segui os presos, e arenguei em Vila Nova ao senhor Albergaria, administrador do concelho. Sua excelência não podia sonegar a um processo os salteadores da cavaliça, onde estava retido, como corpo de delito, o cavalo desastroso. Voltei novos esforços para se se admitir fiança aos presos, e esta pude eu conseguir a despeito de poderosas contraminas.

A este tempo dizia-se no Porto que ia marchar tropa, de ambas as armas, para capturar José Augusto na sua quinta de Lodeiro, a nove léguas de distância, Saiu aviso para José Augusto, que fez postar esculcas nos cabeços das serras convizinhas da estrada.

De repente nasce, cresce, avoluma-se e apresenta-se nas praças e botequins uma calúnia hedionda. Dizia-se que um espanhol, residente no Porto, possuía cartas de galanteio de Fanny Owen, escritas no tempo em que recebia o cortejo de José Augusto. Apenas me souo a feia atoarda, fui em demanda do senhor Fuentes, indigitado possuidor das cartas. O senhor Fuentes, anuindo sem dilação ao meu pedido, entregou-me umas cartas de Fanny, as quais se achavam em poder de sua senhora. Isto bastava à prova da inocência delas: não obstante, li-as e guardei-as para rebater a calúnia.

Numa destas cartas, Fanny, conversando fraternalmente com a pessoa a quem as escrevia, lastimava-se da viuvez de sua alma, e da *desesperança de encontrar coração que a compreendesse*. Palavras textuais.

Estas palavras podiam magoar José Augusto: a data da carta era contemporânea de outras cartas em que naturalmente se lia o inverso daquela frase. Eu, porém, desvaliei a coincidência, considerando que um quarto de hora de desconfiança, de ciúme, de tristeza indefinida, seria causa perdoável do desafogo de Fanny.

Um amigo de José Augusto, seu patrono em qualquer processo criminal que se lhe instaurasse, pediu-me as cartas, que eu cedi aprazivelmente. O zelo do amigo

prevaleceu à prudência do espírito recto de M. de Matos, e as cartas foram dar à mão de José Augusto.

Estremeci pela sorte de ambos quando tal soube. Eu tinha desvendado um recanto da alma ininteligível do meu pobre amigo. Era um doente que, submetido à terapêutica das paixões comuns, morreria sem remédio.

Corridos dois dias, recebi um convite de José Augusto para comparecer na Sueima, em casa de José Correia de Meio. Encontrei-o ali com alguns dos seus principais amigos. Era assunto do conselho saber se José Augusto, vistas as cartas de Fanny, podia desposá-la sem desdouro. Atediou-me o quesito; respondi que a pergunta me injuriava a mim, porquanto, sendo eu o solicitador e depositário das cartas, a mim cumpria, primeiro que a outrem, desviar o meu amigo de um enlace indecoroso.

José Augusto abraçou-me com veemente cordialidade, e saiu comigo para o Porto, de onde partiu para a sua quinta.

Acompanhei-o até Valongo.

Recordo-me pouco do que discurremos, caminho fora. Umhas palavras, porém, recolhi à memória do coração, por se desatarem de outro efervescido em muito amor e muita honra. Estas foram proferidas por ele, com os olhos a marejarem:

– Fanny é um anjo. Como irmã a conheço, e compreendo quanto affecto pode caber em alma de irmã. O seu leito é o de minha mãe: mas, se é possível, mais sagrado é agora para mim aquele leito.

Alguns dias depois, na igreja de Santo Ildefonso, recebiam-se com procuração dos contraentes, e as necessárias licenças e dispensações do Prelado, dois cavalheiros, José Correia de Meio, em nome de Fanny Owen, e António de Meio, de Santo Ovídio, em nome de José Augusto.

Sem embargo, as praças e as salas urravam na angústia da sua moral ultrajada!

Fanny Owen, a pura, a virgem, era prostrada no leito procustiano de umas illustres almotacés do pudor público, que se deram a mordomizar a honra alheia, depois que desbaratarem a própria, e penduraram no gancho de andrajosa adela o cinto e o amicto, mascarrados de suas devassidades.

E eu que, pela minha má estrela, não pudera ser estranho ao errado passo daqueles infelizes, era apontado como fautor, conselheiro e auxiliador no rapto de Fanny Owen.

VI

Eu ia jurar que José Augusto e Fanny se haviam escondido numa região de felicidade, tão remota deste globo, que tudo daqui lhes esquecera!

Seguiram-se dois meses de silêncio. Nem ao menos um «sou feliz!» me escreveu o amigo! Ao cabo dos dois meses perguntei-lhe se o era: indiscreta e pungitiva pergunta, que eu hoje não faria a homem nenhum, ao segundo mês de casado. José Augusto não respondeu ao artigo essencial da minha carta. Disse-me que vinha para a Foz. Era isto em fins de Novembro de 1853.

Aluguei por sua ordem, uma das mais confortáveis casas do Passeio Alegre.

Chegaram. Mal os vi, apertou-se-me a alma. Fanny, aquele alvíssimo rosto, levemente purpurino, era agora palidez marmórea. José Augusto, sem notável mudança de aspecto, revelava no quebranto de olhos e inércia de gesto e movimento uma atabafada amargura. Nem por sombra me dei por admirado da mudança tão inversa do que eu esperava.

Residia ainda na Foz uma senhora de nossa amizade. Fanny entrou na convivência daquela senhora, com quem passava muitas horas do dia e noite.

Eu, de mim, fugia de José Augusto, temendo que ele me dissesse: – «Foste profeta!»

Um dia, sem lhe perguntar se era desgraçado, falei do amor dos filhos, o mais duradouro, o interminável, o amor santo, que vertia linimentos nas chagas mais cancerosas do coração; amor, em troca do qual de boamente cedemos todas as efémeras alegrias da juventude. Neste sentido, vinguei o intento de lhe dizer que a melancolia de marido lhe seria compensada pelos contentamentos de pai.

– *Pai!*... – atalhou José Augusto; e passados instantes, ajuntou: – Fanny é minha irmã.

Nem a máxima intimidade me deu ousio a esclarecer o muito claro ou muito escuro entendimento daquelas palavras. Uma interpretação, a mais óbvia, parecia-me absurda; outra, mais romântica, mais absurda ainda. Calei-me, e ele calou-se.

O criado de José Augusto era azado para me informar do viver dos seus amos. Entrei com premeditação e melindre nestas averiguações, e colhi o seguinte: José Augusto recebia à noite uns clérigos e proprietários vizinhos. Fanny ficava na sua saleta de leitura e trabalho. Às dez horas saíam as visitas, e José Augusto, depois de tomar chá, detinha-se até à meia-noite na saleta de Fanny, ou na casa de jantar, lendo ou ouvindo ler. Depois despedia-se da esposa; e, às dez horas do dia seguinte, mandava saber se a senhora já saíra do quarto. Se a resposta era afirmativa, ia cumprimentá-la à saleta contígua à alcova, e dali passavam para a mesa do almoço.

Ao meio-dia José Augusto cavalgava, e demorava-se por fora até às três horas. Fanny acompanhava-o raras vezes; e, no máximo dos dias, sala sozinha com o jóquei para casa de Raimundo de Medeiros, seu cunhado, cuja esposa era dama de suma virtude e selecta educação. Das três às cinco horas, conversavam ou liam. Às cinco jantavam, e entrelinham-se, até ao anoitecer daqueles já breves dias de Outubro, tomando café. Depois entravam as visitas: a senhora recolhia-se à sua ante-câmara, e José Augusto ia para a sala. Até aqui as informações do escudeiro.

Perguntei-lhe se os ouvira alterar; se alguma vez conhecera vestígios de lágrimas nos olhos de sua ama. Respondeu negativamente; acrescentando em desconto, que se os não vira chorar, também nunca os vira rir.

Aumentou-se o *meu* enleio. Ponderei as palavras enigmáticas do meu amigo, e rastreei-lhe o sentido a uma luz que se me apagava a cada repelão que o rebelde raciocínio lhe dava.

Fanny, neste tempo, desejou reconciliar-se com a sua família. Estava então no Porto o coronel Owen. Escreveu-lhe a filha, autorizada pelo marido. A carta foi-lhe devolvida fechada. Quem a recebeu foi José Augusto, da mão do criado. Fanny, ansiosa da resposta, como visse a carta em mão do marido, correu alvoroçada para ouvi-la. José Augusto, antes de abrir o envoltório exterior, conheceu que dentro estava lacrada a carta de Fanny. A fim de poupá-la à mágoa, não !ha deu, nem quis abri-la; porém, como ela visse no sobrescrito a letra de sua irmã, suspeitou da recusa do marido, e, num ímpeto de ciúme, quis arrancar-lha da mão. José Augusto repuxou com desabrimento o braço; e, neste esforço, Fanny, ao desprender-se do braço dele, caiu de encontro ao ângulo de uma banca da sala. Tão doloroso fora o embate, que ela veio ao chão desamparada dos sentidos. José Augusto abraçou-a com transportes de compadecido, e transferiu-a para o leito. Quando Fanny volveu a si, encontrou a carta sobre o seio, e José Augusto arquejante ao lado da cama.

Não teve seguimento este lance; porém, foi ele fermento de sobra para levar a mais contumeliosa calúnia contra José Augusto, calúnia que o protesto daquele anjo de mortal tristeza teria rebatido, se ela previsse que a difamação, em seu nome, havia de apregoar que seu marido a repulsara de si com a ponta do pé.

VII

Por fim de Janeiro de 1854 passou José Augusto para o Porto, onde demorou até aos últimos dias de Março.

Daqui foi para o Bom Jesus do Monte, de onde me escreveu as linhas trasladadas no começo deste memorando.

A 15 de Abril saíram para a sua quinta do Lodeiro, e eu voltei ao Porto.

Naqueles Oito dias de convivência espiei com muita simulação e recato os corações de ambos. Achei uma tristeza cerrada, sem descontinuação, sem intercadências de luz do Céu, ou de esperança em longes eventualidade₅ da vida. Lágrimas, porém, nunca vi alguma. Esta era, a meu ver, a suprema desgraça de ambos. Retirei-me convencido de que as duas almas haviam caído nas presas do demónio do tédio! A minha razão não abrangia a onnipotência desse demónio tão temporão; mas que montava isso? Quantas misérias da alma humana eu desconhecia! quantas incógnitas me vão saltando deste esterquilínio aos olhos pávidos!

Dois meses depois respondeu José Augusto à minha terceira carta. Leio nela estas linhas:

«...A tua segunda carta lisonjeou-me o coração... Abriste-me as portas do meu Éden de rapaz. Não entrei, porque mo impede o montante de fogo do anjo maldito da desesperança.

«O que eu vivi, faz hoje um ano!... É hoje o natalício de Fanny. Eu era então ditoso, era! mas, há um ano, estava longe da única mulher que amei, como sei e sinto que só tomarei a amar no Céu!

«Aqui a vejo agora pálida, desbotada, inclinada ao túmulo, como as belas flores que lá nascem para a curta vida de dois sóis! Vou com ela brevemente para o Porto, procurar-lhe remédio

.....
«Falaremos dos incidentes decorridos durante a nossa separação...»

É contraditória esta carta. *A mulher amada*, como nenhuma outra, a mulher que só por amores do Céu pode ser deslumbrada, nem assim vinga desviar os olhos do esposo do anjo percuciente, que se lhe atravessa às portas do *Éden de rapaz!* Que desvairada incongruência esta se me afigurou, e ainda agora se enubla nos vapores de uma poesia de símbolos indecifráveis! Há almas em que só pode ler o Criador.

Em princípio de Julho hospedou-se José Augusto no Hotel Barthès, na Rua da Fábrica.

Manuel Negrão visitara-o, primeiro, e dissera-me:

– «Fanny está morta!» – Relatou-me o deperecimento em que a vira, e o acre enjoativo de cadáver, que se respirava ao pé dela.

Desconfiei das demasias de cor funeral neste quadro. Fui, porém, com medo: a compaixão dá esses efeitos às almas fracas.

Entre numa sala, esperando Fanny.

Ouvi, no pavimento imediato, um ranger lento de passos tardios e mesurados. Abriu-se a porta, e eu levantei-me. Devia de ser Fanny aquele cadáver, porque eu estremei, levei as mãos ao rosto, e esmaguei os olhos para estancar as lágrimas. Estava presente José Augusto! Que lance para ambos! Fanuy, sorrindo, dizia-me:

– Cuidei que me não conheceria; mas, se há-de assim chorar, melhor fora que me não conhecesse!

Aquele foi um muito aflito transe de minha vida! Eu queria compor e atenuar a sobre-excitação da minha surpresa; mas as lágrimas teimavam, a voz não se me desabafava do gemido que eu apertara na garganta, e me afogava a mim. Neste momento odiei José Augusto: parecia-me que via nele, ao lado da vítima, um impassível carrasco.

Que havia eu de dizer? Pedi a Fanny a explicação dos seus padecimentos: não podia dizer maior inconsideração. Disse-me ela, breve e secamente, que o seu mal procedia do peito, e de uma dor na ilhargá esquerda.

Poucas mais palavras trocámos: quis-me parecer que a minha presença lhe suscitava lembranças do seu Paraíso perdido, e que as lágrimas desbordavam da enchente do coração.

Saí, apertando-lhe a mão escaldante. José Augusto ficou na sala; recordo-me escassamente dele naquela passagem.

Neste mesmo dia, procurou-me José Augusto, perguntando-me se eu o queria acompanhar à Madeira, para onde ele ia com sua mulher. Não tive mão em mim, e pedi-lhe contas da formosura dos vinte e três anos, da vida radiosa de Fanny Owen. Respondeu glacialmente que Fanny adoecera de tristeza, de arrependimento, de saudades de sua mãe, e da especial doença de sua índole inglesa; não obstante, ele esperava restaurar-lhe a saúde perdida nos ares temperados da ilha. Recalcitrei em termos um tanto desabridos, e José Augusto replicou enfiando, e cobrindo-se de uma palidez que me impôs silêncio. – «Há aqui mistério!» – disse eu entre mim.

Fui visitar Fanny nos dias subsequentes. Nenhum ar de melhora, nem de esperança. Pedia-me que lhe levasse flores: no seu quarto, cujas janelas davam sobre quintais, havia quatro jarras de flores. Estava ela reclinada, sobre as almofadas de um canapé, de encontro às vidraças de uma janela por onde se via em cima o azul do céu, em baixo o verde dos arbustos de um jardim.

Vi, com prazer, ao lado de Fanny uma distinta senhora do Porto, sua parenta; e com maior prazer, passados dias, vi do outro lado a veneranda mãe da pobre menina. Choravam todas! Não ousou conjecturar com palavras qual seria o aperto de alma de D. Maria Rita, quando encarou em sua filha, decorridos nove meses apenas, depois que ela, ao deitar-se, lhe dera o beijo do adeus!... E aquele beijo como saíria do coração de Fanny!

Disse-me José Augusto que a reconciliação de sua sogra prometia o breve restabelecimento da enferma.

– Vamos viver – continuou ele – na casinha de Vilar, que ainda conservo trastejada; a mãe estará sempre com ela; os ares dali são excelentes, e estão impregnados do aroma e poesia da mocidade de Fanny. Eu mesmo espero que a vida me lá transluzá nas cores prismáticas de outro tempo.

No entanto a doente piorava. Consultei à puridade os médicos Moutinho e Ferreira: era desesperada a cura de uma tísica em último grau!

Numa noite de Agosto abriu José Augusto uma janela do quarto abafadiço de Fanny. Manuel Negrão e D. Maria Rita estavam juntos do canapé em que a inquieta senhora, ora punha as mãos suplicantes sobre o seio, ora se inclinava estorcendo-se para os braços de sua mãe. José Augusto saíra à varanda do quarto. Eu fui depós ele, e disse-lhe:

– Morre inevitavelmente esta senhora. Deus lhe aligeire as agonias.

Passados instantes de ofegante silêncio, José Augusto respondeu:

– Mataram-na a ela, e mataram-me a mim.

– Como e quem? – repliquei, suspeitando uma revelação de alta valia, um levantamento súbito do véu misterioso daquelas duas existências.

– Mataram-na – tomou ele – as cartas que me enviaram.

– As cartas de Fanny ao sujeito que mas confiou?! – redargui transido de assombro e indignação.

– Sim, essas mesmas.

– Então és um desgraçado sem nome! – voltei eu. – Que tinham elas de injúria para ti, ou desaire para tua senhora?

– É que a mulher que se dizia a mais ditosa do amor de um homem, escrevia a outro dizendo que não achara ainda coração que a compreendesse!

– E esse dizer inconsequente autorizou-te a infligir-lhe um suplício morta!?

– Eu não sou que a mato: é ela que se enganou com o meu carácter. A confiança expansiva morreu em mim na hora em que a julguei a ela falsa. Desde essa hora tinha dois caminhos a seguir: um era o da liberdade com a infâmia, deixando-a; outro era o do cativo com a morte, esposando-a. Meti-me ao caminho da honra: dei-lhe o meu braço de irmão – meramente o de irmão, compreende-me – e caminhei com ela em direitura à morte. Aqui estamos. Ela vai morrer, eu irei depois, porque sei que apenas lhe sobreviverei o espaço de uma trabalhosa agonia.

Depois disto, as minhas severidades seriam, sobre intempestivas, estúpidas; consolações também eu lhas não podia dar: retirei-me da janela assim que um pretexto me deu azo, e fui contemplar a mártir sem algoz. Sem algoz, em minha íntima consciência o digo, e repito em presença de Deus, que ma vê. José Augusto, alucinado por filtros de fatídica e infernal magia, não era já senhor de sua razão, de seu arbítrio, das fibras compassivas de sua alma, O mundo não desconta nem atenua culpas da procedência de tais filtros, visto que as leis descumram a abstrusa tese do homem despossuído do senhorio de suas acções, leva-o de rojo por uma corrente de raciocínios desvariados, posto sobre uni patíbulo, sem outro impulso visível de sua vida e morte afrontosa, que a sua mesma e inflexível vontade.

VIII

Voltaram Fanny e José Augusto a Vilar do Paraíso.

Quando ali fui, o *cottage* avultou-me Como se um crepe o envolvera todo. As aves da laranjeira e da olaia tinham volitado para estância mais feliz. Lá dentro gemia a doce amiga que elas tinham conhecido florente, alva e acoitadora corno os cachos da cilindra, de onde, a requebros amorosos, a saudavam ao descair da tarde.

Na saleta, nivelada com o jardim, estava Fanny, de rosto contra a ramagem das acácias. Dali, sentada numa cadeira de espaldar, aspirava a haustos ansiados os aromas que lhe caíam nos pulmões em peçonha roedora.

Assim a vi, com sua mãe ao lado, quando a visitei em Vilar. Assim a vi, e não tornei mais a vê-la neste mundo, senão em sonhos.

José Augusto passeava no jardim. Não sei o que ele me disse então. Foram também as derradeiras palavras que lhe ouvi, porque os nossos olhos nunca mais se encontraram.

Lembro-me que entrei na saleta, beijei a mão de Fanny Owen, e abracei sua mãe, com não sei que palavras, últimas também, que nunca mais vi a respeitável e infelicíssima senhora.

Poucos dias depois, Fanny, ao acabar um dia mais sereno que os anteriores, inclinou a face ao seio de sua mãe, e adormeceu. Daquele sono acordaria desperta às alvoradas de seus irmãos, dos anjos, que lhe vieram em demanda do espírito para o

restituírem ao Senhor.

Dizem-me que José Augusto se ajoelhou ao lado do cadáver, e lhe reacendera as faces lívidas com a febre dos seus lábios.

No dia seguinte saíram para Vilar os aprestos para o embalsamento. O médico encarregado era meu amigo. Segredei-lhe duas palavras: Joaquim José Ferreira espantou-se, e disse: – «É crível!»

De volta de Vilar procurei o médico com ansiosa curiosidade.

– Virgem, como se nunca saísse do regaço de sua mãe! – disse-me ele.

IX

Já me vai sendo uma dor este prolongado recordar-me, e direi até um arrependimento.

José Augusto, concluído o embalsamento do cadáver, mandou depositá-lo naquela igreja contígua ao velho solar dos Camelos, e guardou o coração de Fanny numa urna de álcool. Depois encerrou-se com um sacerdote por espaço de oito dias.

Em seguimento, fechou os vestidos de Fanny em baús, e mandou-os recolher num mosteiro do Porto, a recato da senhora com quem sua esposa convivera na Foz. Da urna do coração foi também depositária a mesma senhora.

Saiu José Augusto para Lisboa, prometendo regressar passado um mês.

Hospedou-se no hotel da Travessa de Estêvão Galhardo; e, ao oitavo dia, morreu.

Uma senhora portuense, a senhora D. Eulália Balsemão, hospedada no mesmo hotel, disse-me que José Augusto morrera de febre cerebral; que rejeitara remédios; e apenas escutara as palavras confortadoras de um sacerdote de virtuosa fama, socorro que ele pedira aflitivamente. Quer em delírio, quer em claro entendimento proferia o nome de Fanny, e exclamava: – «Espera-me, oh anjo!»

José Augusto Pinto de Magalhães foi sepultado no Alto de São João em vala comum.

Fanny Owen está no jazigo dos Rochas Pintos no cemitério da Lapa, O cavalheiro daqueles apelidos mandou buscar o cadáver embalsamado a um desvão da igreja de Vilar. Os herdeiros de José Augusto recusaram pagar as despesas do monumento que ele mandara construir; e, sobre a sepultura dele, nem uma cruz, nem tábua ergueram com uma data e nome.

Assim acabou aquela mulher linda do Paraíso, que chorava se o vento lhe sacudia as corolas das suas flores! Assim se fecharam os olhos daquele ardente mancebo, que eu invejara com tantos dons o auspícios de felicidade!

Falai-me, ó vozes misteriosas das minhas noites contemplativas! Dizei-me se aquela alma supliciada, que pedia ao anjo que a esperasse, a encontrou debaixo do olhar misericordioso do Senhor!

1855

CARTA A EVARISTO CARVALHO

Ainda te lembrás daquele polígomo de castanho do Manuel Malho do Laranjal? E a parelha, também polígoma, seria coisa delével da tua memória? Se pudeste esquecer isto, que relanço formoso de tua vida te resta ainda para a saudade?

Era no tempo em que tu, e José Barbosa, e Luís Barbosa, e eu tínhamos a ténia.

Luís Barbosa, aquela boa alma, superabundante de saúde, tinha uma ténia por condescendência connosco.

José Barbosa, triste como um capítulo de Ezequiel, atribuía ao ominoso verme a dolorosa introversão do seu espírito.

Nós, Evaristo, porque éramos imaginariamente comidos da lombriga por excelência?

Hoje é que eu sei o que era aquilo. Era a decadência da nossa faculdade imaginativa. Já não podíamos inventar outra coisa! A ideia, atirada pelo impulso do engenho à objectividade, repercutia nua como saíra à subjectividade descolorida, chocha e espalmada da psique, gregamente falando; e esta ideia toda ela me parece grega, a dizer-te a verdade.

Em tempos auspiciosos pelo vento da fortuna, meu amigo, as nossas apreensões exercitavam-se todas do diafragma para cima: na região torácica é que nós procurávamos o amor... e os tubérculos. O coração era o centro dos lucidíssimos orbes que inventáramos. Isto, que a ciência chama intestinos, chamávamos nós constelações. O ar dos bofes afidalgávamo-lo com o foro de éter. Tudo poemas e prosa bíblica das costelas adentro, até à membrana divisória da cavidade intestinal. Se embicares nesta nomenclatura, que cheira a anfiteatro de dissecação, consulta o nosso Arnaldo Gama.

Desluzida a fantasia, meu velho amigo, é que descemos a entender no que nos ia no pâncreas, no cólon, e no duodeno. Criámos então a bicha solitária, e vimos que era bom. O Pégaso, ao fugir de nós, escoiceara-nos no ventre. Levámos ali a mão à dor palpitante, e apalpámos o verme roaz, o castigo da prodigalidade com que tu cantaras olhos negros, e eu uns olhos *azuis-castanhados* que os críticos meteram a riso; tolice que me obrigou a estudar pintura e combinações de tintas num brasileiro que andava então variegado à compita com o arco-íris.

Abrimos nossas almas aos dois Barbosas; simpatizaram eles com a ideia da ténia, um porque a devia ter, o outro porque, em obséquio à nossa desdita, aceitava a fama de possui-la.

E, assim, pálidos e meditativos, como quatro dos girondinos, subimos à carroça do Manuel Malho, o parámos em Famalicão. O País e a Europa já sabem, em virtude da notícia que eu dei à estampa, que o açoite de Deus, nas lombrigas, o vermicida de Gondifelos, não achou nada em ti, nem nos Barbosas, nem em mim. Eu, sem que vocês me vissem, pus a mão no ventre, e murmurei o *J'avais pour tant...* de Chénier. Era a dor sincera do homem que arguia ao desarranjo da região hipogástrica os esvaimentos de espírito, a letargia do *eu* intuspectivo, a calacice que me abrutava quando o Céu me chovia inspirações a cântaros.

Excedem a marca ordinária, meu amigo, as desgraças resultantes de eu não ter a ténia naquele tempo. A falta de uma alimária interior, responsável do meu desgosto da vida, entendi que o marasmo da minha alma procedia da minguagem de excitantes. Abrasei um ferro na forja das paixões infernais, e cauterizei com ele o coração. Dei pulos de cobra! As fibras, que pareciam mortas, palpitavam de dor. E eu não chorava ouvindo as

lástimas do senso comum. Cravava o cautério entranhas dentro; revolvia-o na caverna de sangue e cartilagens e membranas; tirava por ele com desesperada agonia; examinava a matéria aderente ao ferro extraído, e via lama!

Depois desta operação, com que a patologia não ganhou nada, fiquei melhor, meu amigo. Foi uma limpeza que a pouca ventilação dos nossos hospitais não comportaria sem contágio. Eu tinha no peito um paul fermentado de miasmas. Escondi-me entre os fragedos, de onde te escrevo, para extirpar o cancro que atirei à cara do meu anjo-custódio, em paga dos bons serviços que me fizera.

Mas que estorcimentos, que horrentes angústias me custou isto! Que sadia existência teria sido a minha, se eu pudesse enforcar, há oito anos, o demónio do meu destino com as trinta braças de uma ténia!

Tomando o fio deste memorando, meu caro Evaristo, fomos de Famalicão para o Bom Jesus do Monte. Há pouco li o livrinho que escrevi então. Que saudade!... Que saudade eu tenho da tua alegria sobre as almofadas de verdura que afofam a ladeira da serra!

E o José Barbosa, que ainda então estava apenas meio engolido pela política – baleia medonha de onde ainda não saiu nenhum Jónatas inteiro – quão poeticamente cismava, que pueris mágoas o alheavam daquele teu salgado prefácio a um suspiro profundo, como um regogo, que mandaste do Terreiro dos Evangelistas a uma mulher superior ao pecado em fealdade!

E o Luís? o Luís Barbosa, com o *dominó* na algibeira, esperando que os açudes da poesia se estancassem para começarmos a viver um pouco à natureza!

E os percevejos? e as pulgas de Braga? e aquele fidalgo de rija têmpera a medir, às jardas de fueiro, o costado do cidadão que ululava como se tivesse pulmões tão sonoros e rijos como os lombos!

E eu fiz crónica de tudo isto no jornal do João das Regras, aquele bom rapaz a quem a sorte borrascosa não poupou mesmo ao escolho da propriedade de uma gazeta! E o Coelho Lousada, coração feminino com tamanho espírito, o que ele ria dos meus folhetins, e que depressa aquele sorriso lavado se lhe foi com a alma para Deus!

E já que falei de mortos, ainda te lembras daquele rancho de senhoras com quem convivemos duas horas no terreiro do hotel do Bom Jesus? Uma de cabelos de oiro, e outra de olhos negros, que pareciam cantados por ti? Já morreram. Não as verás mais nem nos bailes abafadiços do Porto, nem nas salas tapetadas de relva e abobadadas de folhagem onde as vimos no Bom Jesus. Aquelas criancinhas, que travesseavam à volta da nossa mesa de *dominó*, são hoje umas senhoras, que me encaram com um ar admirativo de quem diz: «Muito antigo é este homem!» É ainda um bem, meu caro amigo, este de sermos examinados como estátuas esbrocinadas do adorno mitológico de algum lago vetusto.

Outra pergunta: lembras-te daquela estrangeira que lá andava pelas sombras mais desfrequentadas, vestida de homem, com as madeixas cerces pelo colo, e uma blusa de tafetá, que lhe escondia a largueza das ancas?

Esta mulher, conforme as averiguações que fiz depois, ainda ali voltou no ano seguinte com o mesmo homem, e com o mesmo quebranto de olhos cansados de chorar; mas mais lívida e foragida da observação dos curiosos.

Depois não voltou. Iria buscar noutra parte a sepultura. As árvores devem saber o segredo das duas vidas, que pareciam ter vindo ali penitenciar-se. Chorar nas matas do Bom Jesus é chorar em presença de Deus. A penitência é amá-lo: chorar é conquistar-lhe o amor e a misericórdia.

São passados nove anos desde aquele dia de Julho.

Que é feito de nós, dos quatro corações que se sentiam estremecer numa só

pulsação de contentamento?

A resposta é de lágrimas!...

Tu estás aí com quatro filhas e esposa, cinco tesouros que o Senhor te mandou abrir com as sete chaves de ouro do teu amor. Assim é; mas elas, por vezes, choram em volta de ti, quando o pavor de uma enfermidade atroz assalteia o teu ânimo quebrado, e te empalidece o rosto. Alegra-te em Deus, Evaristo! Tua santa esposa e filhas pedem-lhe. Lá em cima não há prece de anjos mais justa. José Barbosa?

Foi engolido de todo! É agente de negócios em Constantinopla. Já esteve no gume do perigo de ser governador civil. Quando deputado, reúne em sua casa os conciliábulos nocturnos dos legisladores. Tem escrito sobre o selo das alfândegas provinciais. Conhece todos os homens repúblicos, vive de mano a mano com estas feras, e receio que afinal o devorem.

E o Luís? Vi-o, há meses, mais velho nove anos, o mais triste. Quando me abraçou, disse-me: «És um grande desgraçado!» Como então lhe vi os olhos turvos de lágrimas, inferi que era o mesmo o coração.

E eu?

Hei-de dizer-te o que eu sou, quando eu o souber.

Adeus. Quando te sentires infeliz no extremo lembra-te de mim, e consola-te.

Janeiro de 1864.

1856

I

Saindo eu do Porto, com destino ao Bom Jesus, encontrei na Alameda da Aguardente um moço de Lisboa. Estava o sujeito encostado a um tronco, de braços em cruz sobre o peito, e contemplava a orla azul do horizonte.

– Que faz o senhor aqui nessa atitude escultural? – perguntei eu. – Afora a casaca e o chapéu, tomá-lo-ia por divindade olímpica de segunda ordem!

– Pensava – respondeu ele.

– Coisa de polpa? é no bem da república a sua meditação? Então desculpe o senhor e a Pátria o interrompê-lo

– Para onde vai? – tornou o pensador.

– Vou ao Bom Jesus.

– Do Monte? – exclamou alvoroçado.

– Sim, do Monte.

– Pode demorar-se três minutos?

– Posso demorar-me três horas, se lhe dou nisso gosto.

Descavalguei, e sentei-me à beira do sujeito, num dos bancos da alameda, para ouvir-lhe o seguinte:

– Eu vim ao Porto de passeio, e aqui estou há um ano por causa de uma mulher. É

***.

– Conheço-a – atalhei eu. – Felicito-o! É digna de tudo, se a fama é verdadeira.

– É! O menos que eu vejo nela é a formosura. Todas as virtudes enlaçadas em todas as graças! E o que ela tem padecido por amor de mim! A mãe e os tios vigiam-na e atormentam-na, desde que eu a fui pedir. E ela resiste inabalável, sem reagir. Chora, e humilha-se. Pede que a deixem morrer a amar-me!... Leia o senhor esta carta que ela me escreveu há oito dias, antes de a levarem à força para o Bom Jesus.

Li a carta que era grande e bem escrita, com duas citações francesas, e várias outras de autores modernos compatriotas. Não me fez chorar nem rir.

Restitui o mimo a seu dono, e disse-lhe:

– Está admirável.

– E sentida – ajuntou ele.

– Sim, senhor – confirmei eu.

– Veja o que a pobre menina está padecendo!... E eu de braços cruzados diante desta sublime agonia, sem saber o que lhe faça!

– Case judicialmente – observei eu.

– Nisso medito; mas ela não tem querido, receando que a mãe deixe o terço à outra irmã, e que os tios, de que ela espera herdar, a esqueçam no testamento.

– Isso que tem?! – reflecti. – Se se amam...

– Diz bem; mas eu tenho apenas uma mesada de quarenta mil-réis, e avalie qual será a minha dor, se não puder manter as regalias e luxo em que ela vive. O verdadeiro amor é reflexivo; e se ela, que é mulher, reflexiona com tanto juízo, amando-me como o senhor vê desta carta, que deverei fazer eu?

– Pensa bem – respondi. – O melhor é esperarem, meu caro senhor, e amarem-se assim, que, a meu ver, a suprema dita é esta em que se acham. Apaixonados e contrariados, é uma situação agri-doce, incomparável ao gozo pleno do bem que se deseja.

Acrescentei mais algumas máximas no estilo do *Feliz independente* do padre

Teodoro de Almeida, e perguntei-lhe se eu podia servi-lo em alguma coisa.

– Pode obrigar-me com uma impagável fineza –disse ele.

– Disponha.

– O senhor vai ao Bom Jesus, e naturalmente há-de encontrá-la...

– Necessariamente.

– É também provável que se lhe ofereça ocasião de... Sinto-me embaraçado...

– Queira falar, sem refolho. Deseja que eu lhe entregue uma carta? Prontamente.

– Carta não a tenho, nem abuso da sua bondade fazendo-o esperar enquanto vou escrevê-la; mas, se me quer obsequiar, escreverei uma palavra na folha da minha carteira

– Pois não?

Levantei-me urbanamente para não ver a palavra; ele, porém, reteve-me, dizendo:

– Faz favor de ver, que nem eu aceitava sem essa condição o seu incalculável favor.

A palavra escrita foi: VERCISS MEIN NICHT – palavras alemãs, que querem dizer – lembra-te de mim – nome da flor querida de A. Karr, e de A. de Musset.

Dobrei o papelinho na minha carteira, e despedi-me do jubiloso- moço, que me apertou fervorosamente a mão.

II

Assim que cheguei ao «Escadório dos cinco sentidos» vi a menina, com um rancho de outras, sentadas no primeiro lanço ao pé da fonte, onde, na peanha da estátua de um pastor, se lê este latim do ECLESIÁSTICO: *Vir prudens, quasi in somnis vide et vigilabis*; que, em português, soa como: «Varão prudente, toma-as como um sonho, e acautela-te!». Achei que a inscrição estava ali posta com referência às meninas.

Cortejei-as, e passei, relanceando a vista intencionalmente à dilecta do homem pensador. Observei que ela estava, nesta ocasião, inclinada algum tanto ao ouvido de um meu amigo do Porto, moço rico, de insinuante parecer, e fama de boa pessoa, como de feito é. Isto fez-me unia certa estranheza, e uns impulsos não sei se de riso se de piedade pelo de Lisboa, cujo recoveiro eu era.

Dai a pouco saí ao encontro do meu amigo A***, e perguntei-lhe:

– Aquela galante menina, com quem estavas falando, ainda está apaixonada por ***?!

E citei o nome do outro.

(Quando disse o *outro*, não liguei ao termo a intenção de X. de Maistre, quando dizia a *outra*).

– Apaixonada! – respondeu A***. – Estás descaçado, segundo vejo, do faro das mulheres! Apaixonada! Ora essa!... Há oito dias que ela aqui está, alegre como levandisca, a saltar de moita em moita. Eu, por passar tempo, e mais nada, tenho alambicado em honra sua algumas frases amorosas, e ela recebe-as com as quatro portas do coração abertas. Se isto é estar apaixonada pelo lisboeta

– Já vejo que não, e assim é bom.

Custou-me a vencer o indignado impulso de escrever ao outro. Uma razão, maior de todas, a capitalíssima razão, nestes casos, me susteve. A razão do «que me importa a mim?»

Mas o bilhete? o *Vergiss mein nicht*? Deverei entregar-lho?

Consultada a consciência, respondeu-me: «Entrega: pode ser que esse *memento* a compunja, e torne em si».

Azou-se o ensejo. Estava ela, sozinha, a cortar uma frança do cipreste de S.

Longuinhos. Acerquei-me, e disse-lhe:

– Minha senhora, releve-me vossa excelência que eu lhe entregue esta lembrança de ***.

A menina abriu o papelinho, e disse, entre risonha e sobressaltada:

– Ah!... muito agradecida

– Posso aspirar à honra de servir vossa excelência? – tornei eu.

– Escreve-lhe?

– Se vossa excelência manda...

– Queira dizer-lhe que ainda não pude furtar-me à vigilância de minha família para lhe escrever duas palavras... Assegure-lhe que não o esqueci ainda um instante; e, se me quer obsequiar, mande-lhe estas folhinhas de cipreste.

– Sim, minha senhora.

Escrevi ao sujeito secamente e laconicamente este diálogo. Reflexões de minha lavra nem a mais insignificante. A minha consciência, assim, ficou tranquila.

Daí por diante, nos seis dias que me detive, a menina escondia-se de mim para abrir as quatro portas do coração ao meu amigo A***. Este recato fez-se tão reparável, que fui interpelado deste teor pelo meu amigo:

– Que tem esta mulher contigo?!

– Comigo?! Que eu saiba

– Não me fala senão com o comedimento e frieza de uma pessoa conhecida, na tua presença.

– Isso lisonjeia-me! – repliquei – mas por esta estátua de Jeremias, que nos escuta, juro-te que sou estranho às quatro portas do coração dessa senhora.

A*** não se desconvenceu da suspeita, qualquer que fosse.

Na volta do correio do Porto recebi carta do outro, com uma inclusa para a linda pérfida.

Entreguei-lha e fui-me embora.

Oito dias passados, chegou ao Bom Jesus o meu amigo A***, e procurou-me para me mostrar um bilhete dela, que lhe marcava as horas em que podia vê-la de dia, e ouvi-la de noite.

A intenção do moço, nesta expansibilidade, era desenganar-me, caso eu andasse engordando no meu tolo espírito a quimera de ser amado.

Eu compreendi-o, sorri-me, e disse-lhe:

– Essa revelação mata-me, amigo A***. Mataram-me ela e tu! Deus vos perdoe, algozes! Pois mataste uni homem, como dizia o *Alfageme* do Garrett!... Sabes que mais? não sejas criança! Eu conheço apenas essa mulher como doida e má.

– Explica-te! – interrompeu sem azedume, todavia agitado.

Contei-lhe a história do homem de Lisboa, e a comissão que eu desempenhei no Bom Jesus. O meu amigo rasgou o bilhete, e disse:

– É indigna!

– Boa acção! – exclamei eu – honra e defende assim o nosso sexo!

III

– Como vão as suas coisas? – perguntava eu ao outro.

– Optimamente e desgraçadamente. As dificuldades crescem com o amor. Agora já a não deixam aparecer de dia nem de noite. Escreve-me raras vezes; mas cada carta é um longo gemido de tortura em que é excruciado o pobre anjo!

Condoí-me; ia contar-lhe tudo; pude ainda soffrear-me, e apenas lhe disse:

– Veja se a esquece.

– Esquecê-la! – clamou ele. – Não me diga isso por quem é! Diga-me antes que morra!.. Porque me aconselha assim?

– Porque o vejo infeliz – respondi.

– E a esperança? e este amor imenso? e estas lágrimas que o senhor me vê nos olhos?

– Bem! pois então espere, ame-a e não chore. Seja homem; veja mesmo se o coração pode amar duas mulheres. Equilibre as potências de sua alma nas duas conchas da balança; e depois incline-se para onde pender o fiel, ou conserve-o em oiro fio, que é a certa e segura ciência de amar o necessário para matiz da vida, e mais não... O *quantum satis* em tudo, meu caro senhor!

Passados dias surdiu-me o homem com um aspecto e trejeitos de desesperada angústia.

– Atraído! – exclamou.

– Como assim?

– Vai casar, a infame! Casa com um primo rico, um celerado que traficou na escravaria negra!

– Deixe-a casar! O que se segue é que o primo continua a traficar em escravaria branca.

– Vou matá-la! – rebramiu ele – matá-la, no momento em que ela sair de casa para a igreja!

– O senhor é um covarde! – redargui com severidade. – Uma mulher não se mata. Se ela é infame, untam-se-lhe os degraus da escada para ela resvalar mais depressa ao abismo. Se ela está na posição dessa mulher, o homem retira-se com a sua dignidade, e paga ao mundo com as lágrimas choradas a lição recebida.

Falámos largas horas. Ao outro dia o moço foi para Lisboa.

A senhora, cujo confidente eu fui, casou com o primo, e, se tudo o que luz é oiro, está feliz. Vejo-a ricamente entrajada no teatro, dá reuniões, prima nos bailes como bela e faustosa. Enquanto a costumes, não sei coisa que lhe mareie a reputação.

O de Lisboa encontrei-o lá no ano passado, muito magro, já de bigode listrado de branco, triste e assim a modo de estupidificado.

– Que me diz da infame? – perguntou-me ele.

– Lá está.

– Feliz?

– Parece-me que sim.

– Então não me vingou! – redarguiu ele em tom cavernoso.

– Pois ainda pensa em vingar-se!... Seis anos não bastaram para esquecê-la!...

– Não! O que me lembra não é ela; é a minha alegre mocidade que perdi!... Não me vingarei?...

– Que espécie de vingança premedita o senhor?

– Não sei; esperava que a Providência me vingasse.

– A Providência vinga as afrontas que postergam os deveres sociais, inferidos dos preceitos divinos; mas o senhor, enquanto a mim, está fora da pauta dos traídos, de cujo desforço a sociedade, mesmo involuntariamente, se encarrega.

– Quer dizer que não há Providência para mim?

– interrompeu ele com enfunado gesto.

– Não, senhor: quero dizer que a mulher de quem você se queixa, fez o que têm feito muitos homens que ninguém acusa. A Providência, que os deixa mentir impunemente, não castiga por exceção a mulher que lhe mentiu ao senhor.

Ele voltou-me medianamente delicado as costas, e eu fui meu caminho, pensando na Providência, até que uma carruagem no Chiado me borrifou de lama. Limpei-me

para me sujar mais, e continuei a pensar na Providência que dá a lama e as carruagens.

1858

I

Estava ela sentada uniu cômodo tapeçado de Ao seu lado, com a fronte pendida ao ombro dela, estava a irmã, quinze formosos anos, um coração de Deus...

Olhavam ambas contra as agulhas do Gerês toucadas de névoas.

E eu, que pedia ao Senhor um sorriso daquela mulher, e depois o sono do infinito esquecimento, abria uma letra num tronco, e dizia no recesso de minha alma:

«Ela há-de vê-la.»

Ouvi-lhe a voz: cantava no tom abafado de quem quer ser somente ouvida em seu coração.

Onde podia ir aquela toada saudosa? Eu estava ali, eu, que lhe daria o meu seio, a rainha juventude, a minha honra para escabelo dos seus pés!

Onde podia ir aquela toada saudosa?

Ó Beleza eterna e Verdade eterna! ó Suprema Inteligência, que bafejaste à minha alma o calor das inextinguíveis paixões, rompe esta represa de lágrimas, e lavem-me elas a nódoa do crime, se em amá-la injurio as vossas leis, e postergo os deveres da humanidade!

Assim orou o meu espírito ao Espírito do Senhor.

E, adormecendo com a face encostada ao musgo do rochedo, sonhei este sonho:

Era num cárcere; eram trezentas e noventa noites de cárcere.

Eu estalejava de frio e horror.

As multidões premiam-se às rezas das minhas grades, e cuspiam-me no rosto, conclamando: «Maldito!»

E eu, debulhado cm lágrimas, dizia:

– Deixai-me a honra do coração, e macerai-me as carnes, e triturai-me os ossos.

E o sonho continuou:

Era no hospital.

Eu inclinava o peito crivado de dores sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão de uma família. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas precursoras da cegueira.

E eu escrevia, escrevia sempre.

E das fadigas inoportáveis do labor ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada, e servida com a imolação de todos os desejos, das esperanças todas.

E era esta mulher a que eu vira sentada no cômodo tapeçado de verdura no Bom Jesus do Monte.

E ela repelia-me, dizendo:

– Tenho direitos à luz dos teus olhos, ao sangue das tuas artérias, e ao ar dos teus pulmões. Trabalha, escravo!

E o sonho continuou:

Caía o derradeiro bago da ampulheta do sexto ano de martírio.

Era por noite horrenda... O anjo réprobo da perdição daquela mulher com um estilete de fogo venceu-lhe na fronte um lema ignominioso! E o anjo da salvação, triste, ajoelhado, com os olhos no Céu, chorava.

E o réprobo, numa toada de infernal escárnio, levantava este cantar:

.....

.....

E o anjo bendito, num suspirar de gementes notas, dizia:

*Não és culpada: és escrava
 Da tua estrela funesta.
 A sorte abismos te cava
 E tu pões o pé na aresta!*

E o anjo precito:

*E és cega! e nessa lama,
 Em que te vês imergida,
 Ainda tua voz clama:
 «Glória à mulher perdida!»*

Acordei! O céu estava lindo e sereno como a terra! Glória a Deus! que estes horrores só pode concebê-los a alma sonhando,

Oh! a mulher formosa – a santa do meu amor – a imaculada que eu manchei num sonho, aquela mulher... MORREU!

A irmã mais próxima de tua idade, aquela que te recordava ainda as alegrias da primeira infância, ao secarem as hastes das suas flores dos quinze anos, feneceu com elas, e caiu, golfadas as últimas fibras do pulmão. Choraste, e disseste: «Assim morreremos todas».

Depois pediste ar e sol, e o infinito azul do firmamento que consola o ínfimo dos desgraçados.

Destrancaram as portas da tua reclusão, e deixaram-te viver. Trouxeram-te aqui à montanha religiosa onde os enfermos encontram o Deus da paciência, quando as agonias corporais se não mitigam.

E aqui foi que o anjo da esperança te beijou nas faces. Das urnas destas árvores, que incensam ao Altíssimo, um grão de nardo caiu em teu coração, e perfumou-o de exultações inenarráveis.

Aqui amaste, Maria!

Ao perpassar por ti no patim da sétima capela, vi-te estendendo a mão pálida a uma fronde de árvore. Esta é: aqui a vejo e toco. Reconheço a renascida folhagem da vergôntea que tu cortaste.

– Não virá ele? – me disseste, escarlate de pejo.

– Vem! – te respondi.

Era a visão adorada das tuas febres; o nome que o teu coração balbuciara.

Ai! ele veio, e tu sorriste. Amaste-o, naquela tarde de Julho, com o fervor de alma que já ouviu três vezes a voz de cima a chamá-la,

Dois meses depois, Maria, morreste,

Lá estás, pura e bem-aventurada! Bendita seja a mão do Senhor que te fechou os olhos ao espectáculo de uma desgraça. Se vivesses, a esta hora, serias infame, ou mártir.

II

A ALMA DE MARIA

(QUINZE FORMOSOS ANOS, UM CORAÇÃO DE DEUS)

Quando tu eras nossa, vieste aqui, deste alto da terra, contemplar a Pátria, como ave implume, nascida entre urzes, a remirar além o verde do prado e a copa da árvore, e a prata do lago para onde a vontade lhe impele a asa ainda imbele.

Aqui vieste, Maria; daqui mandaste o derradeiro adeus à Terra.

Que saudade te faria então o mundo, este mundo onde há a manhã de Maio, o entardecer do Agosto, a flor, a soledade dos arvoredos, o trino do rouxinol, e o estrelado envoltório dos anjos!

Que saudade, Maria, se tu não fosses a noiva eleita para os amores de algum espírito que te houvesse amado na puerícia, e, choroso de ti, se desprendesse do coração, à voz do seu Criador!

Que saudade, Maria, se te lembrassem as quinze primaveras de tua vida, tristes e esmaçadas da juvenil alegria, que as meninas dos teus anos radiavam do olhar, do sorrir, do vago enlevo de esperanças, do seio alvoroçado de palpitações suaves!

Mas a tua vida, desde o berço, viera amarada por pegos aparcelados de muitas angústias.

Quando te havias de enfeitar com as flores da oitava primavera, envolveste os cabelos loiros na escumilha negra da orfandade. Teu pai morreu então, Maria, tragado pelas vagas, espedaçado nos dentes das rochas.

Ao décimo segundo ano, quando despias os lutos da alma e a vida te desdobava a primeira dobra de sua perspectiva alegre, e o coração te segredava a alegria de um baile e o instintivo contentamento de ser linda e querida, morreu tua mãe, a virtuosa, a viúva que, durante quatro anos, agonizara ante o retrato de seu marido.

Fechou-se-te a meia porta por onde entreviras os júbilos das tuas amigas, a descuidada felicidade de todos os doze anos, animados por amor de pais e superabundância dos bens da fortuna.

Levaram-te a um colégio, em que se mantinham os rigores do claustro, Só podias ver a luz que alumia as enfezadas árvores de uma cerca, murada a uso monástico. As lufadas balsâmicas de Maio não coavam os arames das frestas da tua alcova. O rumor do mundo ia, alguma hora, surpreender tuas contemplações; e tu, erguendo a fronte formosa de desmaio e lágrimas, dizias: «Na sepultura de meus pais fui eu também fechada; mas eles dormem, e eu não posso adormecer!»

III

*Quando em teu coração imaculado
O teu anjo inocente inda sorria,
E tu vinhas aqui, festiva e leda,
Avezinha d'amor, toda poesia,
Cismar tristezas, mas tristezas doces,
Prantos verter, mas prantos d'alegria,
Não eras tão ditosa, amor, não eras
A santa flor das lindas Primaveras?*

No degrau do cruzeiro confidente,

*As vestes d'alma cândida trajando,
 Estrelas para amar no azul espaço
 Com teus mórbidos olhos procurando
 E às auras murmurosas, que brincavam,
 Teus sonhos vagos, a sonhar, contando
 Oh visão linda no degrau da cruz,
 Nunca mais volverás, extinta luz!*

*Quem te visse, alva pomba, às magas horas
 Dessas tardes d'Agosto harmoniosas,
 Em que as harpas ressoam meigos hinos
 Desferidas por mãos misteriosas
 Dos anjos e das virgens... quem te visse
 Aljofradas as faces melindrosas,
 Quem te visse chorar assim, diria:
 «Que dor teu pranto, ó virgem, pressagia?»*

*Que dor? Naquele tempo acaso as mágoas
 Em teus doirados sonhos negrejavam?
 Prelibavas o cálix de amarguras
 Que feras mãos de ingratos te amostravam?
 Tu vias lá filtrarem nas cavernas
 As gotas que teu peito enregelaram?
 Ouviste acaso o estridor do ferro,
 Ou a plaga horrenda do letal desterro?*

*Não era, não! Tu lias nos arcanos
 Do nubloso porvir visão mais triste...
 Aqui virás sentar-te... aqui na base
 Da cruz onde te vi, onde me viste;
 E os olhos erguerás ao Céu de outrora,
 Pedindo o coração que repeliste,
 E a voz da aura da noite, a voz do Céu
 Responderá: «Esse infeliz morreu!»*

1860

I

Quando eu estava na casa de Francisco Martins, de Guimarães, em Briteiros, na raiz da serra da Citânia, ensaiando forças para as solidões do cárcere... (sempre que posso, trago estas recordações a molde: não vejo outro jeito de expiar a tolice, senão confessando-a e lembrando-a). Vinha dizendo, quando eu estava em Briteiros, fui dali, na volta da serra, entrar na cumeada da montanha do Bom Jesus.

Apenas apeámos, Francisco Martins, o voluntário quinhoeiro das minhas tristezas, e profeta de horrendas desgraças já agora realizadas, desceu comigo a encosta, que se decliva do Terreiro dos Evangelistas. Íamos em procura da inicial entalhada um ano antes. Lá estava a entrar no âmago do tronco, já vestida de musgo. Parecia querer obliterar-se antes que a memória dela se esvaecesse do meu espírito. Desraizei as ervinhas, levantei a nova crusta da letra, e disse-lhe: «Vive mais alguns anos, memória de urna hora feliz! Some-te, quando eu perder de ti a lembrança, ou possa vir aqui zombar do pobre coração que te gravou. Menos duro será então o sarmento que te há-de tragar, menos duro que o coração mofador de si mesmo».

A saudade podia assim expressar-se, à puridade, com Francisco Martins, intérprete de todas as lágrimas derivadas de glândula nobre.

Não intento reformar a anatomia vulgar, estremando urnas glândulas lacrimais nobres de outras glândulas lacrimais íntimas. Considero, porém, que há um chorar aviltador e outro chorar nobilitante. Que tem de inverosímil a diversidade da origem dos prantos? As lágrimas da mãe, que aperta ao seio a frialdade de um filhinho morto, correm da mesma glândula que as dá na raiva do orgulho ferido dessa mulher? Diz a fisiologia que sim. Curve-se a razão à fisiologia.

Que escura e triste coisa é a ciência, ó Francisco Martins!

Abramos o nosso *Nysten*, edição de 1858, pág. 799:

«Chamam-se *lágrimas* um humor excrementício...»

Humor excrementício! Santo Deus!

Continuemos:

«...que lubrifica o globo do olho, e lhe facilita o mover-se na órbita.

«...As lágrimas enverdecem o xarope de violeta; e, evaporadas, dão cristais de cloreto de sódio, incrustados de uma espécie de muco, e também encerram fosfato de cal e de soda.»

Ora aqui está!

Diz um homem, na sua melhor boa fé, à mulher que ama:

– Choro! Vê nestas lágrimas a minha alma, e condói-te.

Se a mulher leu, por infausto acerto, o *Nysten*, ou que tal expositor de verdades cruas, responde-lhe:

– O que tu choras, homem, não é alma: é humor excrementício, é cloreto de sódio, é muco, é fosfato de soda, é fosfato de cal.

Isto é de matar a paixão, e secar as glândulas nobres e as íntimas.

Moralistas! dai um compêndio de ciências naturais para uso dos colégios de meninas.

Defini a lágrima.

Defini o coração. Ilustrei o compêndio. Pintai-lhe esse músculo oco e feio; que elas enfiarão de horror, vendo-se amadas em nome de tal entranha, susceptível de fazer-se osso, de fazer-se pedra, de fazer-se... coisa pior ainda que pedra e osso.

Ó meu caro Martins! eu ia falar-lhe em lágrimas; mas, depois do *Nysten*, não posso.

Você é um homem, com a alma de um anjo; mas, nos lábios, tem um jeito de rir satânico. Tenho-lhe medo agora; e não lho tive naquela tarde, no

Bom Jesus, quando, sem pejo nem respeito de mim-próprio, chorei... *humor excrementício!*

Que Deus me perdoe!

E você também!

II

Neste ano da graça deu a senhora Emília das Neves beija-mão no Bom Jesus do Monte.

Já disse o breve caminho de Briteiros lá. A mocidade destes concelhos em roda confluía ao beija-mão: eu não fui: fiquei a cismar naquilo. As árvores da montanha sagrada nunca tinham visto uma coisa assim! Eu não quis ser parte, ainda testemunhal, daquela desveneração: recearia ser chamado a depor no dia do supremo Juízo, sobre os factos daquele dia de suprema demência.

A senhora Emília das Neves juntou, e estendeu o braço de brunido jaspe aos lábios convulsos do delírio da arte. Dobraram-lhe o joelho sujeitos sérios e abonados pelas cãs. Os moços, frementes

de entusiasmo, despiam as casacas e estradavam com elas o trilho da princesa do palco. Ficavam cm mangas de camisa: era o trajar próprio do acto *e* da ocasião.

Os dedos puros de alguma virgem, devotada de alma a algum dos que genuflectiram às plantas da actriz, deviam de retrair-se escandalizados dos beijos aquecidos na mão da senhora Emília.

O Pilatos, que entrega o letreiro para a cruz, riu-se e disse: «O paganismo tinha mais miolo!»

A estátua de Noé olhou a fito para o céu, e disse: «Estão-se a encher as cataratas do dilúvio!»

Um Baco, desnarigado, de uma das fontes, exclama, remoqueando o santo patriarca: «O dilúvio não é de água...».

A Lecouvreur, a Mars e a Raquel não deram beija-mão.

A condessa Ristori – a imperatriz da cena –aclamada assim nos pontos mais eminentes da civilização do globo, nunca se expôs ao beija-mão.

Os GÊNIOs sabem demarcar entre a glória e a irrisão. Assim que as fumaças do nardo lhe dispararam em fumigações de açafétida, escondem o nariz.

A senhora Emília das Neves tem um merecimento relativo às suas compatriotas no tablado. Uns críticos disseram que o diadema dela era usurpado da frente da Soler, que se enterrou há dias. Não me bandeio nestes juízes apaixonados; mas da minha razão para a minha consciência, e desta para Deus, declaro que Emília das Neves não sustenta, diante da arte imparcial, o confronto com Manuela Rei.

E, como não beije ainda a mão de nenhuma, sustentá-lo-ei contra todos os narizes de cera em que anda calorosamente apregoada a realeza da senhora Emília. Isto não é desnacionalidade: Manuela Rei nasceu em Espanha; mas o talento deu-lhe foro de portuguesa. Trocou o seu idioma pelo nosso. Ofereceu humildemente o espírito de doze anos à educação da cena. Levantou da rampa as flores primeiras que lhe atirou a mão generosa de algum pressagiador daquele precoce engenho. Ela aí está na sação de grandes triunfos; e, todavia, na sua plana emparelham-na em estipêndio as actrizes, que

apenas têm memória, e um presbitismo de inteligência incorrigível. Manuela Rei aceita do tesouro agradecida o indispensável a uma vida parca; a senhora Emília, a argentária, faz publicar livros em louvor de sua pessoa, e esmiuça com sórdida sovinaria as últimas fracções da pitaça que se legisla do galarim do seu orgulho.

A estas mulheres basta dar-lhes dinheiro: não se lhes beijam as mãos.

Por isso é que eu não fui ao Bom Jesus do Monte naquele dia.

A folhagem das minhas árvores devia de estar amarela!

1863

I

Já outro coração, outra alma, e outra luz!

Estavam apagadas as lâmpadas eléctricas dos meus arvoredos.

As árvores... eram troncos e folhas.

O céu era o espaço interposto aos corpos luminosos e opacos.

A água das fontinhas era a combinação do 88,91 partes de oxigénio com 11,09 de hidrogénio.

O Sol era o centro do sistema planetário.

A noite era um processo escuro de bronquites.

E eu... era o homem da natureza.

E, por isso, naturalmente me constipei, assim que da calma do caminho passei à frescura das sombras. E eu dantes não me constipava. Era clima de Paraíso terreal para mim aquele! Bastava-me a lava interior para reagir às frialdades da periferia. A sombra dos meus plátanos nunca me havia instilado aos brônquios uma gota de peçonha. As almofadas de relva, quando eu me deitava por aqueles combros, nunca me coaram aos ossos o reumatismo.

E agora, arrasado o viveiro de oiro de onde me saíam as pombas cândidas das minhas quimeras, todo o meu ser ali era um gemer de entrevado, que se contorce em angústia.

Ao meu lado, à cabeceira do meu leito de enfermo, com o cotovelo apoiado ao travesseiro húmido de minhas lágrimas, estava uma visão maldita do Senhor, o ministro da flagelação expiatória dos erros de minha vida. A sua boca extravasava de sarcasmos; dos olhos coruscavam-lhe as faúlas, que ressaltavam do coração feito brasa infernal; o bafo rescaldava, como língua de fogo.

Era assim a visão maldita do Senhor.

E eu, com o peito arquejante de ânsias, punha aos lábios o travor daquele cálix, e dizia: *Amplius, amplius, Domine!*

Quando eu, através da vidraça, espriava os olhos por aquele céu, dizia, abafando os soluços:

«O céu das minhas alegrias! ó alva nuvem onde vos vejo ir amortalhados! ó cantoras das selvas, os vossos gorjeios já me soam como o gemer da ave hibernal sobre um túmulo».

E chorava sem vexame dos meus cabelos brancos.

E o Senhor, depois que eu chorei muito, mostrou à minha escuridade um como lampejo de gládio na mão de um arcanjo de semblante formidável de pavor.

Estremeci até à medula dos meus ossos, e, ouvi:

– EXPIA!

E, desde aquela hora, as minhas agonias têm a doçura do escravo, que conta os dias do cativo remissível.

Bendito sejas, Senhor Deus de Saulo, que vos amerceais do delinquente, afogando-o na onda da água amaríssima da expiação!

II

Até este ano, eu nunca perguntei que mão piedosa levantara a primeira capela do santuário.

Que me fazia a mim saber da obra do homem, se a minha alma era pequena para abranger o infinito da mão divina?

Depois, sim. Os olhos da minha face viram as grandezas da arte: os da alma, voltados sobre si mesmo, o que viam era a enchente do fel sem intermissão.

Pedi notícias aos que as tinham esmiuçado, escrevendo-as, e trasladando-as daquelas lápides, sagradas duas vezes – pelo engenho e pela piedade.

As primeiras pedras deste monumento glorioso do Salvador lançaram-nas D. Jorge da Costa, arcebispo de Braga em 1474; D. João da Guarda em 1522; e D. Rodrigo de Moura Teles em 1725.

Chamava-se *Espinho* a serra onde primariamente se arvorou uma cruz com sua capelinha. A ermida, com o impulso de um dignitário da Sé bracarense, alargou-se. Um século depois a devoção achou arrasada a ermida, e reedificou-a, adornando-a com a imagem de Cristo, sob a invocação de Bom Jesus do Monte.

Instituiu-se uma confraria, que se foi esmolando os paramentos para a capela, e a fábrica de umas outras, que estão soterradas nos alicerces das que ora existem. De hoje a trezentos anos, que pompas arquitectónicas hão-de ver ali os crentes do futuro? Quem receará enganar-se, antevendo que nenhuma capela, nenhuma pompa, nenhum braço de cruz quebrada alveje entre a espessura da mata? Quem me diz que haverá árvores e serra por lá?! Estarão ali uns fabricantes ingleses com engenhos de algodão, um algodão que os Ingleses hão-de inventar? A igreja de hoje, desmantelada de retábulos, e brocados, e relíquias, e órgãos, será um soturno receptáculo de protestantes?

Mando esta pergunta ao ano de 1964, se ainda então se contar pelo nascimento de Cristo.

Prendendo o fio da breve narrativa, as obras continuaram prosperamente desde 1722. Os passeios interpostos às capelas datam desta época.

No local onde está S. Longuinhos, oferta de um devoto em 1819, era a torre do antigo templo, inteiramente abatido. Algumas capelas foram feitas à custa dos professores de latim de Braga. Não se julgue da riqueza de um mestre de latim no século passado, nem da sua santimónia por este facto. É que os valentes ousaram medir-se arca por arca, sobre a competência do ensino, com a companhia de Jesus. Perderam a demanda, e pagaram as custas, com as quais se construíram principalmente as quinze estátuas dos escadórios. Pobres latinistas! aquelas estátuas deviam simbolizar a vossa angústia petrificadora, quando vos converteram o suor em Esdras, e Josephos, e Salomões! Os jesuítas meteram-vos à força a imortalidade em casa.

Manuel Rebelo da Costa, falecido em 1771, foi o braço mais poderoso que tirou da rocha o máximo das grandezas do santuário.

Seguiu-se depois a edificação do templo, coadjuvada por Pedro José da Silva, e a plano do arquitecto Carlos Luís Ferreira da Cruz Amarante, falecido no Porto em 1815, e sepultado na igreja da Trindade, cujo risco deste templo oferecera gratuitamente.

RECAPITULAÇÃO

I

Ao descer da montanha das lágrimas, um livro de Castilho, uma página sacratíssima do evangelho do coração, falou-me assim:

«Oh! defende-vos aí; defende-vos; abraçai-vos aos troncos floridos o mais pertinazmente que puderdes, que em principiando a descida... adeus Primavera! adeus amores! adeus sabedoria das loucuras! adeus miragens e músicas da vida! adeus de vós a vós mesmos! e adeus esperanças de renascerdes nunca mais! Os leitos de rosas e coroas de violetas já lá estão hospedando a outros viajantes que vos expulsaram. Resignai-vos, se podeis, à peregrinação por sobre espinhos e por entre saudades cada vez mais espessas!...»

Eu tinha comigo a CHAVE DO ENIGMA: havia predestinação naquela página. Gerson escreveu um livro, que cada infeliz, se o abre, lê, considera, contempla, e se cuida antevisto na sua dor pelo varão de Deus, que lá do seu bem-aventurado cenóbio lhe oferece o bálsamo das chagas de Jesus. Como o livro de Gerson, ou Kempis, ou anjo sem nome, outros livros escrevem os inspirados, os videntes, os poetas que se fizeram, como Castilho, nas tristezas da infância, na pureza de afectos, no amorável parentesco e seio consolativo de todo o homem, no recolhimento e bênção de família, de esposo e pai; na paciência para injúrias de ingratos; na pobreza, tesouro cheio das virtudes do desprendimento; no amor às crianças; na paixão com que se vai à porta dos reis pedir o amparo delas, e à porta das cabanas a pedir de empréstimo aos pais as pobres almas de seus filhos para restituir-lhas ricas. Os operários desta vinha, que o Senhor deixou demarcada em terra fragosa, e os apóstolos arrotearam, e os missionários da recrescente luz implantaram, não são simples poetas: são santos!

Oh meu amado mestre, santas foram para mim as palavras do teu livro, urna de bálsamos hauridos por entre muito espinho das flores que o anjo bom da humanidade te vai segredando. No formidável prélio das almas lumiadas e bem-querentes contra a horda negra dos egoístas abroquelados de impenetrável bestidade, são aquelas flores, de onde esponjaste a ambrósia do festim dos tristes, as que diademam a fronte dos que triunfam. O vencedor és tu, poeta, que vais mundo além com os olhos da tua alma – olhos como devem ser os contempladores da Divindade no seio dela – e voltas desde as raízes do Calvário pela trilha da redenção, pregoando ao mundo, com a doutrina e com o exemplo, que há muita alma a redimir do golfão da bruteza, muito coração a disputar às garras da ignorância para os enviar a Deus, que os pede, e à civilização, que os chora, como a filhos perdidos!

Oh meu amigo! porque hão-de sempre o teu nome, e a tua imagem, e os teus livros influir-me na alma um sabor de ternura filial e genuflexão caridosa, que eu bem não sei se é o espanto do teu talento, se a reverência às tuas virtudes?...

II

Li as palavras do perscrutador das secretas angústias, e circunvaguei um extremo olhar às minhas árvores. Depois, no cercado da última capela, encostei a face ao musgo de uma rocha, pus o meu espírito no remoto ponto dos vinte e sete anos passados, desde a primeira vez que ali viera, e descí discorrendo até àquela hora derradeira. A cada passo tropeçava num túmulo.

Vi aquela Carlota, ameigadora da minha infância; e eu, que não conhecera mãe,

amara e quisera-lhe muito, como criança que, só em seio de mulher, experimenta o calor em que se lhe forma o coração.

Estava morta

Vi minha irmã, a tocar de flores silvestres as tranças negras que lhe esvoaçavam em anéis, formosa, mais alegre que meditativa, mais cuidosa da esperança que da saudade. Pior que morta: está velha! Quando há três anos a vi, depois de uma ausência de doze, estive quase a pedir-lhe uma justificação da pessoa para se habilitar aos meus afectos de irmão. Não se riam disto, que é triste.

Vi D. João de Azevedo, o Etna, o homem mais amante de mulheres que ainda vi; o mais destemperado idealista que Platão sonhou; a criança mais doída de quimeras que ainda se rasgou as carnes em pós de uma borboleta. E que valor no remessar-se à desgraça peito a peito! Que desapego dos bens supremos da Terra, desde o cobre até ao ouro, desde o valor de quarenta cadernos de papel escritos de seu punho até ao papel-moeda, rubricado por uns homens que nunca viram coisa do punho dele!

O D. João de Azevedo, que vendera o *Céptico* a um jornal por cinquenta cruzados novos! e gastara cem na impressão de um folheto de ciúmes, que só leram o compositor, e a ingrata, e ele!... O grande escritor que atingiu a esfera dos mais vigorosos atletas do seu tempo no circo ou curro da política. O poeta, que tão de improviso nos dava anacrênticas dos mimosos vinte anos, já com mais de quarenta glaciais janeiros na alma, e quarenta paixões infamadas pela hipocrisia ou pela soez inveja dos seus detraidores. D. João, que se finou meu amigo, e que, se neste instante me vê, se há-de maravilhar de ter deixado apenas um inimigo, entre tantos amigos, que lhe saiba ainda agora o nome...

Está morto o D. João de Azevedo.

Jacinto Navarro de Andrade, o alegre espírito, o espírito mais ático nos chistes, e delicado nos epigramas, e odiado das mediocridades. Ninguém mais avesso a contubernar com cismadores, com imaginações de telhas acima, com poetas. E, assim mesmo – que incongruência! – eu, mal lhe ouvia os passos, fechava o livro, largava a pena, espancava do meu escritório todas as visualidades em formas de querubins, em formas de mulheres, em forma até de austeras matronas ou graves Catões, que me estivessem ditando, elas, um capítulo de moral para uso dos colégios de meninas; eles, um artigo regenerador dos costumes são da república podre.

Morreu Jacinto Navarro.

Aqui está a sombra ainda de Fanny Owen.

Vejo-a sentada no degrau da capelinha do Gethsemany. Ali descansou, quando descemos juntos para nos despedirmos. Deste outro lado estava José Augusto, que me disse: «Hei-de aqui voltar todos os anos». E ela ajuntou: «Levo saudades». Por que não, virgem, se dali vieste enamorar-te do Senhor. que te levantou uma cortina, além, no último azul do firmamento, e mandou às suas estrelas que te projectassem um clarão por sobre as aspérrimas agruras do teu caminho até lá! Saudades! como as despedirias do teu seio anelante de amor, se aqui, mais que em nenhuma hora de tua vida, te sentiste amada destes silêncios, que te entendiam, deste murmurinho que te salmodiava os trenos doloridos do teu acabado contentamento em coisas do mundo!

Aqui te apertei a mão rescalhada da febre, vi-te ir, e a toada das selvas era um como gemido por ti, doce amiga das flores e das sombras, que nunca havias de mais voltar a vê-las!

Morreu Fanny Owen.

Aquele jovial moço, que eu conhecera nas doidices de Coimbra, amando mais o Penedo da Saudade que os bancos escolares, lendo menos nos livros que nos cedros da fonte de Inês, foragindo-se às tempestades da roda dos amigos para se esconder nos

arvoredos de Santa Cruz; José Augusto, gentil, poeta, rico, requestado, cavalheiroso, apontado em todos os ditames do pundonor, planeando programas de vida, sobre setenta anos que esperava viver, ora assazoadada de delícias sem desdouro, ora serena no remanso da sua aldeia, ora turbulenta como a dos corações tão depressa cobiçosos como entediados...

José Augusto morreu.

A mulher da paixão, que eu, no pavor da minha soledade, pedira ao Senhor;

A mulher que me acorrentou a um cadafalso de suplícios ignominiosos;

A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lágrimas que ela me pedisse;

A mulher, a quem a Providência divina, em sua ira justiceira, atirara aos grifos do dragão do mundo, contra o qual eu pusera o peito, enquanto o coração teve sangue que expedir;

A mulher que me fez odiar a justiça de Deus, e insultar a providência dos homens;
Essa mulher morreu.

Maria, a incendiada noiva de um anjo, que' viera aqui pedir novas do seu amado, aos voadores do céu; aquela avezinha branca, e tão linda, tão nova, com tanto amor ao vago, que se lhe transluzia, a tempo que o calor do coração lhe vinha estuar nos lábios calcinados; Maria, que eu havia de amar no Céu, se a minha alma não estivesse condenada à perpétua escuridão, ao horror infinito dos que espedaçaram no rosto da virtude a lâmpada acendida pela piedade no confluente dos dois caminhos que vão dar à destra ou à esquerda do Senhor. Maria morreu.

III

Levantei-me. Não tinha já uma lágrima para cada sepultura.

Volvi os olhos enxutos para as ramarias que tremulavam bafejadas pela viração da tarde.

Ao anoitecer, cheguei a Braga.

Passei no adro de um templo aberto. Vi lá no topo, sob o arco da capela-mor, um vasquejar de círios. Cuidei que era um esquife. Ao lampejo das velas avistei dois vultos de mãos postas, e disse entre mim: «Está-se ali chorando a perda de uma vida. Vejamos a formosa majestade das lágrimas à orla de um féretro». Avizinhei-me com o sublime tremor da piedade. Era uma sepultura rasa, com uma inscrição que as flores me não deixaram entreler.

Ergueu-se um ancião dos dois que estiveram orando.

Perguntei:

– Quem está aqui sepultado?

– É o padre-mestre João da Neiva – respondeu.

– Santo? – repliquei.

– Virtuoso – retorquiu o velho. – Santo, Deus o sabe.

– Faz milagres? – voltei eu.

– Os aflitos que têm aqui chorado, dizem que sim. Os milagres, que eu tenho pedido ao virtuoso, todos me tem feito.

– Serei indiscreto perguntando-lhe a natureza desses milagres?

– Não, senhor; eu lhe digo: o que eu lhe peço é alívio em desgostos grandes: quando me levanto de orar estou consolado. Estes milagres não mos têm feito os consolativos discursos dos filósofos, nem ainda as declamações dos oradores sagrados,

nem a unção dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Despenar-se com tão pouco uma alma em transe, é grande maravilha.

– Pode dar-me um resumo da vida do padre Neiva? – tornei eu, com bom espírito.

– Praticou a virtude...

– Mas, se alguns pormenores...

– Praticou a virtude sempre. Não se sabem as virtudes ocultas: viu-se-lhe apenas o que ele não podia esconder em setenta e quatro anos de humildade, de pobreza, de oração, de beneficência. Crê-se que este virtuoso estava da mão de Deus; por isso aqui vêm os que têm fé na sua intercessão.

– E este virtuoso seria desgraçado? – redargui.

– Não, senhor: ria-se-lhe o semblante nas enormes tribulações das enfermidades, que foram muitas nos últimos anos.

– Era sábio?

– Foi lente de teologia; pregador de nomeada em Lisboa; e prior do seu convento em São João da Cruz de Carnide. Quando os frades saíram dos conventos, frei João foi encarcerado numa enxovia, porque não despira o hábito, nem o pudera esconder dos olhos que se escandalizavam de verem o pobre frade fiel ao voto que fizera de nunca o despir. Depois mandaram-no em paz morrer de fome onde quisesse. Chegou a Braga, e foi agasalhado. O seu pão era pequenino: pouco lhe bastava. Não pedia nada para si; e andava esmolando para indigentes obscuros. Quando lhe avultavam mais as dádivas, ia comprar nos recolhimentos religiosos uma cela para alguma menina pobre que estivesse sem amparo, ou mal esteada contra os perigos do mundo. É o que eu sei da vida deste consolador. Se sofre, senhor, se a sua dor não é soberba, humilhe-se aos pés dessa sepultura, que estão aí as cinzas de um virtuoso.

Ajoelhei, e orei.

Eu não tinha lágrimas; e a bem-aventurança é prometida aos que choram.

As lágrimas são o óleo lustral da purificação. Quando elas me refrigerarem os olhos, adustos ainda de remirarem as lavaredas do seu inferno, então voltarei à sepultura do virtuoso.

FIM

Voltareis, ó Cristo?

NARRATIVA

Um dos meus companheiros de jornada para Vila do Conde era sacerdote idoso, de mui agradável semblante e maviosa tristeza no olhar contemplativo.

Os outros passageiros, gente alegre e agitada pelo trabalho íntimo de uma digestão rija, conversavam bestialmente a respeito do meu amado e honrado amigo José Cardoso Vieira de Castro.

Sem intervir nas suas disputações, escutava-os o padre atento e melancólico.

E, compadecido até às lágrimas do formidável infortúnio que entretinha, entre chascos e insultos, aquela vilanagem, eu encarava no taciturno clérigo, e dizia entre mim: «Que pensará este ancião do desgraçado moço! Porque ampara ele a fronte à mão convulsa, e despede um gemido de aparente compaixão? Quem será que lha inspira? Ela que morreu, ou ele que tem diante de si um arrancar da vida com agonias, cujo prazo está nos segredos da morte?»

Apeámos em Moreira. Segui por debaixo das ramarias seculares que aformosentam a majestosa avenida da quinta dos Vieiras de Castro, na qual o meu amigo residira dois anos com sua esposa. Eu ia olhando para as árvores que ele amava, e cuidando que via despegar-se-lhes a folhagem que enverdecera quando no seio daquele incomparável mártir de seu pundonor caíram os gelos de um Inverno sem fim.

Observei que o padre me seguia a passo lento, e com o lance vago de olhos, aquele ver através de lágrimas, o cismar triste que os infelizes adivinham.

Esperei-o.

Ele abeirou-se de mim e cortejou-me, tratando-me pelo meu nome.

Perguntou-me se naquela casa morara algum tempo o sobrinho do seu condiscípulo e amigo, o ministro de estado António Manuel Lopes Vieira de Castro.

Respondi: «Aqui viveu os mais encantados dias de sua vida».

E, volvidos alguns segundos, prossegui animado pelo aspecto contemplativo do sacerdote: «Esta grande casa avulta-se-me como o túmulo da felicidade dele. Quando daqui saíram as duas almas, Vieira de Castro já não era feliz. Ele tinha a inteligência tão alta como o coração, e devia sentir-se ferido do profético terror de ver cair do pedestal do anjo a mulher que vestira da luz esplêndida do seu amor e de toda a poesia da sua juventude. Vieira de Castro, nos meses que viveu aqui, danificou a sua hombridade de homem. Como vivia absorvido em apaixonada contemplação, e do céu e da soledade se lhe aumentavam os enlevos da vida íntima, o amor sopesou-lhe todas as faculdades, robustecendo-lhe a da soberba de ser amado de quem todas as mais paixões lhe pisava aos pés. A querida de sua alma não o viu descer de tão alto, até ajoelhar-se diante dela. Os homens daquela têmpera, quando se arrependem de ter ajoelhado, erguem-se num ímpeto de dignidade, e quebram o ídolo».

O padre fitou-me com olhar de inteligência e comiseração. Detivemo-nos silenciosos e encostados à gradaria do portal; depois voltámos para a estação onde nos esperava a *Diligência*.

Neste intervalo, o ancião encarou-me com tristeza e disse: «Encontrei uma vez um homem de quem ouvi palavras terríveis e absurdas contra a sociedade. Eu não podia compreender que lampejasse luz de razão naquele homem... Réprobo diante de Deus creio eu que ele haja sido: mas integérrimo juiz dos costumes do seu tempo... isso foi ele, desgraçadamente... Quinze anos depois, as calamidades de Vieira de Castro

dilucidaram-me a escuridão enigmática do homem, que me tinha parecido um peito de ferro a desbordar de crueldade..

E, momentos depois, ajuntou: «Como V. está em Vila do Conde, disponha de duas horas inúteis, e vá à Póvoa, onde tomo banhos, se quiser ouvir unia história em que aparece esclarecido o absurdo pela infernal que lhe derramou a catástrofe desse grande coração. Não falaremos dele senão a sós. Eu creio que no seio de Vieira de Castro as angústias são tantas, que já lá não podem entrar os insultos desta sociedade... que escarnece o marido tolerante, e roça a esponja do fel pelos lábios do homem que aceita o degredo – as mil dores do morrer para a Pátria e Família – com a condição de lhe não duvidarem da honra.

Fui.

E o padre falou assim:

I

Congela-se-me o coração de terror quando este relance pavoroso da minha vida me lembra. Já lá vão quinze anos. Ainda agora há noites em que a irisão me sobressalta, e sempre o meu espírito se estremece com o mesmo confrangimento.

Há quinze anos que eu pastoreava uma vigararia em Trás-os-Montes.

Num dia de Dezembro de 1855 saí da minha residência com destino a ir consoar nos dias festivos do Natal com um abade, meu companheiro da Universidade, o qual residia oito léguas distante. Como os caminhos eram péssimos e mal sabidos do meu criado, perdemo-los na cerração do nevoeiro, e chegámos tarde a um córrego, cujo pontilhão a enchente havia alagado, O único vau possível estava légua e meia afastado.

Era ao fim do dia: seriam quatro horas e meia; mas a noite fechara-se súbita, quando as nuvens se conglobaram ao poente, e uma neblina pardacenta rolou dos fragedos das empinadas serras.

Retrocedemos assustados.

O meu criado tinha visto de passagem, por entre as brumas, alvejar uma casa grande com aspecto senhorial de torres e ameias.

Distava-nos dali obra de meia légua.

Ganhámos a custo a lomba da serra, onde chegámos com noite fechada. Daqui enxergámos luzes trementes ao través de vidraças, e ouvimos o latir de cães.

Apeei, e descí amparado no braço do criado, cujo coração palpitava de medo, não já de ladrões nem de feras; senão de fantasmas e lobisomens, que, no crer e dizer dele, eram vulgares por aqueles despenhos e selvas de castanheiros.

Consoante a minha filosofia me foi acudindo inspirativa, combati as crenças do meu pobre Manuel, cujo excelente espírito foi cedendo passo a passo à razão onnipotente, por modo que afinal incomodava-o mais a perspectiva do frio e fome que o pavor dos fantasmas e lobisomens. Eu, neste receio, não lhe levava vantagem em fortaleza de espírito. Figurava-se-me calamidade superior às minhas forças o ter de pernoitar sobre um chão alagado, e sob o pavilhão do céu tão inclemente.

Nesta conjuntura, ouvimos o ladrar dos cães à nossa esquerda.

A primeira vereda que topámos, na direcção do consolativo sinal de povoado, nos encaminhámos por barrocas lamacentas até entestarmos com um Largo portão de quinta. Manuel aldravou com quanta força lhe dera o contentamento, e esperámos, não sem receio de que os molossos da quinta remetessem contra nós de sobre os estrepes que vedavam o alto muro.

Do parapeito do mirante surgiu um vulto a perguntar-nos o que queríamos. Respondi que era um padre, perdido no caminho de Mirandela, e pedia ao dono daquela casa a caridade de me agasalhar e ao meu criado por aquela noite.

Passado largo espaço, voltou o interrogador, que nos abriu o portão depois de haver acorrentado os cães, e nos meteu à cara uma lanterna de furta-fogo, deixando ver debaixo de cada braço uma pistola de alcance.

Aquietado pela confiança que lhe incutiu a minha cara pacífica, e a tão pacífica quanto estúpida do meu Manuel, o criado caminhou serenamente diante de nós.

Perguntei-lhe como se chamava o dono da casa. Disse-me o nome do fidalgo, e acrescentou que a fidalga estava a morrer ética.

– Nesse caso – tornei eu – queira dizer ao senhor barão que eu não quero causar-lhe o menor constrangimento na situação triste em que está. Basta que S. Ex^a nos mande recolher, que nós sairemos cedo sem perturbar o seu sossego.

Entrei para um salão cujas alfaias eram quatro escabelos de pau com grandes

armas pintadas no alteroso espaldar.

Daí a pouco, fui levado a outra sala mobilada à antiga, com cadeiras de couro marchetadas de pregaria amarela, à mistura com uns tremós doirados e artesoados do reinado de D. João V, segundo me quis parecer. Das paredes pendiam nove retratos de homens, em que predominavam clérigos mitrados, e dos dois que vestiam farda agaloada com hábito de Cristo um dizia o leteiro que tinha sido capitão-mor.

Nesta contemplação me interrompeu o fidalgo.

Era homem de alta e direita estatura: figurava quarenta anos; tinha barbas grisalhas e grandes; ampla testa, e olhos rasgados e negros, impressivos, penetrantes, assustadores. De mim confesso que o fitava a medo, não sei por quê.

Interrogou-me gravemente sobre o ponto de onde vinha e para onde ia. Respondi como cumpria dilatando difusamente as respostas e circunstanciando-as para deste modo captar a benevolência do fidalgo que parecia escutar-me distraído.

Daí a pouco disse dentro uma voz que estava a ceia na mesa.

O senhor ergueu-se, levantou um reposteiro, e obrigou-me a precedê-lo na entrada com gentil ademane de cortêsão.

A mesa era espaçosa de mais para quarenta talheres; mas tinha só dois.

Sentei-me na cadeira que me foi indicada, e comi com a sem-cerimónia muito conhecida dos descortesos e dos famintos.

Durante a ceia substancial, ocorreu-me perguntar-lhe pelo estado de sua esposa; todavia, conteve-me a inoportunidade da ocasião, e o receio de me demasiar em inquirir de senhora quê eu não conhecia, não me sendo semelhante pergunta autorizada pelo silêncio do barão.

Finda a ceia, segui-o ao longo de um corredor, e entrei no quarto que ele me indicou, dizendo:

– Não se deite já que eu preciso talvez do senhor para um acto próprio da sua profissão.

E desandou.

Fiquei a cismar, e sugeriu-se-me logo o pensamento de que eu seria chamado a ouvir de confissão a senhora enferma.

Esperei duas horas, durante as quais rezei as minhas rezas.

Voltou o taciturno fidalgo, e disse laconicamente:

– Há aqui uma mulher doente que se quer confessar.

– Estou pronto a ouvi-la – respondi espantado da segura daquelas palavras tão desamoráveis com respeito a uma esposa doente.

– Siga o criado que o está esperando no corredor – tornou ele.

Saí ao corredor. O criado que me estava esperando era o mais mal-encarado homem que ainda vi na minha vida. Afuzilavam-se-lhe os olhos como brasas. A testa, único espaço alumiado daquela cara barbaçuda, sulcavam-na não sei se cicatrizes se ulcerações da modela. A corpulência era agigantada, e o carregar do sobrolho batia no coração de um homem como o súbito coriscar dos olhos de um tigre que rebenta de entre os carrascais de uni deserto. Os pintores cristãos nunca souberam bosquejar Lúcifer, porque semelhante homem jamais deu nos olhos de artista, que desejasse fazer bem conhecida a plástica do Diabo com feitio de gente.

Segui-o com calafrios, superiores à minha razão que me aconselhava tranquilidade.

Hoje, volvidos quinze anos, conto isto com certo sorriso de fácil coragem; mas, nos primeiros tempos, aquele vulto andava terrivelmente associado ao quadro negro que vou tentar descrever.

II

O medonho guia mostrou-me a porta de um quarto, e resmoneou: – Levante o fecho, e entre.

A primeira vista o que pude estremar das trevas, era um clarão azulado, como de lamparina baça, cuja claridade se esvaecia logo absorvida pela escura algidez da alcova.

Avizinhei-me a passos trémulos da lâmpada, e distingui um leito, e na almofada do leito um vulto. Fixei o que me parecia ser um rosto de criança, e pude entrever um semblante de mulher, com os olhos cravados em mim, olhos que vasquejavam os derradeiros clarões, olhos como devem de ser os dos espectros que surgem subitâneos nas trevas aos perversos que negam Deus e temem os espectros.

– Aproxime-se, senhor. A moribunda sou eu – disse ela com voz rouca, mas serena.

– Deus permitirá que V. Ex^a esteja menos doente do que cuida – balbuciei com uma espécie de terror secreto, pressentimento de alma que já se doía antecipadamente da mágoa que se lhe ia reflectir do singular e imenso suplício daquela mulher.

– Fale baixo que nos escutam – volveu ela ciciando as palavras, e esbugalhando os olhos para a porta.

– Escutar-nos! – repliquei com assombro. – É impossível! Eu fui aqui enviado para ouvi-la de confissão, minha senhora

– Bem sei; mas isso não importa... Quero que me oiça; mas muito baixinho... Vou contar-lhe a minha vida como a Deus; mas não me confesso como a um padre... É a um homem que há-de ter pena de mim, depois de me ouvir; e me há-de fazer um serviço que lhe pede urna agonizante, que crê em Deus; mas não pode crer na religião feita por homens que têm semelhança do algoz que me mata.

Isto dizia ela de afogadilho e febril, mas com abafações e ânsias aumentadas pelo medo de ser escutada.

– Mas não é em confissão que a senhora me quer revelar as culpas que lhe pesam na consciência?! – perguntei.

– Não, senhor; eu não creio na confissão. Do mal que fiz estou perdoada; tenho sofrido todas as torturas deste mundo; se as há no outro, nenhuma pode assustar-me.

O meu dever seria combater a incredulidade desta senhora com os sólidos argumentos de que dispõe a teologia contra mais poderosos adversários; abster-me, porém, de exacerbar o ânimo aflito da enferma por me parecer extemporânea a discussão e reear que o tempo escasseasse ao triunfo, nem sempre pronto, dos bons princípios. Não obstante, repliquei, no intento de encaminhá-la à piedade:

– Se V. Ex^a não quer confessar-se, diga-me que serviço posso fazer-lhe em benefício da sua alma...

– Vá ver se alguém nos escuta... – insistiu ela, apontando para a porta com a mão descarnada.

Fui com repugnância, afigurando-se-me que a minha posição no grémio desta família sinistra ia assumindo certa gravidade e um ar de mistério mais ou menos arriscado. Abri cautelosamente a porta, olhei ao longo do corredor, e nada vi; salvo lá ao cabo um lampião a tremer baloiçado pelas esfuziadas de vento que assobiava no tecto. Fechei a porta, asseverando à enferma que ninguém nos escutava. Ela então sentou-se com violento ímpeto no leito, aconchegou do pescoço, que transpirava, a colcha da cama, bebeu alguns tragos de água, e balbuciou com ansiosas suspensões:

– Casaram-me há seis anos com este homem que me mata. Eu amava outro homem, que não teve coração nem honra que me salvasse de tamanho verdugo. Meu pai

sacrificou-me, cuidando que me felicitava. O homem que eu amava deixou-me sacrificar, porque não tinha peito que suportasse o peso de uma mulher pobre. Vim de Lisboa, onde o dono desta casa era deputado. Vim; e, ao cabo de alguns meses, meu marido arrependera-se de se ter enganado, cuidando que uma mulher simplesmente formosa, mas sem amor, poderia encher-lhe as ambições, e dar-lhe o contentamento que ela não tinha. Saciou-se, enojou-se, aborreceu-me. Não me deu rivais, porque só quem ama se sente ultrajada pelas infidelidades. Eu não conheci rivais: conheci apenas mulheres que nesta casa valiam e mandavam mais do que eu.

Voltou à câmara meu marido. Aqui fiquei, não obstante lhe pedir com muitas lágrimas que me deixasse ir ver meu pai, e meus dois irmãos que tinham vindo da África, onde haviam estado alguns anos negociando. Meu marido demorou-se ano e meio em Lisboa. Neste longo intervalo chorei muito, e só deixei de chorar, quando... quando me vinguei. Compreende-me?

– Quando se vingou? como se vingou V. Ex^a?! – perguntei.

– Vinguei-me... mas foi a paixão que me deu torças... Houve um homem que teve por mim um grande amor e um grande dó. Amei-o. Lutei. Pedi a Deus que me ajudasse, que me fortalecesse. Pedi à alma de minha honrada mãe que me amparasse... pedi a meu marido que me deixasse ir para si ou para a companhia de meu pai... Nem Deus, nem minha mãe, nem meu marido me valeram.. - Sucumbi... A minha culpa foi cega. Confiei-me de uma criada que tinha chorado comigo. Fui atraída. Meu marido teve denúncia da minha queda, e apareceu aqui inesperadamente. Nada me disse. Tratou-me com a mesma frieza, com o mesmo desprezo. Não estranhei. O homem que eu amava, era ainda parente dele e estudava em Coimbra. Tinha o coração cheio de ânsias e desejos da morte. Compreendeu este infeliz que meu marido desconfiava. Quis fugir comigo para Espanha, e eu resisti, mais por amor dele que do meu crédito. O meu cúmplice não podia com o encargo, e iria viver ou morrer miseravelmente em pais estranho.

Passados dias, deixei de ter notícias dele. Imaginei-o já em Coimbra, posto que não fosse tempo de aulas. Correram três meses. Nova nenhuma. A criada que me falava dele, recebido o prémio da traição, tinha fingido que sua família a chamava. Só então ouvi dizer a outra criada que o parente de meu marido desaparecera sem dizer a ninguém o seu destino; e que a família dele vivia consternada com tal sucesso, enviando a toda a parte indagações inúteis.

Seis meses depois que meu marido voltara de Lisboa, soube eu que se estava preparando este quarto por sua ordem. Vim ver as obras, e perguntei-lhe para que era o armário estreito que se estava fazendo nesta parede e para que eram as grades na janela. Meu marido respondeu: «Sabê-lo-á brevemente».

Concluídas as obras, vi que a minha cama era para aqui mudada, com tudo que me pertencia.

Uma noite, meu marido conduziu-me a este quarto. Fechou-se por dentro e disse-me: «A senhora entra aqui de onde nunca mais sairá; e para não estar sozinha, aqui lhe deixo uma adorável companhia com quem pode conversar à sua vontade». E dizendo isto, abriu aquele armário, e apontou para um esqueleto, dizendo: «Aqui tem o seu amante. Abrace-se nele até ficar reduzida ao estado em que lho ofereço para que o possa gozar com toda a liberdade».

Eu caí por terra sem sentidos – prosseguiu ela, limpando as lágrimas, e aspirando com força. – Quando voltei à vida, cuidei que saía de um sonho. Ouvi dar meia-noite. Era tudo escuridão neste quarto. Apalpei à volta de mim. Não conheci onde estava. Continuei apalpando. Pousei as mãos numa coisa fria e áspera que estremeceu. Recuei horrorizada... Eram ossos... eram as costelas do esqueleto. Então acordei... então me

fugiu outra vez a razão com um grito do peito dilacerado. Caí outra vez para diante com a face de encontro aos ossos frios, horrivelmente frios ...

E ela estralejava com os dentes convulsos, e apertava a roupa no pescoço. Após longo espaço, prosseguiu:

– Ao romper do dia, abri uma janela com o propósito de me suicidar. Dei com a face nas grades. Lancei-me à porta que estava fechada por fora, e gritei por socorro. Abriu-se. Vi um criado com um aspecto ameaçador, impondo-me silêncio. Este criado era um criminoso que meu marido acolhera para o salvar da justiça que o perseguia. Era esse mesmo que o trouxe aqui há pouco. É o único ente vivo que eu vejo há dois anos duas vezes por dia, quando me traz alimentos. Foi ele quem matou e espedaçou aquele infeliz...

E, dizendo, apontava para o armário do esqueleto. Continuou:

– Eu quis suicidar-me pela fome. Não pude. Quando as agonias da morte começavam, eu lançava-me vertiginosamente sobre a comida, e devorava-a sem a consciência do que fazia. De outra vez consegui com um garfo romper uma veia; mas o sangue estancou; senti ânsias mortais; envelheci; desfigurei-me, segundo o que sinto, se palpo o meu rosto; que eu há dois anos me não vi num espelho... Não consegui morrer. Voltei-me para Deus com rogos, com desesperadas súplicas. Orei muito, chorei muito, e obtive um grande benefício. Cal num desalento, numa sonolência de moribunda que durou não sei se dias se anos. Depois, quis levantar-me deste leito, e já não pude. Comecei a pedir a Deus a morte, e a senti-la avizinhar-se pela mão da divina caridade. Há-de haver três horas que entrou aqui o confidente do meu carrasco perguntando-me se me queria confessar. Fiquei espantada da religião destes algozes, e respondi que sim; mas o que eu queria, senhor padre – ajuntou ela estendendo para mim impetuosamente os braços – era pedir-lhe que depois da minha morte, faça saber a meus irmãos este miserável fim que eu tive, para que eles me vinguem...

Acabava a infeliz de proferir estas palavras em voz mais desafogada, quando a porta que eu havia fechado por dentro se abriu impelida por um valente encontro.

III

Era o marido.

Faiscavam-lhe áscuas de rancor os olhos injectados. Crispavam-se-lhe os beiços retraídos.

A cólera engasgava-o a ponto de tartamudear estas vozes ejaculadas a trancos:

– Seus irmãos que venham cá e eu lhes contarei a vida da sua honrada irmã!

E ela cobriu os olhos com as mãos, e resvalou para dentro da roupa, como se desejasse cair na sepultura.

Eu caminhei placidamente para aquele homem terrível, abeirei-me dele que me fitava com sobranceira, ajoelhei e disse-lhe com a voz tremente de lágrimas:

– Perdoe-lhe. Deixe-a morrer em paz. Deixe-a experimentar os benefícios da sua compaixão para implorar confiadamente os da misericórdia divina,

Encarou-me de um modo indefinível. Saiu do quarto, e, já fora, murmurou secamente:

– O senhor padre recolha-se ao seu quarto.

Relanceei um derradeiro olhar para o leito; não a vi; mas ouvia o soluçar alto e cavernoso do peito que se esfacelava.

Mal entrei no quarto onde havia de pernoitar, rebentaram-me as lágrimas copiosas. Levantei a Deus o espírito repassado de terror e compaixão, pedindo-lhe que despenasse a penitente, ou radiasse luz de comiseração em tão carniceras entranhas.

Neste lance entrou ele, assentou a mão direita sobre o meu ombro, e disse:

– Aquela mulher vociferou uma infâmia digna da sua desonra, se quis desculpar o seu crime com as infidelidades de que me acusa. A mulher que se vinga do marido, prostituindo-se, cavou a sepultura, e espera que a sociedade ou o marido a sepultem. Eu não a matei. Encarreguei o esqueleto do homem, que a desonrou, da missão de a ir matando lentamente. Olhe que eu amei aquela mulher. Não a seduzi, não a iludi, não a fascinei, nem a disputei a outro. Pedi-a a seu pai. Ele consultou-a; ou fingiu que a consultava. Como quer que fosse, esta mulher veio risonha para os meus braços; chamou-se com orgulho a baronesa de ***; mentiu-me cem vezes acusando-me de ingrato ao seu coração que me estremecia. Afinal, esta mulher crê ainda imperfeita a sua vingança, e na hora extrema invoca os irmãos para que a vinguem. De quê? de que hão-de vingá-la os irmãos? De eu lhe haver matado o amante? Que me responde a sua cristã filosofia?

– Que o terror que V. Ex^a me incute não me deixa atinar com palavras que o comovam... – balbuciei.

– Mas responda, senhor!

– Respondo ajoelhando novamente a suplicar-lhe o perdão da culpada.

– Não posso – bradou ele. – Há dois anos que não saí de dia desta casa, receando que todos saibam da minha desonra. Não posso perdoar-lhe sem que a Providência me desoprima do vexame do meu opróbrio!

– Seria generosidade havê-la matado... – interrompi.

– Bem sei – redarguiu ele – bem sei. Ela sofria cinco minutos de castigo, e eu ficava sofrendo urna vida inteira de vergonha. Eram suplícios incomparáveis! Além de que, se eu a houvesse esmagado debaixo do peso da minha afrontosa desgraça, o mundo santificá-la-ia, lavando-lhe com hipócritas lágrimas os ferretes da cara para que se atendessem somente às manchas de sangue nas minhas mãos de assassino... Compreende isto, padre? Conhece bem a sociedade em que toda a infâmia é uma Convenção, e toda a honra de marido que se desafronta há-de lutar depois com a desonra irritada dos maridos

esporeados pelo zelo devassíssimo das esposas? Conhece o Mundo como Cristo o encontrou há 1855 anos? Sabe o que veio fazer Jesus Cristo à Terra?

– Morrer pela redenção dos que o mataram, senhor.

– Não o percebo!– exclamou ele com um formidável brado, e saiu do quarto...

Eu não pude adormecer. Parecia-me ouvir um gemido longo confundido com o sibilo do nordeste no entramento da casa. Rezei muito por ela.

Ao alvorejar da manhã, vi um criado que perpassava no corredor. Perguntei-lhe a que horas se erguia o fidalgo. Respondeu-me que se havia deitado um quarto de hora antes. Pedi-lhe que mandasse o meu criado sair do seu quarto, e fizesse ao dono da casa os meus cumprimentos com os mais ardentes protestos de eterna gratidão.

Despedi-me assombrado daquela casa, onde se respirava um acre nauseativo de cadáveres. Ardia-me o peito e a cabeça por tal sorte que eu não sentia a chuva glacial daquela manhã de 24 de Dezembro de 1855.

Fecho a minha história com a pedra que cobriu o cadáver da baronesa de ***. No dia 27 de Dezembro me disseram uns pastores convizinhos que a fidalga morrera à hora em que as famílias honradas e felizes se juntavam para receberem as bênçãos dos seus anciãos, e comemorarem com santos júbilos o nascimento do divino Redentor.

Agora dir-lhe-ei qual era o paradoxo, que tal se me figurou há quinze anos. Aquele cruelíssimo homem tinha-me dito: *Se eu a houvesse esmagado debaixo do peso da minha afrontosa desgraça, o mundo santificá-la-ia lavando-lhe com hipócritas lágrimas os ferretes da cara, para que se atendessem somente às manchas de sangue nas minhas mãos de assassino.*

Ora eu entendi a profunda verdade desta cláusula depois que Vieira de Castro, ao cair agonizante sobre a terra onde tem de vasquejar largos anos, matou a esposa, porque a cingia apaixonadamente nos braços da sua alma. Morreu-lhe o coração. Ela não teria morrido, se o infeliz a pudesse arrancar de lá antes de cair.

Concluída a narrativa, o sacerdote deteve-se olhando contra o mar que mugia funebremente nos fraguedos socavados. Depois, levantando para o Céu os olhos húmidos e as mãos trementes, disse:

– Meu Deus, enviai segunda vez à Terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentílica é pior que a de há dois mil anos. Naquele tempo esperava-se; nas entranhas sociais estremecia o pressentimento de um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altíssima Providência! Nada! Mas... voltareis, ó Cristo?

E prosseguiu, corridos instantes:

– Que haverá já agora nesta vida que possa levantar a alma do seu amigo?

– O esteio da dignidade.

Conheci-o quando os horizontes da vida se lhe prefiguravam e realizavam em risonhas prosperidades. O destino, como forçado pelo talento, ajoelhava-lhe. Não o admirei então, senão porque felicidade e génio pareciam dar-se as mãos e concertar-se no plano de o exalçarem onde raro em Portugal subiram grande espírito e grande coração.

Hoje cerram-se contra ele injúrias e trevas.

A luz do seu honrado infortúnio é um reverberar sinistro de uma estrela funesta, cuja claridade lhe banhará a sepultura por esse viver das gerações além. A posteridade de seus irmãos irá aí retemperar sentimentos de pundonor; e os descendentes de meus filhos cuidarão que me vêem absorto entre eles defronte das cinzas de Vieira de Castro.

Vai-se-lhe a vida diluída em lágrimas de sangue. Vai. Mas a página que deixa dirá que a onda da corrupção quando chegou até ele, desfez-se-lhe aos pés. Se a onda lhe revolveu e abriu a terra da sepultura, aqui ou em África, não importa.

Prouvera a Deus que ele não chorasse a felicidade que lhe mataram! Sobre quem mandará Deus que caiam as lágrimas que Vieira de Castro há-de chorar por sua mãe e irmãos? No dia em que ele sair para África, as almas compassivas irão às igrejas pedir ao Altíssimo que alumie o seio do degradado com um raio de misericordioso alento

Deixá-lo ir.

Deixá-lo esconder-se dos olhos desta aviltante piedade que deixou de o apedrejar quando o viu perdido.

FIM

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
